

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ANTENOR SALZER RODRIGUES**

**MACHADO DE ASSIS,
CARACTERES E DESTINOS**

Juiz de Fora
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANTENOR SALZER RODRIGUES

**MACHADO DE ASSIS,
CARACTERES E DESTINOS**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira.
Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira: Tradição e Ruptura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira

Juiz de Fora
2006

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Esdeva – CES/JF
Bibliotecária: Alessandra C. C. Rother de Souza – CRB6-1944**

RODRIGUES, Antenor Salzer.

Machado de Assis, caracteres e destinos. [manuscrito] /.,
Antenor Salzer Rodrigues – Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior
de Juiz de Fora, 2006.

172 p.

Dissertação (Pós-graduação) – Centro de Ensino Superior de
Juiz de Fora (MG), Mestrado em Letras.

“Orientadora: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira”

1. Literatura brasileira. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. I.
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. II. Título.

CDD – B869

FOLHA DE APROVAÇÃO

RODRIGUES, Antenor Salzer. Machado de Assis, caracteres e destinos. Dissertação apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizada no 2º semestre de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Membro convidado 1

Membro convidado 2

Examinado em: ____/____/____.

Conceito: _____

Francino Salzer
Antenor de Paula Rodrigues
Elias Jacob
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor José Ventura, defensor empenhado dos cursos de Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

À Profa. Dr^a. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, orientadora deste trabalho, interlocução fundamental e presença marcante nestas páginas.

Aos professores do Mestrado em Letras, em especial aos doutores Teresa Domingues, Nícea Helena Nogueira, Eliane Vasconcellos, Terezinha Mucci Xavier, Francis Paulina Lopes da Silva e William Valentine Redmond, pelos ensinamentos ao longo desta caminhada.

Aos colegas, pelo convívio saudável e enriquecedor.

Ao Dr. Carlos Alberto Plastino, professor do curso de doutorado do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, cujo interesse por esta pesquisa significou um estímulo extra aos esforços aqui empreendidos.

À Geralda Fonseca Jacob cuja leitura e comentários ampliaram o debate proposto neste trabalho.

À minha mulher, Elimar, pela leitura e comentários.

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
(Gonçalves Dias)

RESUMO

RODRIGUES, Antenor Salzer **Machado de Assis, caracteres e destinos**. 172 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

Machado de Assis dedicou-se ao estudo da psicologia dos caracteres mais típicos da sociedade na qual viveu. Concentrou-se em descrever aspectos marcantes desses tipos e fez do estudo da alma humana o interesse primordial de sua literatura. Assim sendo, perquiriu e descreveu os sentimentos de frieza, ambição, orgulho, volúpia da dor, luxúria, vaidade e impiedade, os quais ele analisou mediante as personagens de diferentes romances. Ao esboçar figuras narrativas inspiradas em seres humanos particulares, atingiu universais tão vívidos que são encontrados ainda hoje na cultura brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Machado de Assis; Caracteres.

ABSTRACT

Machado de Assis has dedicated himself in his literature to the study of part of the Brazilian soul. He engaged himself in researching the types he observed in the society in which he lived, concentrating his attention on the psychological aspects of those characters he wrote about. He has then described feelings such as frigidity, greed, pride, pain, voluptuousness, lust vanity and impiety. He analyzed these characters in different novels. In portraying characters in his narrative inspired by individuals perceived, he reached universality so vividly that we find them today in Brazilian society.

Key-words: Brazilian Literature; Machado de Assis; Characters.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
1 OS CARACTERES DAS PERSONAGENS MACHADIANAS	16
1.1 MACHADO E A INSPIRAÇÃO.....	18
1.2 A OBRA LITERÁRIA.....	21
1.3 O CARÁTER SE FORMA NA INFÂNCIA.....	30
2 A IMPIEDADE: <i>DOM CASMURRO</i>	33
2.1 O TEMA DO ROMANCE	33
2.2 O CIÚME DE BENTO SANTIAGO.....	37
2.3 ESTUDO DA OBRA DOM CASMURRO	42
3 A VAIDADE: <i>QUINCAS BORBA</i>	71
3.1 QUINCAS BORBA, UM LOUCO.....	71
3.2 A VAIDADE EM QUINCAS BORBA	73
3.3 JOGO INTERTEXTUAL: ELOGIO DA LOUCURA , DE ERASMO X QUINCAS BORBA , DE MACHADO DE ASSIS	83
3.4 ESTUDO DO ROMANCE QUINCAS BORBA	85
4 A LUXÚRIA: <i>MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS</i>	94
4.1 O CULTO DO GOZO	94
4.2 O TEMA DA OBRA MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS	97
4.3 ESTUDO DO ROMANCE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS	99
5 O ORGULHO: <i>IAIÁ GARCIA</i>	112
5.1 ESTUDO DA OBRA IAIÁ GARCIA	118
6 A VOLÚPIA DA DOR: <i>HELENA</i>	130
6.1 A VOLÚPIA DA DOR.....	131
6.2 A MELANCOLIA.....	132
6.3 ESTUDO DA OBRA HELENA	134
7 A AMBIÇÃO: <i>A MÃO E A LUVA</i>	148

7.1	ESTUDO DA OBRA A MÃO E A LUVA	149
8	A FRIEZA: <i>RESSURREIÇÃO</i>	158
8.1	ESTUDO DA OBRA RESSURREIÇÃO	158
	CONCLUSÃO	167
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170

APRESENTAÇÃO

Os estudiosos de Machado de Assis têm se empenhado em recuperar o frescor e a atualidade de sua obra monumental, resgatando a contemporaneidade de um autor que descreveu, antes de tudo, parte da alma brasileira. Está aí, pois, a sua atemporalidade. Ao pesquisar e analisar o que havia de mais íntimo e característico nos homens de seu tempo, ele revelou uma essência na qual ainda hoje se pode identificar os tipos próprios de nossa terra.

Testemunha-se, atualmente, um movimento literário que enfatiza a banalidade, promove os livros de auto-ajuda e os romances superficiais que se tornam *best sellers*. Paralelamente, constata-se a ameaça ao livro pelo acesso rápido propiciado pela virtualidade dos computadores e o cultivo da fugacidade e da vulgaridade numa sociedade que atinge o último estágio do capitalismo perverso, que dissemina o fim das relações humanas e o culto do corpo, encerrando o homem em seu restrito espaço biológico. Recuperar, pois, o diálogo de um autor profundo com os tipos de sua época assume contornos de ação urgente e fundamental, uma vez que esse destaca que a vida humana realiza-se nas relações construídas no espaço social.

Durante muitos anos, resisti a uma aproximação ao “bruxo do Cosme Velho.” Influenciado pela atmosfera pretensamente prosaica que ronda os seus livros, olhava suas novelas com distância e adiamento. Pressentia, contudo, que algo profundo e duradouro se estabeleceria entre mim e a sua obra, quando dela me aproximasse. Adiava, entretanto, esse confronto.

O encontro, de fato, deu-se no Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Durante as aulas da Professora Dra. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, fui levado à leitura de **Dom Casmurro**. Profundamente tocado pela sensibilidade machadiana, resolvi concentrar a minha pesquisa nessa literatura que desvela, como nenhuma outra, o caráter do homem e de uma parcela do povo brasileiro.

Como psicólogo, dediquei-me ao estudo da Psicanálise de Sigmund Freud nos últimos 25 anos. Motivado pelas questões que o trabalho clínico e o estudo teórico da

obra freudiana me trouxeram, inscrevi-me no Mestrado em Psicanálise do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, o qual concluí em 2002. Após cumprir os créditos exigidos pelo curso de doutorado em Ciências Humanas e Saúde, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), curso iniciado em 2004, inscrevi-me no Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Pensei, inicialmente, fazer uma leitura psicanalítica de **Dom Casmurro**, contudo, ao expandir a leitura pelos demais romances de Machado de Assis, deparei-me com uma nova possibilidade de pesquisa: a análise dos caracteres das personagens. Esta se tornou, então, o tema da presente dissertação.

Ao analisar as novelas, que são o corpo deste trabalho, percebi um autor marcadamente interessado pela psicologia de suas figuras narrativas. O autor ora destaca-lhes a grandeza e ora, a mesquinharia, além de mostrar que a existência é marcada por um grande mistério, que, antes de ser abandonado, deve ser buscado com toda a solenidade de um segredo religioso, pois nisso consiste a vida.

INTRODUÇÃO

Uma obra aberta e genial, tal como a de Machado de Assis, admite as mais diversas abordagens, de acordo com o observador e/ou a época. É isso que a pereniza e a renova sempre. Assim sendo, pode-se sondá-la do ponto de vista das teorias da Estética, da Estilística e ainda fazer uma série de análises: sociológica dos costumes, histórica das personagens, política dos eventos ali retratados, religiosa da fé ou do ateísmo de suas figuras narrativas, como, de fato, vêm fazendo os seus comentaristas e críticos.

Uma vez que tal obra acolhe tantas e tão distintas aproximações, o objetivo deste trabalho é inquiri-la do ponto de vista dos aspectos psicológicos das personagens, estudando-lhes o caráter e a evolução da ação em decorrência deste, pois tudo indica ser este o objetivo precípua de seu autor.

Um argumento a favor de uma abordagem psicológica da obra é decorrente da própria história profissional de Machado de Assis, que no início de sua carreira literária, havia se dedicado à crítica e ao teatro. O estudo desse material destaca o seu interesse maior no que se refere ao estudo da sociedade coeva e à elaboração dos caracteres das personagens, já antecipando o cuidado em desenhá-los nas novelas, como o fez também em peças teatrais. O seu trabalho como crítico, em colaboração com vários órgãos da imprensa da época, aponta para a atenção e o cuidado com a composição dos tipos humanos, podendo-se afirmar que estudar o homem e o seu ambiente era a sua maior preocupação.

A sua capacidade de observação, de descrição dos comportamentos e condutas, além de indicar interesse pela personalidade humana, nivela-o aos maiores expoentes da literatura mundial, tais como Homero, Shakespeare, Goethe, entre outros autores consagrados a quem ele próprio sempre faz menção. Em seus romances, o foco da história gira em torno da personalidade de suas figuras narrativas e do destino que elas engendram pela força de algum traço de seus caracteres, mostrando que o autor possuía esse dom de ultrapassar as aparências e atingir o âmago dos seres que ele retrata com tanta fidelidade.

A atração do autor pela psicologia humana levou-o, a partir de **Ressurreição** (1872) até **Dom Casmurro** (1900), a explorar uma característica psicológica diferente em cada um de seus romances do período acima delimitado, fragmentando-a em mais de uma personagem. Assim, em cada obra, aparecerão várias figuras narrativas que apresentam o mesmo traço essencial, contudo, em apenas uma, dentre elas, esse ganhará proeminente relevo.

O aspecto anímico de sua obra não foi devidamente valorizado pela crítica literária de seu tempo, que insistia em ver, em suas narrativas, apenas o questionamento moral feito pelo autor e a forte marca dos romances de costumes, embora também houvesse suspeita sobre a existência de algo mais em sua ficção. Os aspectos psicológicos que os críticos ressaltavam, quando o faziam esporadicamente, eram superficiais e se baseavam nos elementos mais evidentes de cada personagem. Esses comentaristas não conseguiam ir além do óbvio e do superficial, uma vez que desconheciam a profundidade da vida mental, a qual Sigmund Freud ainda estava longe de descobrir, quando Machado de Assis começou a publicar seus romances.

Isto se dava, principalmente, pelo fato de o autor, à frente de seu tempo, interessar-se por uma temática que envolvia uma ciência, a Psicologia, cujos estudos estavam se iniciando quando sua obra começou a ser elaborada. Segundo Boring (1979), a data da fundação oficial da Psicologia como ciência é 1875, quando Wilhelm Wundt fundou o primeiro laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig, na Alemanha. O objetivo desse pesquisador não era, entretanto, a vida emocional mas a “percepção” humana como função mental. Wundt interessava-se pelos processos conscientes do conhecimento, tendo sido fortemente influenciado pelos filósofos empiristas ingleses.

Nesse contexto histórico, a compreensão que se tinha da personalidade humana referia-se ainda aos tipos hipocráticos, ou seja, aos quatro tipos de personalidade decorrentes dos humores corporais, a saber: a fleuma, o sangue, a bile e a água. O excesso de alguns desses líquidos no interior do corpo definiria os tipos fleumático, sangüíneo, bilioso e melancólico.

O estudo da Psiquiatria clínica, nessa época, surgia também em países, tais como a França e a Áustria, contudo numa abordagem eminentemente

anátomo-fisiológica. Enquanto isso, Sigmund Freud, o iniciador das teorias da personalidade baseadas nas emoções, era estudante de medicina em Viena e demoraria ainda quase 20 anos para começar os estudos e as publicações sobre a psicologia do inconsciente.

Indagando além das aparências e da superficialidade dos comportamentos sociais, Machado de Assis incumbiu-se da tarefa de revelar o tempestuoso interior humano, ocupando-se, primordialmente, dos caracteres das personagens as quais repetiam seres de carne e osso que arrastavam controvertidas existências na transitoriedade da vida. Faz-se necessário esclarecer, entretanto, que a subjetividade à qual ele pesquisava dizia respeito aos fatos da consciência, não indo além desse limite. No nível consciente, porém, o autor dedicava-se à compreensão daquelas emoções que se fazem presentes ao sujeito e que se insinuam em sua vida de forma irrevogável, determinando seu comportamento. Os aspectos psicológicos que lhe despertavam o interesse, ao contrário dos psicólogos que estudavam as funções mentais, tais como a percepção, a memória e o pensamento, diziam respeito à dicotomia entre as emoções e a razão, entre o espírito e a alma.

Assim, cada um de seus romances explora uma característica que compõe o cabedal das ações e emoções humanas. Em **Ressurreição**, o autor faz um estudo do caráter frio de um homem volúvel; em **A mão e a luva**, destaca a ambição como força motivadora para a manipulação dos fatos da vida; em **Helena**, discorre sobre as dores da alma que se entrega ao sofrimento; em **Iaiá Garcia**, revela a força do orgulho e os efeitos deste naqueles que sofrem a sua influência; em **Brás Cubas**, embora a obra assuma os contornos de um questionamento moral, o autor fá-lo na perspectiva da luxúria e da devassidão desprovida de um sentido duradouro; em **Quincas Borba**, cataloga as diferentes vaidades e a entrega do espírito às superficialidades e à auto-admiração; em **Dom Casmurro**, registra a dissimulação e a luta de um homem entre o bem e o mal, sua derrota e perdição.

Se, entretanto, de cada uma das personagens principais dos sete romances escolhidos para serem estudados nesta pesquisa, o autor destacou um traço do caráter que mais se sobressai, tais como a frieza de Félix, a ambição de Luís Alves e de Guiomar, a melancolia de Helena e Estácio, o orgulho de Estela, a devassidão de Brás Cubas e a vaidade de Rubião. Bento Santiago apresenta-se com uma personalidade

mais complexa, dividida, hesitante entre o bem e o mal, evidenciando-se que este é o motivo de esta personagem ter ganhado um destaque especial neste trabalho. Assim sendo, as obras serão discutidas em ordem inversa à da cronologia das publicações, começando-se por **Dom Casmurro** e finalizando-se com **Ressurreição**.

Cumprе ressaltar que as obras **Esaú e Jacó** e **Memorial de Aires** não farão parte deste estudo, embora façam aparições breves em alguns comentários. Possivelmente, serão trabalhadas em outra oportunidade.

No primeiro capítulo, buscou-se apresentar uma discussão sobre a importância da composição dos caracteres para o autor e o lugar central que esses ocupam na obra machadiana, indicando que os fatos históricos e os acontecimentos ocasionais do cotidiano das personagens são secundários diante das personalidades. Vê-se, nessa forma de criação literária, que os destinos serão engendrados por traços de caráter e não por eventos marcantes ou decisivos para o desenrolar das histórias.

Do segundo até o oitavo capítulo, procurou-se apresentar o tema de cada romance, bem como o destaque dado aos caracteres principais e a discussão do traço de personalidade que originou o mote da trama.

Urge ressaltar que diferentes análises poderiam ter sido levadas adiante a partir da constatação da prevalência da subjetividade das figuras narrativas em detrimento dos fatos históricos. Certamente, estudos voltados para a Sociologia, a Antropologia e a História, envolvendo essas obras, são muito interessantes e produtivos. Neste trabalho optou-se, entretanto, pela análise psicológica das personagens, por se acreditar que esta estava mais próxima dos interesses literários de Machado de Assis.

1 OS CARACTERES DAS PERSONAGENS MACHADIANAS

Neste capítulo, buscar-se-á fazer um estudo sobre os caracteres das figuras narrativas nas obras machadianas, contudo, antes, será focalizada a personagem Édipo, da obra **Édipo Rei**, de Sófocles ([198-?]), pelo fato de ele ser vítima do Destino e não de sua personalidade, de suas emoções e de seu caráter, ao contrário das obras de Machado de Assis.

À entrada do Bosque das Eumênides, em Colono, nos arredores de Atenas, no momento do último acerto de contas com todas as personagens de sua vida que retornavam para o último embate, Édipo, já vislumbrando o próprio fim, faz uma declaração na qual revela a sua triste sina. Quando Creonte, seu ambicioso cunhado e tio, insistia em levá-lo de volta a Tebas e, para convencê-lo, lembrou-lhe o passado, ele declarou:

[...] Quem julgas tu ultrajar com tua insolência? É às minhas cãs ou a ti próprio, que contra mim vomitaste, da tua boca, assassinatos e núpcias: calamidades, que, permanecer contra a minha vontade, sucederam para a minha desgraça? Na verdade, assim aprouve aos deuses, irritados talvez contra a minha casa, desde tempos remotos. Pois em mim não encontrarás crime algum a reprová-lo, por causa do qual tais calamidades tombassem sobre mim e sobre os meus (SÓFOCLES, [198-?], p. 214-215).

Esse discurso revoltado de Édipo pretendia eximi-lo de qualquer responsabilidade sobre os próprios atos. Afinal, fora mero títere, vítima inocente dos deuses que lhe impingiram um destino funesto, reservando-lhe uma sorte macabra e uma vida de inescapáveis dores. Desconhecia-se como o agente daquelas ações portadoras de tantos infortúnios que causaram tantas iniquidades. A personagem, de fato, não fora o agente de sua fortuna, embora fosse o depositário de toda a desdita. Herdara-a de seus antepassados e vira-se aprisionado em um turbilhão de ruínas, as quais testemunhara, alienado de sua consecução.

Édipo, como todos os heróis das tragédias gregas, estava, pois, fadado a cumprir um fado adverso que independia de sua vontade, destacando-se que o seu caráter não

estava em questão. Por conseguinte, eram as suas ações, involuntárias ou não, que o colocavam diante da sorte e encaminhavam o desfecho trágico.

Como ensina a **Arte poética**, de Aristóteles ([199-?]), a matéria-prima da tragédia é o mito e a personagem ideal para o drama trágico não deve ser o homem justo que não merece cair em desgraça, nem o injusto e perverso que passou da boa para a má fortuna. O temor e a compaixão, promovidos pelo drama, são suscitados pela personagem do homem que não se distingue por sua superioridade ou justiça, mas que também não é nem mau nem perverso e ainda torna-se desafortunado por alguma falta cometida, geralmente na ignorância. O tipo ideal da tragédia é aquele que retrata os "homens melhores do que nós", ou seja, aqueles que erraram. Sobre isso, Brandão (1980, p. 50-51, tradução nossa) comenta:

[...] O herói há de ser, por conseguinte, consoante Aristóteles, o homem que, se caiu no infortúnio, não foi por ser perverso e vil, mas por força de *hamartían toá* "de algum erro". No mito bem estruturado, pois, o herói não deve passar da infelicidade para a felicidade, mas, ao revés, da fortuna para a desdita e isto, não porque seja mau, mas por causa de alguma falta cometida. Tal falta, *hamartía*, Aristóteles o diz claramente, não é uma culpa moral e, por isso mesmo, quando fala da *metavolí* da reviravolta, que faz o herói passar da felicidade à desgraça, insiste em que essa reviravolta não deve nascer de uma deficiência moral, mas de um erro [...].

Assim, a partir das considerações apresentadas, pode-se afirmar que, por mais que um indivíduo tente alterar a ordem dos fatos, como no caso de Édipo, ele jamais o conseguirá. Como aconteceu com o infeliz herói tebano, que, ao fugir de seu destino, encontra-o, pois este atinge todos, os bons ou os maus. Os homens, inexplicavelmente, seguem as suas determinações. Por conseguinte, o fio da vida de cada indivíduo se desenrola inexoravelmente. Não adianta esperar esclarecimentos do destino: ele apenas é assim – a autoridade suprema sobre a vida e a morte de cada um. Não explica nada, não ilumina nada. Os homens acompanham, atônitos, o desenrolar de suas decisões.

Urge ressaltar que Édipo é um contraponto perfeito à obra de Machado de Assis, pois, enquanto no drama grego o herói é uma vítima dos deuses e um fantoche do

Destino, nas obras machadianas, a sina das personagens é dada pelas emoções que as dominam, pois estão, muitas vezes, impotentes diante desses arroubos que lhes grassam na alma.

1.1 MACHADO E A INSPIRAÇÃO

Enquanto na tragédia grega a desgraça do herói era dada pela *hamartía*, pela falta que cativava a ira divina, portadora de todas as ruínas para os mortais, em Machado de Assis, o destino irrevogável é dado pelo caráter da personagem. O autor faz uma inversão fenomenal dos fatos da vida para a índole, para o feitio moral e psicológico de suas figuras narrativas, conduzindo seus heróis e suas heroínas ao sabor das paixões humanas. Mas essas personagens não estão à mercê de todas as paixões ao mesmo tempo. O autor, segundo a sua intenção, destaca um caráter, compõe uma personalidade e, desta, dá relevo a um traço marcante que conduz a sorte e determina a ação. Evidencia-se que, tanto nas advertências que faz em algumas de suas obras como em comentários registrados em sua correspondência publicada e na crítica literária que elaborou, encontram-se evidências desse interesse pela confecção do caráter das personagens e da ação decorrente delas.

Historicamente, a luta de alguns escritores e críticos brasileiros, durante a segunda metade do século XIX, consistiu em tentar estabelecer uma tradição e um estilo literário tipicamente nacionais. Nesse contexto, ganhou vulto a obra de José de Alencar, reconhecida por parte de seus contemporâneos como sendo o esforço mais enérgico nesse sentido.

Em seu trabalho crítico, realizado entre o final dos anos de 1850 e durante a década de 1860, o jovem Machado de Assis, entre seus 20 e 30 anos de idade, demonstrava não apenas grande vigor intelectual, como também sensibilidade estética, erudição e compromisso com a causa das letras genuinamente brasileiras. Ele pugnava pelo aparecimento de padrões pátrios de criação artística, mormente, para o teatro e o romance.

As críticas de Machado de Assis publicadas revelam-no um combatente incansável na tarefa de instar os seus contemporâneos a lutarem pelo teatro e pelo romance de raízes brasileiras. Em sua visão, essas atividades artísticas exigiam estudo profundo. Era um trabalho de pesquisa e de busca de estilo próprio.

Nos dias 9 e 23 de abril de 1858, no jornal **O Espelho**, do Rio de Janeiro, ele publicou “O passado, o presente e o futuro da literatura”. Nessa crítica, afirma:

[...] Raros, bem raros, se têm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da convivência perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades nacionais (ASSIS, 2004c, p. 788).

Machado de Assis esclarece que, da literatura ao drama, o trabalho do escritor deveria consistir na investigação de sua realidade, para transformá-la em arte, de preferência, em arte nacional. Ainda na crítica citada anteriormente, acrescenta:

A sociedade, Deus louvado! É uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época! (ASSIS, 2004c, p. 789).

Nessa declaração, o autor revela qual era o seu interesse maior na ficção: o estudo dos caracteres e das situações reais como fonte de inspiração para o ofício da escrita. Será esta, mais tarde, a marca particular de sua obra ao longo de sua carreira de prosador.

Nos dias 25 de setembro, 2 de outubro e 25 de dezembro de 1859, Machado de Assis (2004c) publicou, em **O Espelho**, ensaios críticos com o título “Idéias sobre o teatro” nos quais ele retoma suas reflexões sobre o teatro de raízes nativas e censura a atitude dos dramaturgos da época que ou recorriam às traduções e montagens de peças estrangeiras ou inspiravam-se nelas em seus esforços de produção artística.

Em seu pensamento, ele estava convicto de que a inspiração para a elaboração dramática deveria ser decorrente da observação da sociedade local e do elemento particular, pois o particular, por estar repleto de sentido para a platéia e ser-lhe familiar, seria, outrossim, o portador da essência universal que sensibiliza o público:

Pelo lado da arte o teatro deixa de ser uma reprodução da vida social na esfera de sua localidade. A crítica resolverá debalde o escalpelo nesse ventre sem entranhas próprias, pode ir procurar o estudo do povo em outra face; no teatro não encontrará o cunho nacional; mas uma galeria bastarda, um grupo furta-cor, uma associação de nacionalidades.

A civilização perde assim a unidade. A arte, destinada a caminhar na vanguarda do povo como uma preceptora, – vai copiar as sociedades ultrafronteiras.

Tarefa estéril! (ASSIS, 2004c, p. 793).

No ano seguinte ao surgimento de **Ressurreição**, em 24 de março de 1873, foi publicado, no jornal **Novo Mundo**, o ensaio intitulado “Instinto de nacionalidade”. Neste, Machado de Assis (2004c) destaca o incipiente movimento em prol de uma literatura eminentemente nacional, presente já na segunda geração de escritores brasileiros que havia surgido no rastro de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães. Em sua acurada análise, destaca que o elemento “índio”, por exemplo, já então sobejamente explorado pela poesia, pela literatura e pelo teatro, não trouxe nenhuma contribuição importante à civilização brasileira, de raízes européias. Acrescenta, entretanto, que nem por isso deveria ser banido da ficção, apenas não deveria se constituir em foco central e exclusivo da criação artística nativa. Por conseguinte, o que ele tinha em mente era uma nova fonte de inspiração: a sociedade urbana.

Nesse ensaio, o autor revela sua crença inabalável no fato de que a literatura deve caminhar paralelamente ao estudo e à pesquisa sobre os indivíduos, bem como sobre seus hábitos domésticos, e não ser uma cópia de modelos estrangeiros. Os termos que ele emprega revelam um pensador preocupado com o fazer artístico, com o exame e a investigação da realidade imediata ao escritor. Ainda nesse texto, Machado de Assis (2004c, p. 804) afirma:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Ressalta-se que, embora esteja tratando da crítica literária, o autor reconhece que a análise das paixões e a composição dos caracteres são os labores mais árduos da ficção. Isso demonstra o que orientava seu interesse também como ficcionista, além do que, esses elementos já se encontravam presentes em sua recém-inaugurada atividade de romancista:

Pelo que respeita a análise de paixões e caracteres são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer a crítica; alguns há, porém, de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação, que, ainda em literaturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior número (ASSIS, 2004c, p. 805).

Pode-se presumir, pois, que as obras machadianas trazem esse traço expressivo de um escritor voltado para a observação, a análise e o estudo dos tipos circundantes na composição de suas histórias.

1.2 A OBRA LITERÁRIA

Barreto Filho (2004a, p. 97), no texto intitulado “O romancista”, escrito em 1947, destaca o interesse de Machado de Assis sobre a composição dos caracteres do seguinte modo:

Ressurreição, embora fraco, tecido de situações vulgares, tiradas ao ambiente do romantismo europeu, é uma curiosa tentativa de romance psicológico. Deslocando o interesse do acontecimento objetivo para o estudo dos caracteres, essa novela aparecia numa linha diferente e conserva para nós um indiscutível ar de modernidade. Ainda mergulhado na influência do ambiente, muitos traços do romance machadiano já se definem. O livro é feito sob a invocação de uns versos de Shakespeare, a propósito da indecisão e da dúvida, que nos fazem perder o bem que poderíamos obter, pelo medo de alcançá-lo.

Nesse comentário, o autor ainda salienta que o interesse de Machado de Assis pelo romance psicológico, o qual aparece em sua primeira obra, fica em suspenso temporariamente e só reaparece no estilo do “bruxo do Cosme Velho” tempos depois, a partir da publicação de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, como se pode verificar a seguir:

Já está aí em germe o processo que se desenvolverá, ampliando-se a partir de **Brás Cubas**.

Por enquanto, é a descoberta de um filão, que ainda por muito tempo não será devidamente aproveitado. Os outros romances que se seguem, *A Mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, representam uma regressão aos moldes existentes. Triunfa neles a tendência *vitriana*, volta a predominar a influência do ambiente, o esforço para julgar o impulso de penetração psicológica, e substituí-lo pelo jogo das situações romanescas, desenrolando-se no belo quadro social do segundo reinado (ASSIS, 2004a, p. 98).

Machado de Assis, certamente, não concordaria com as afirmações de Barreto Filho. Em primeiro lugar, seu interesse sempre foi pelos caracteres, pela psicologia das personagens, pelos sentimentos e traços de personalidade que definiam os rumos e os destinos em seus romances. Em segundo, em todas as suas novelas, ele repetiu a fórmula que havia criado para a própria ficção: o estudo de um traço de caráter. A sua proposta literária é bem clara, como ele próprio revela na seguinte observação, na “Advertência de 1874”, presente no segundo romance publicado, **A mão e a luva**:

ESTA NOVELA, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor. Se a escrevera em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que aí ficam esboçados. Convém dizer que o desenho de tais caracteres, – o de Guiomar, sobretudo, – foi o meu objeto principal, se não exclusivo, servindo-me a ação apenas de tela em que lancei os contornos dos perfis. Incompletos embora, terão eles saído naturais e verdadeiros? (ASSIS, 2004a, p. 198).

Ainda nesse romance, o autor não deixa dúvidas sobre as motivações pessoais que influenciavam seu estilo literário. A certa altura da história, o narrador declara:

Não será preciso dizer a um leitor arguto e de boa vontade... Oh! Sobretudo de boa vontade, porque é mister havê-la, e muita, para vir até aqui, e seguir até o fim, uma história como esta, em que o autor mais se ocupa de desenhar um ou dous caracteres, e de expor alguns sentimentos humanos, que de outra

qualquer cousa, porque outra cousa não se animaria a fazer (ASSIS, 2004a, p. 228).

Cumpramos ressaltar que dois anos antes, na “Advertência da primeira edição” de seu romance inaugural, **Ressurreição**, publicado em 1872, Machado de Assis, (2004a, p. 116) tece comentários sobre sua inspiração para o romance e seu objetivo na escrita, como se pode verificar a seguir:

Minha idéia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare:

*Our doubts are traitors,
And make us lose the good we oft might win,
By fearing to attempt*

Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dous caracteres; com esse simples elemento busquei o interesse do livro. A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobretudo se o operário tem jeito para ela.

É o que peço com o coração nas mãos.

Assim, pode-se afirmar que o intuito do autor não era outro além do esboço dos caracteres. Não estava interessado nem nos costumes nem nas tramas rocambolísticas. Seu objetivo era estudar o jogo de forças que se estabelece quando duas personalidades diferentes se enfrentam e tomam o destino nas próprias mãos, tornando-se cúmplices da fatalidade ou da ventura. Vale lembrar que ele é bem explícito sobre isso, podendo-se comprovar a afirmação na seguinte passagem da obra **Ressurreição**, em que o narrador, após o desenlace entre Félix e Lívia, comenta:

Assim, pois, era ele o artífice do seu próprio infortúnio, com as suas mãos reunia os elementos do incêndio em que viria a arder, se não na realidade, ao menos na fantasia, porque o mal que não existisse depois, ele mesmo o tiraria do nada, para lhe dar vida e ação (ASSIS, 2004a, p. 160).

Percebe-se também, claramente, pela citação apresentada, a profunda compreensão que Machado de Assis possuía dos processos psicológicos. Ao destacar a presença da “fantasia” no psiquismo, ele rompe com a concretude do real e reconhece que antes de tudo haveria algo da subjetividade humana, determinando a realidade em que o sujeito se insere.

Vê-se, pois, que é a psicologia das personagens que determinava o interesse de Machado de Assis. É o mundo interior com a sua interferência na realidade exterior que o motivava a perquirir as ações humanas.

Assim sendo, constata-se que o movimento, em seus romances, nada mais é do que a conseqüência dos perfis dos caracteres. Como destacado em toda a sua obra literária, os caracteres são sempre os agentes da ação e o desfecho desta, decorrente de um traço marcante do(s) protagonista(s). Outrossim, as tramas machadianas se desenvolvem e se resolvem em conseqüência desses traços de caráter das personagens, não tendo nem o destino nem a história qualquer participação na evolução e na conclusão dos acontecimentos. Acrescenta-se a isso o fato de o autor estar também convicto de que o cabedal das situações humanas não é vasto. As circunstâncias dão pluralidade a esses episódios que se repetem inesgotavelmente. Assim, na obra **Quincas Borba**, quando Rubião foi levado para o estabelecimento que trata de doentes mentais, seu cão, Quincas Borba, tentou ir junto com o amo:

LÁ FICOU O HOMEM. Quincas Borba tentara entrar na carruagem que levou o amigo, e porfiou em acompanhá-la, correndo; foi necessária toda a força do criado para agarrá-lo, contê-lo e trancá-lo em casa. Era a mesma situação de Barbacena; mas a vida, meu rico senhor, compõe-se rigorosamente de quatro ou cinco situações, que as circunstâncias variam e multiplicam aos olhos (ASSIS, 2004a, p. 800).

Também, em sua correspondência, encontram-se algumas alusões à importância e ao cuidado com a construção dos caracteres, denotando que, desde cedo, em sua vida, este já era o seu interesse precípua.

Machado de Assis, em torno de 24 anos, em uma carta escrita por volta do ano de 1863 a Quintino Bocaiúva, indaga sobre a conveniência de publicar duas peças teatrais, *O caminho da porta* e *O protocolo*, que, de fato, vieram a lume nesse ano. Essas peças já haviam recebido aplausos do público, contudo uma crítica não muito favorável da imprensa as julgara “simples tentativas de autor tímido e receoso” (ASSIS, 1955, p. 7).

A questão que Machado de Assis colocava ao crítico, seu interlocutor, é a da validade da transposição de uma obra (uma peça teatral) para um outro veículo (um livro). Ele declarava, então, que o trabalho criativo é árduo e exige, dentre outras

coisas, o estudo profundo dos caracteres e a observação da sociedade. Dessa forma, dedicava-se a essa tarefa como se fosse também um psicólogo. Esse fato pode ser constatado em seu depoimento:

[...] Tenho o teatro por coisa mais séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. – Caminhar destes simples grupos de cenas à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero – eis uma ambição própria do ânimo juvenil e que eu tenho a imodéstia de confessar. – E tão certo estou da magnitude da conquista que me não dissimulo o longo estádio que há percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverá, menos superáveis e tão sutis, que ainda as não posso ver. – Até onde vai a ilusão dos meus desejos? (ASSIS, 1955, p. 7-8).

Quintino Bocaiúva respondeu a carta, elogiando a decisão de Machado de Assis de publicar suas comédias. Reconhecia o talento do jovem escritor e instou-o a submeter-se ao julgamento do público leitor. Exaltou-lhe também a opção pelo teatro, por considerar este o melhor veículo para influenciar os homens, tornando-os melhores, pois, “A idéia é uma força” a ser inoculada no seio das massas, a fim de purificar-lhes o sangue e levá-las ao aprimoramento espiritual. Segundo Bocaiúva, a aspiração humana pela grandeza deve ser, antes, o desejo da bondade. Ele lembra, ainda, que apenas a virtude eleva o espírito do ser humano. Mas, se era um entusiasmado com o teatro, percebendo-o como veículo de aperfeiçoamento espiritual, e com o talento do jovem dramaturgo, “belamente dotado pela Providência”, o mesmo não acontecia em relação às comédias, sobre as quais afirma:

[...] As tuas duas comédias, modeladas ao gosto dos provérbios franceses, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espírito, a profusa riqueza do teu estilo. Não inspiram nada mais do que simpatia e consideração por um talento que se amaneira a todas as formas da concepção. – Como lhes

falta a idéia, falta-lhes a base. São belas porque são bem escritas. São valiosas, como artefatos literários, mas até onde a minha vaidosa presunção crítica pode ser tolerada, devo declarar-te que elas são frias e insensíveis, como todo o sujeito sem alma. – Debaixo deste ponto de vista, e respondendo a uma interrogação direta que me diriges, devo dizer-te que havia mais perigo em apresentá-las ao público sobre a rampa da cena do que há em oferecê-las à leitura calma e refletida. O que no teatro podia servir de obstáculo à apreciação da tua obra, favorece-a no gabinete. As tuas comédias são para serem lidas e não representadas. Como elas são um brinco do espírito, podem distrair o espírito. Como não têm coração, não podem pretender sensibilizar a ninguém (BOCAIUVA, 1955, p. 10-11).

Nessa época, Machado de Assis mantinha-se amigo e correspondente de vários críticos literários, tendo ele próprio desenvolvido essa atividade em vários jornais e revistas durante muitos anos, conforme já relatado anteriormente. A crítica surgiu, então, como um elemento fundamental para o processo criativo do autor.

Em 1868, ele publicava seu trabalho de crítica literária no jornal **O Correio Mercantil**, do Rio de Janeiro. Então, em carta aberta de 22 de fevereiro de 1868, José de Alencar, por meio desse crítico, comunica aos leitores a visita do poeta Castro Alves à cidade e lamenta não ser Hugo ou Lamartine para dar digna recepção ao jovem poeta baiano. Declara carecer do talento da nova geração de versejadores para estar à altura dos dotes de seu ilustre visitante. Ao citar os nomes de destaque da poesia de seu tempo, lastima o destino adverso de muitos que se viram privados da poesia em decorrência de vários fatores.

Na ocasião, Castro Alves lera para Alencar uma de suas primeiras peças teatrais – *Gonzaga* – que já havia sido encenada na Bahia e recebera aplausos do público e da crítica. O drama em questão inspirou-se na história revolucionária de Minas Gerais.

No dia 1º de março de 1868, Machado de Assis (1955, p. 20) publicou, nesse jornal, a resposta a essa carta. Nas primeiras linhas, registrou uma exaltação ao escritor:

Exmo. Sr. – É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do Sr. Castro Alves não

podia ter mais feliz intróito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre.

Machado de Assis havia lido, atentamente, a peça escrita por Castro Alves. Na análise que empreende, especificamente na avaliação referente à ação, aponta vários aspectos essenciais a uma obra teatral: avalia o drama histórico em questão, sempre de olho na composição das personagens, sobre as quais comenta uma a uma. Ciente de que cada veículo literário impõe suas próprias regras, afirma:

[...] A história nas suas mãos não foi um pretexto; não quis profanar as figuras do passado, dando-lhes feições caprichosas. Apenas empregou aquela exageração artística, necessária ao teatro, onde os caracteres precisam de relevo, onde é mister concentrar em pequeno espaço todos os traços de uma individualidade, todos os caracteres essenciais de uma época ou de um acontecimento.

Concordo que a ação parece às vezes desenvolver-se pelo acidente material. Mas esses raríssimos casos são compensados pela influência do princípio contrário em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da ação; ela é vigorosa e interessante em todo o livro; patética no último ato. Os derradeiros adeuses de Gonzaga e Maria excitam naturalmente a piedade, e uns belos versos fecham este drama, que pode conter as incertezas de um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejável estréia (ASSIS, 1955, p. 29).

Como o autor ressalta, o perfil do caráter determina o perfil da ação. Ele, aqui, refere-se ao teatro, contudo sua literatura jamais se afastou dessa máxima que marcou, definitivamente, sua criação artística. Os seguintes comentários feitos sobre a obra de Castro Alves revelam uma outra qualidade marcante de seu estilo: a economia de palavras, as imagens, as descrições e as figuras de linguagem que caracterizam sua obra literária:

Dir-se-á que eu só recomendo belezas e não encontro senões? Já aponte os que cuidei ver. Acho mais – duas ou três imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução suscetível de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da forma? Que as demasias do estilo, a exuberância das

metáforas, o excesso das figuras devem obter a atenção do autor, é coisa tão segura que eu me limito a mencioná-las; mas como não aceitar agradecido essa prodigalidade de hoje, que pode ser a sábia economia de amanhã? (ASSIS, 1955, p. 31).

Para Machado de Assis, os caracteres e os sentimentos são a matéria-prima primordial da criação literária. A intenção de evitar ações mirabolantes e descrições alongadas aparece na seguinte passagem de **Memórias póstumas de Brás Cubas**: quando o herói retornou de sua viagem à Europa, ele se eximiu de descrever a travessia e os detalhes, bem como as experiências particulares que vivera quando retornou ao Brasil. Fê-lo para economizar palavras e manter a dramaticidade da história. Esta ficaria mais intensa e sustentaria o movimento se ele não distraísse o leitor com passagens amenas e dias intermináveis no mar. Naquele momento, urgia apressar a narrativa, então, ele o fez. Assim, o defunto resumiu aquele dramático momento de sua vida:

Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou o autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público *in-folio*, mas *in-12*, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas ... principalmente vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo (ASSIS, 2004a, p. 544).

A preocupação com os caracteres das personagens será, pois, o ponto marcante dos romances de Machado de Assis, que abdicará das descrições rebuscadas, dos ambientes, dos vestuários. Evitará declinar menus, perfumes, sabores. É como se os sentidos não fizessem parte de sua literatura que se recusaria sensualista em sentido amplo. Foca-se nos caracteres, nas emoções e nos embates do espírito. O autor procura descrever a essência humana mediante os sentimentos fundamentais, destacando sempre o que determinado sentimento, quando assume o controle da personalidade, promove numa vida, em que, embora o destino se insinue, capitula diante da paixão que decide o rumo da história. Assim, a frieza, a ambição, a volúpia pela dor, a luxúria, a vaidade e a impiedade são os temas que ele apresenta e discute

em seus romances, destacando as várias facetas desses traços de caráter, presentes em algumas de suas personagens.

Ressalta-se que os acontecimentos históricos não alteram o destino das figuras narrativas. A ação pode se passar tanto no primeiro como no segundo reinado; não importa se aconteceu uma guerra, se houve a abolição da escravatura ou se foi proclamada a República. Todos esses fatos passam pelas tramas como um eco distante, deixando as personagens à mercê de seus sentimentos mais profundos. Estes sim, os sentimentos, serão os tecedores da teia onde se desenrola o drama. Os fatos são meros pontos balizadores da passagem do tempo. No caso de *Brás Cubas*, a Independência do Brasil serviu apenas de pano de fundo para sua primeira paixão amorosa e nada mais, como se pode verificar a partir do seguinte relato:

Vi-a pela primeira vez no Rocio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, uma festa de primaveras, um amanhecer da alma pública. Éramos dous rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras. – Segue-me, disse ela ao pajem. E eu segui-a, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada, deixei-me ir namorado, vibrante, cheio das primeiras auroras. A meio caminho, chamaram-lhe “linda Marcela”, lembrou-me que ouvira tal nome a meu tio João, e fiquei, confesso que fiquei tonto (ASSIS, 2004a, p. 533).

Não se pretende, neste trabalho, ignorar as análises políticas e sociológicas passíveis de serem feitas na obra machadiana. Os fatos políticos, as contradições sociais, a situação econômica das diferentes classes da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX também foram objeto da preocupação e da reflexão do autor. Ao se destacar o interesse pela psicologia das personagens como o objetivo precípua de Machado de Assis, espera-se chamar atenção para um dos aspectos mais fundamentais de sua obra, nem sempre considerado.

1.3 O CARÁTER SE FORMA NA INFÂNCIA

Se o traço mais importante para a sua obra era o caráter das personagens, Machado de Assis não tem dúvidas de que este não só determina o destino como também se delinea desde a infância. Em **Ressurreição**, o narrador tece o seguinte comentário sobre o caráter de Viana, irmão da viúva Lívia:

Viana era um parasita consumado, cujo estômago tinha mais capacidade que preconceitos, menos sensibilidade que disposições. Não se supunha, porém, que a pobreza o obrigasse ao ofício; possuía alguma coisa que herdara da mãe, e conservara religiosamente intacto, tendo até então vivido do rendimento de um emprego de que pedira demissão por motivo de dissidência com o seu chefe. Mas estes contrastes entre a fortuna e o caráter não são raros. Viana era um exemplo disso. Nasceu parasita como outros nascem anões. Era parasita por direito divino (ASSIS, 2004a, p. 120).

Assim, também Guiomar, personagem da obra **A mão e a luva**, desde pequena, desenvolveu os traços que compunham seu caráter adulto. Ao relatar a história de sua infância, o narrador comenta:

Com o tempo, avultou outra causa de tristeza para a pobre viúva, ainda mais dolorosa que a primeira. Na idade apenas de dez anos, tinha Guiomar uns desmaios de espírito, uns dias de concentração e mudez, uma seriedade, a princípio intermitente e rara, depois freqüente e prolongada, que desdiziam da meninice e faziam crer à mãe que eram prenúncios de que deus a chamava para si. Hoje sabemos que não eram. Seria acaso efeito daquela vida solitária e austera, que já lhe ia afeiçãoando a alma e como que apurando as forças para as pugnas da vida? (ASSIS, 2004a, p. 215-216).

Assim, percebe-se que os traços do caráter de Guiomar, bem como a sua disposição ao silêncio e a determinação à austeridade, já estavam delineados desde a sua meninice. Além dessa faceta de sua personalidade, o apego ao luxo, que marcou a sua vida adulta, também surge em sua infância, quando ela viu passar um grupo de

jovens arrastando lindos vestidos e belas jóias e desejou tudo aquilo para si. Esses sentimentos seriam a essência de sua ambição posterior.

Estela, de **laiá Garcia**, relata: “Meu pai já me achava, em pequena, uns arremessos de orgulho”, que tomaram posse de sua personalidade e determinaram o desenrolar dos fatos (ASSIS, 2004a, p. 504). As vidas de Jorge, da própria Estela e de laiá seguiram um rumo que foi determinado, em última instância, pelo caráter orgulhoso dessa personagem.

Em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o caráter devasso e lúbrico do protagonista já se define também ainda na infância. Desde novo, ele se interessou por assuntos de sexo e, ao surpreender e revelar o encontro amoroso de D. Eusébia e do Dr. Vilaça atrás de uma moita, o autor já apontava algumas pistas para o que estava por vir em seu destino. O defunto relata, ainda, em suas memórias, que Quincas Borba, desde menino, fora vaidoso. Quando brincava era sempre o imperador, o general, o ministro. Escolhia algo de magnânimo para representar. Esse fato, certamente, já significava o prenúncio de seu delírio megalomaniaco que o levou a se considerar o maior dos homens, quando a morte o encontrou.

Na obra **Esaú e Jacó**, os dois irmãos começaram a brigar ainda no útero materno. Desde crianças, nunca se deram bem e esse sentimento de fúria marcou os seus dias.

Ressalta-se que o interesse de Machado de Assis pela psique não passou despercebido de alguns de seus amigos. Quando ele tinha 68 anos de idade, de Nova Friburgo, José Veríssimo ressaltou, em carta de 25 de agosto de 1900, traços de sua personalidade, nos quais transparecem esse seu profundo interesse pela alma humana. Segundo ele,

[...] – Não se passa um dia que me não lembre de você. E quando passeio nas belas alamedas deste formoso parque, imagino-o a meu lado, como um Platão, a me dizer das gentes e das coisas. – Você não é um admirador da natureza; o que lhe interessa é a vida humana e o homem, as suas paixões e idéias; mas seria sensível a um dia “glorioso” como este (VERÍSSIMO, 1955, p. 161).

Pode-se presumir, pois, pelas palavras de José Veríssimo, que o interesse de Machado de Assis pela psicologia humana, retratado em seus romances, acompanhou-o por toda a sua vida

2 A IMPIEDADE: *DOM CASMURRO*

Neste trabalho, busca-se analisar o romance de Machado de Assis, **Dom Casmurro**, do ponto de vista de uma reflexão do autor sobre a *impietade* humana, a maldade que grassa no coração dos homens. Um traço de caráter que engendra um destino e dissemina a ruína por volta de si mesmo.

2.1 O TEMA DO ROMANCE

Quando **Dom Casmurro** veio a lume, em fevereiro de 1900, Capitolina – nomeada Capitu pelo narrador – logo atraiu a atenção masculina e o romance foi consagrado como uma história de adultério protagonizada por ela. No dia 19 de março desse ano, José Veríssimo, grande amigo de Machado de Assis, publicou uma crítica ao livro, no **Jornal do Comércio**. Após fazer uma análise estética da obra, afirmando que esta suscitava uma “emoção intelectual” e não “sentimental”, ressaltou também que o escritor, mesmo vindo do Romantismo, desconhecia o sentimentalismo dessa escola literária, à qual, inclusive, repugnava. Sobre as personagens principais da trama machadiana, Capitu e Bento Santiago, o crítico relatou:

Não sei se acerto, atribuindo malícia ao pobre Bento Santiago, antes que se fizesse Dom Casmurro. Não, ele era antes ingênuo, simples, cândido, confiante, canhestro. O seu mestre – formoso e irresistível mestre! – de desilusões e de enganos, o seu professor, não de melancolia, como outro que inventou o autor de um certo *Apólogo*, mas de alegria e viveza, foi Capitu, a deliciosa Capitu. Foi ela, como diziam as nossas avós, quem o desasnou, e, encantadora Eva, quem a ensinou a malícia a esse novo Adão. Somente haveria nele adequadas disposições para receber a agradável doutrina. Também eu duvido que dele sejam as reflexões, as considerações, a luz a que vê as coisas do seu passado. Dom Casmurro traiu e caluniou o Bentinho, o bom menino, o filho amante, o rapaz inocente e respeitoso, o estudante aplicado, o jovem piedoso, o namorado ingênuo, o amigo devotado e confiante, o marido amoroso e crédulo (VERÍSSIMO, 2003, p. 226).

Para Veríssimo, Bento Santiago era a encarnação da perfeição. Era o novo “Adão” à mercê da maliciosa “Eva”. Deveria ter lido o livro mais duas vezes, para não se deixar seduzir pela farsa casmurriana. Mas ele não estava só. A falta de reflexão masculina, no que diz respeito às questões amorosas, induz à repetição desse comportamento até os dias de hoje.

Ainda, nessa época, J. dos Santos (2003, p. 230) também publicou uma crítica ao romance no jornal **A Notícia** nos dias 24 e 25 de março de 1900. Nesta, ele se concentrou, além dos comentários estilísticos, na análise das principais personagens da história. Para ele, o sentido da vida de Dom Casmurro era o amor de Capitu. Sobre isso, afirma:

[...] Toda a sua existência resumiu-se em amar Capitu. As ocorrências da sua vida só tinham para ele valor no que a ela interessavam. Precisamente, porém, todo o empenho da moça consistia em ocultar a um marido naturalmente confiante e um pouco ingênuo o que havia de mau nas suas relações com o amigo.

Como se pode constatar, Bento Santiago enganou todos. Acumpliciado pela cegueira masculina, condenou Capitu diante de jurados viciados e tendenciosos. Dessa forma, intencionalmente ou não, Machado de Assis registrou, em seus romances, o eterno conflito do homem em relação à mulher: de um lado, imagina-a casta; de outro, entrega-se ao ciúme e à desconfiança. Desvela o autor, também, em sua obra, a prontidão dos homens a suspeitar de todas e de cada uma das mulheres que adquirem um significado especial em suas vidas.

Percebe-se que, desde **Ressurreição** – quando a viúva Lúvia é ultrajada pela desconfiança de Félix – a suspeita se torna uma marca eminentemente masculina. Outras cenas semelhantes virão com o tempo. Em **Quincas Borba**, o Dr. Falcão não tem dúvidas de que D. Fernanda, com seu interesse humanitário por Rubião, teria vivido com ele um romance: “Quem sabe se D. Fernanda não suspirou também por ele? Essa dedicação não seria um prolongamento de amor, etc.?” (ASSIS, 2004a, p. 783). Em **Esaú e Jacó**, quando Natividade e sua irmã Perpétua retornam da casa da cabocla Bárbara, um transeunte pede-lhes esmola para as almas. Natividade, sem hesitação, retira dois contos de réis e deposita na bandeja para os donativos que ele segurava. O

homem das esmolas: “Sem rodeios, supôs que as duas senhoras vinham de alguma aventura amorosa [...]” (ASSIS, 2004a, p. 952). Em **Memorial de Aires**, mostra que quando, certo dia, o Conselheiro encontra a viúva Fidélia na rua, suspeita de algum *affair* amoroso furtivo dela. Mais à frente, ele tenta dissimular a atração que essa mulher exercia sobre ele.

Quando Machado de Assis escreveu seus romances, é bem possível que o interesse pelos aspectos da conduta masculina não exercesse grande influência sobre a crítica literária, ou mesmo, pelos nascentes estudos da Psicologia. Atualmente, entretanto, é impossível ignorar esse dado na composição das personagens e nas análises feitas sobre elas. As contribuições da Psicanálise de Sigmund Freud, que trouxe para o primeiro plano as vicissitudes do desejo humano, permitem presumir que o desejo masculino corrompe a imagem da mulher: ele a deseja santa, mas a quer prostituta. Essa dicotomia fundamental do desejo masculino é retratada por Machado de Assis, independente de ter ele esse objetivo ou não. Isso se dá em decorrência da profundidade de suas observações sobre os seres humanos e de seu brilhantismo ao retratá-los.

Compreende-se, dessa forma, porque a crítica literária masculina da época, ainda não alertada para a impregnação do juízo pelas características machistas de seus realizadores, deu asas às fantasias eróticas que lhes povoavam a alma e embaçavam a vista. Uma vez que não havia ainda nenhum conhecimento científico sobre o assunto, a delicada abordagem das personagens femininas ficava comprometida. Em decorrência disso, desde então, a figura de Capitu trouxe a marca da mulher adúltera e Bento Santiago, a do marido traído.

Ainda, na atualidade, o tema do suposto adultério continua atraindo a atenção masculina. Em 26 de janeiro de 2005, no número 1889 da revista **Veja**, Millôr Fernandes publicou um artigo, intitulado “O outro lado de **Dom Casmurro**.” O destaque de sua crítica se concentra na vida sexual das principais personagens do romance, como se pode verificar no seguinte relato:

Publiquei, através dos anos, no **Estadão**, no **O Dia**, e no **Jornal do Brasil** – ao todo aproximadamente dois milhões de exemplares – “pesquisa” sobre **Dom Casmurro**, a obra magna de Machado de Assis. Como minha página era capa exterior dos jornais citados, e o assunto era picante – **se** Escobar, “herói” do

romance, tinha ou não comido a Capitu, eterna e tola discussão entre beletistas –, devo ter alcançado pelo menos cem mil desprevenidos. Bom, não apenas mostrei que Escobar comeu a Capitu, como não sei não, acho que tirei Dom Casmurro do “armário” (FERNANDES, 2005, p. 35).

Como se pode observar, a pecha de mulher adúltera e de uma trama sobre a traição feminina ainda ronda Capitu e o romance machadiano.

Destaca-se que também Carlos Heitor Cony faz eco a essa concepção, ao acreditar e que a história de **Dom Casmurro** teria sido, na verdade, plágio do romance vivido entre Machado de Assis e a mulher de José de Alencar. Vale lembrar que ele também divulga o fato. Desse relacionamento clandestino, teria nascido Mário de Alencar que Cony, repetindo Humberto de Campos, diz ter sido epilético como o pai. Em entrevista à revista **Entre Livros**, um exemplar de junho de 2005, ele declarou que Humberto de Campos registrou, em suas memórias, a revelação, a seguir, feita pelo médico de Mário de Alencar:

No livro, ele conta que foi ao médico e que, quando entrou, este falou para ele: “Se você tivesse chegado um pouco antes ia encontrar seu colega, Mário de Alencar”. E daí ele pergunta: “Mas Mário de Alencar está doente?”. E o médico: “Mas você não sabe? Ele é epilético”. Daí ele diz: “Epilético? Mas como?”. E o médico: “O pai dele é”. E Humberto de Campos pergunta: “O pai dele?” e o médico: “O pai dele é Machado de Assis”. Curiosamente, todas as cartas de Mário de Alencar para Machado de Assis começavam assim: “Meu querido papai”. Todo mundo tomava isso como se fosse uma demonstração de apreço apenas. E tem uma coisa: Mário de Alencar não tinha obra para entrar na Academia. Entrou por força de Machado de Assis. Ele impôs a vontade dele. Ele era amigo de José de Alencar, que era casado com uma inglesa, e nunca ninguém soube de nada. Se você reler *Dom Casmurro* pensando nisso, verá o livro de outra maneira (CONY, 2005, p. 25).

Assim, estigmatizado por visões desse tipo, o romance **Dom Casmurro** passou a ser entendido como uma história sobre o amor do marido abnegado e da mulher infiel. Aqueles que duvidaram desse estereótipo não fugiram, entretanto, da convicção de que a história estava centrada no amor por Capitu e no ciúme decorrente dele. De fato, o sentimento de ciúme ocupa um lugar central na trama, contudo seria óbvio demais para merecer a atenção do gênio da literatura brasileira, Machado de Assis

Segundo Gledson (2005), Helen Caldwell foi a primeira pessoa a desviar o foco de atenção da personagem de Capitu e direcioná-lo para Bento Santiago, chamando

atenção para o fato de que ele teria imputado um adultério à mulher em decorrência dos ciúmes incontroláveis que sentia por ela. Foram, pois, necessários olhos feminis para se ter uma leitura diversa da consagrada até então pelos homens, embora Miguel-Pereira (1957, p. 77) considerasse que “[...] *Dom Casmurro* pode ser interpretado como um episódio vulgar de adultério [...].”

2.2 O CIÚME DE BENTO SANTIAGO

Caldwell (2002, p. 17) afirma sobre **Dom Casmurro**: “[...] talvez o maior de todos os romances do continente americano.” A autora pesquisou a obra em sua tese de doutorado pela Universidade da Califórnia e, na apresentação que faz, em seu livro, comenta:

Os brasileiros possuem uma jóia que deve ser motivo de inveja para todo o mundo, um verdadeiro Kohinoor entre os escritores de ficção: Machado de Assis. Porém, mais do que todos os outros povos, nós do mundo anglófono devemos invejar o Brasil por esse escritor que, com tanta constância, utilizou nosso Shakespeare como modelo – personagens, tramas e idéias de Shakespeare tão habilidosamente fundidos em seus enredos próprios –, que devemos nos sentir lisonjeados de sermos os únicos verdadeiramente aptos a apreciar esse grande brasileiro (*Ibid.*, p. 11).

Com muita razão, a autora compara Machado de Assis ao famoso e gigantesco diamante indiano, o Kohinoor, apossado pela coroa britânica. Ao se referir à dívida de Machado de Assis para com Shakespeare, ela deveria mencionar, outrossim, o débito que ele tem para com Homero, com os autores da Bíblia e com os inúmeros escritores clássicos que marcam presença pelos seus livros, ilustrando algum aspecto das personagens ou indicando algum elemento importante da ação.

Caldwell (2002), na vibrante análise que faz de **Dom Casmurro**, traça um paralelo desse romance com **Otelo**, de Shakespeare, pois entende que ambas as histórias tratam do problema do ciúme que invade e domina a alma humana. A autora, entretanto, comenta que o ciúme é um sentimento quase onipresente na obra de Machado de Assis. Sobre o assunto, assim se expressa:

O ciúme nunca deixou de fascinar Machado de Assis. Em suas obras, seja em artigos ou na ficção, ele freqüentemente faz pausas para manipular um lento bisturi sobre alguma nova manifestação de ciúme. O ciúme ocupa um espaço importante em sete de seus nove romances; a trama de dez contos trata dessa vil paixão – embora, nos sete últimos, o tratamento seja irônico, senão duramente cômico (CALDWELL, 2002, p. 18).

A autora não se equivocou, em sua análise, com presença do ciúme na obra machadiana. Mas, diante dessa quase onipresença, surgem também duas indagações: por que faria ele uma história, a fim de delinear justamente essa emoção que está presente em quase todos os seus escritos? E se o tema de **Dom Casmurro** não fosse o ciúme?

Gledson concorda com Caldwell em que a trama dessa obra machadiana se desenvolve em torno do ciúme de Bento Santiago. O autor, entretanto, considera o livro em questão, quanto a seu estilo, “um romance realista na concepção e no detalhe, cujo objetivo é nos proporcionar um panorama da sociedade brasileira do século XIX” (GLEDSON, 1991, p. 3). Para ele, o princípio realista da obra pode ser detectado em seus pormenores relativos ao dinheiro, ao sexo, à religião, à família, à classe política, às relações pessoais, devido ao uso da linguagem e emprego de metáforas. O autor afirma: “[...] pelo menos nos maiores romances de Machado, o enredo e o retrato das personagens são determinados, em primeiro lugar, por fatores sociais” (*Ibid.*, p. 13).

Gledson também esclarece que o romance realista, enquanto revelador de sua sociedade, dá ênfase aos fatos e às ações decorrentes das relações sociais, como por exemplo, no caso machadiano, da institucionalização da figura do agregado, à qual ele assimila, equivocadamente, a personagem de Capitu. Haveria, então, uma hegemonia da ideologia da classe dominante. Ilustra esse ponto, afirmando que o casamento de Bento Santiago e Capitolina rompeu uma regra social fundamental que rezava a união entre iguais. Provenientes de classes sociais diferentes, o relacionamento dos dois não teria futuro e sua dissolução já estaria antevista pelo princípio de classe que o regia:

Em *Dom Casmurro*, todavia, Machado penetra com evidente prazer nesse terreno fascinante, porém perigoso e ambíguo, composto de vínculos nítidos e conflitos ocultos. A ambigüidade do próprio romance (na medida em que existe) é em grande parte resultado do esmaecimento das distinções sociais, antes tão claras, mas que as personagens julgam que podem ser superadas. Erradamente, como se vem a saber – pois aqui Machado não mais endossa a solução escolhida em *Iaiá Garcia*, em que o filho e herdeiro se casa com a

ambiciosa filha de um funcionário público e, presumivelmente, vivem felizes para sempre. Em *Dom Casmurro* eles se casam, mas o casamento se destrói em virtude de sua própria origem e natureza. O poder de exclusão, tão claramente eficaz em *Casa velha*, age de novo aqui, mas de modo menos direto, menos por meio da ação do que pelas idéias e atitudes das personagens (GLEDSON, 1991, p. 65).

Ressalta-se, embora o autor perceba, em **Iaiá Garcia**, a existência de uma inversão radical dessa regra, ele desconhece que a ironia presente nesse romance é o fato de que nada adiantou Estela sacrificar o seu amor em respeito ao que ela dizia ser a opinião pública, pois, quando Iaiá se casou com Jorge, ela foi bem recebida em seu meio, ao qual logo se adaptou.

Conquanto as convenções e regras sociais possam ser identificadas na obra machadiana, nada mais equivocado do que supor que eram essas que determinavam o destino das personagens ou o desenvolvimento da ação. Era a alma humana, a personalidade, o caráter das personagens que engendravam o destino e o desenvolvimento da trama. As relações sociais estavam ali para serem ultrapassadas, o que revelava uma sociedade aberta e tolerante já na segunda metade do século XIX, era, pelo menos, uma sociedade permeável aos contrastes e às rupturas.

Senna (1998, p. 94) vai além da discussão sobre o adultério, o ciúme e o conflito de classes sociais. Ela enfatiza os aspectos psicológicos da trama e analisa **Dom Casmurro** do ponto de vista de uma intertextualidade com **Hamlet**, de Shakespeare. Ressalta, ainda, que a temática do livro em questão seria a loucura de Bento Santiago:

A primeira idéia é que o fascínio da desrazão, tão visível em romances como *Memórias póstumas* e *Quincas Borba*, e em contos como “O alienista” e “O espelho”, é um tema subjacente, e nem por isso menos importante, em *Dom Casmurro*. A segunda idéia é quase uma apropriação indébita, já que me valho de uma pista deixada por Helder Macedo em seu artigo “Machado de Assis: entre o lusco e o fusco”, que não me canso de qualificar como seminal. Macedo sugere que, ao invés de buscarmos em *Otelo* o grande (e óbvio) interlocutor de *Dom Casmurro*, deveríamos antes ir procurá-lo em *Hamlet*, já que é nesta peça que se coloca a questão central do romance: a questão da dúvida.

A autora destaca, também, que, mesmo sem pretensões de exatidão científica, ela considera a personagem central, Bento Santiago, um neurótico obsessivo, enfatizando, ainda, os impulsos furiosos e contidos do narrador do romance, revelando seu desequilíbrio emocional.

A questão do diagnóstico de Bento Santiago já foi objeto de um trabalho anterior, intitulado “O delírio obsessivo de Dom Casmurro” (RODRIGUES, 2005), no qual, mesmo antes de conhecer o ensaio de Senna (2006) “Estratégias de embuste: relações intertextuais em Dom Casmurro”, o autor já apontara o caráter obsessivo do advogado do Engenho Novo. A análise da personalidade de Bento Santiago é passível de ser realizada pela complexidade com a qual o autor criou a personagem. Não haveria, porém, necessidade de intertextualidade com Shakespeare, uma vez que a um observador atento, tanto o caráter do obsessivo quanto o dos neuróticos histéricos se desvelam de maneira lúcida e clara. A similaridade do caráter de Bento Santiago e do príncipe da Dinamarca não indica, necessariamente, a presença de Hamlet no texto machadiano. Os dois caracteres apresentam traços muito semelhantes, porquanto o ser humano não é tão versátil como se possa pensar ou querer. Evidencia-se que a psicopatologia humana não conseguiu ir além de uns seis perfis psicológicos do homem, reduzindo, assim, a vaidade da raça em poucas classificações.

Lacan (1986), no Seminário “O desejo e sua interpretação”, dos anos de 1958/59, dedicou sete sessões ao estudo de Hamlet. Nesses, faz uma profunda e brilhante análise da personagem de Shakespeare, que lutava contra o desejo, mas não o próprio desejo e sim o de sua mãe. Precisava constituir-se como sujeito de seu próprio desejo porém estava paralisado. A sua hesitação de levar a cabo a vingança, bem como a sua ira, estavam congeladas e ele apático e melancólico. Apenas a visão de Ofélia morta retirou-o de sua letargia.

Evidencia-se que esse seria também outro ponto em comum dessa personagem com Bento Santiago, que lutou contra o desejo de sua mãe e só conseguiu dar vazão à sua ira, que se transformou em impiedade, após ver o corpo morto de Escobar. Apenas ali, no velório, seu furor em direção a Capitu começou a ganhar corpo e a levá-lo a agir, não sem antes ter uma crise neurótica, quando idéias obsessivas atormentaram-no implacavelmente. Ainda assim, não pode ser caracterizada a interlocução entre Machado de Assis e Shakespeare nesse particular.

Evidencia-se que o comediante romano, Plauto (1994), na obra **A comédia da marmita**, também esboçou uma personagem, o velho e rabugento Euclião, que apresenta um caráter furioso e sovina. O perfil obsessivo – como no caso de Bento

Santiago, Hamlet e Euclião – está às vistas de olhos observadores como se acredita que os grandes autores tenham. Nesses casos, não é necessária nenhuma interlocução. Os artistas realizam seus caracteres pela observação direta, de si ou de outrem.

Em princípio, **Dom Casmurro** pode parecer um romance sobre o ciúme, como afirma Caldwell, ou, então, sobre a condição moral de uma mulher – Capitu. Neste último caso, seria pretender uma questão que envolvesse a pudicícia de uma época ou o puritanismo do autor. Contudo, nenhuma das duas possibilidades se sustenta. Machado de Assis estava longe de ser um autor puritano e sua época também estava longe de valorizar a pudicícia mais do que o necessário.

Vale ressaltar que, na obra machadiana, surgem mulheres de caracteres variados, um universo humano amplo e complexo. A maioria de suas personagens femininas é composta por mulheres dignas, honestas e sérias: a viúva Lívia, de **Ressurreição**, é um exemplo de retidão e recato. Guiomar, de **A mão e a luva**, também não apresenta nenhum traço de caráter que pudesse colocar sua moral em jogo. Helena era uma jovem ingênua e pura, à mercê da sorte. Iaiá Garcia também era uma moça vivaz e desinteressada, decente e digna. Essas mulheres, entretanto, não se viram livres dos ciúmes de seus pares. Outras personagens femininas viriam mais complexas: Virgília, de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, era uma adúltera convicta e contumaz, sem pejos nem acanhamentos da vida dissimulada que levava. Faz, na trama, um contraponto com D. Plácida que, mesmo vivendo num ambiente permissivo, mantinha-se fiel às convenções sociais. Sofia, de **Quincas Borba**, era uma mulher consciente de seus desejos extraconjugais. Estava acostumada ao assédio masculino, mas também era consciente de sua moral e de sua reputação.

Dessa forma, pode-se afirmar que não há, na obra machadiana, nenhum subterfúgio quanto à condição sexual das personagens femininas. Os caracteres não são velados nem disfarçados. Por que então, no caso de Capitu, haveria necessidade de insinuações para suscitar ilações sobre a tibieza moral da personagem?

Quanto ao ciúme, como já visto anteriormente, esse sentimento já estivera presente na composição de algumas das figuras narrativas de Machado de Assis e participara de várias de suas tramas: inúmeras personagens masculinas arderam, de

modo intenso, de ciúme e suspeitaram, convictamente, de suas amadas. Por que haveria o autor de dedicar uma obra inteira a um tema tão recorrente em seus romances? De fato, não parece ser o ciúme o traço de caráter principal do protagonista de **Dom Casmurro**. Se o enredo não trata da traição de Capitu, nem do ciúme de Bento Santiago, conforme a tese defendida na presente pesquisa, então, qual seria o traço de caráter que mereceria o estudo e a reflexão do autor dessa obra?

Várias evidências indicam que o interesse de Machado de Assis, ao escrever a história em questão, seria desenvolver um questionamento sobre a impiedade, sobre a maldade que se abanca na alma humana, ali faz sua morada e espalha uma influência deletéria ao redor. Nessa obra, acompanha-se o autor em seu trabalho de dissecação do embate travado por Bento Santiago consigo mesmo para encobrir essa faceta venenosa de sua personalidade que pugnava para adquirir o controle de sua vida. Anos mais tarde, quando a maldade saiu vitoriosa e adquiriu o controle total de sua existência, o protagonista ainda procurou escamoteá-la, ressaltando-se que teve enorme sucesso em sua empreitada.

Dom Casmurro relataria, assim, a luta de um homem entre o bem e o mal, os esforços que este fez para encobrir sua crueldade, pintando sua vida com cores ingênuas e ações de aparente pureza e retidão. Desde pequeno, desenvolveu a arte da dissimulação, da mentira, do subterfúgio e do embainhamento. Seu objetivo maior, ao escrever, era induzir ao erro, enganar, seduzir. A história do adolescente puro que se transforma no jovem crédulo e no adulto traído nada mais era do que o recurso empregado pelo autor para mascarar um interior tumultuoso.

2.3 ESTUDO DA OBRA *DOM CASMURRO*

Aos 50 anos de idade, Bento Santiago vivia na companhia apenas de um criado, numa casa no Engenho Novo que ele mesmo mandou construir, seguindo especificações rigorosas. Queria recriar, nesse endereço, a velha residência em que crescera na rua de Mata-cavalos:

[...] Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do tecto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do tecto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Mata-cavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa (ASSIS, 2004a, p. 810).

Ao descrever a sua casa, o narrador já dá ao leitor demonstração de um dos principais traços de seu caráter: o de desvelar os fatos para velar a si mesmo. Por que descreveu a pintura da sala para, em seguida, destituir-lhe o sentido, dizendo que já estava assim em Mata-cavalos, quando para lá se mudara? Faz parecer muito inocentes os pássaros, as grinaldas de flores miúdas e as estações do ano. Descreve um conjunto harmônico e atraente que explora a temática da natureza. Os retratos dos reis na parede – César, Otávio, Nero, Massimissa – ele não sabe explicar. Apenas repetiu o que viu nos dias de sua infância na antiga casa. Da mesma forma, a desarmonia da composição pictórica que a presença das personagens nos medalhões traz pode ser atribuída a outrem. Ao assim proceder, ele dissimula não apenas o seu interesse em mandar reproduzi-las como também pretende que o leitor não descubra que aqueles quatro retratos são, na verdade, elementos que compõem seu caráter.

As figuras estampadas na parede merecem atenção neste estudo. César, oriundo da família dos Júlios foi um dos homens mais brilhantes de Roma. Desde a adolescência, fulgurava no seio da alta sociedade local. Possuía elevada retórica, refinada elegância e ardor desportista. No poder, exibiu sua dileção pela tirania (LISSNER, 1985, p. 72).

O imperador Otávio lutou durante 14 anos, após a morte de César, para obter o poder. A partir daí, reinou sozinho por 45 anos. Iniciou uma nova era, recebeu o nome de Augusto, com o qual o século foi nomeado. Brilharam, em seu reinado, homens do porte de Virgílio, Horácio, Propércio e Ovídio. É considerado o soberano mais justo, mais sábio e o mais venerado da História de Roma. Durante seu governo, o povo

romano gozou de uma paz sólida e benéfica, além de extensa prosperidade. Tratava-se de um homem reconhecidamente belo, entretanto, não era vaidoso. Emérito conquistador das mulheres, guloso por sexo, mas também um homem de hábitos simples, comia frugalmente e bebia raramente. Sobre ele, já se disse que jamais amou alguém.

Nero era extremamente vaidoso, poderoso e sem limites. As suas pretensões artísticas levaram-no a arroubos megalomaniacos inigualáveis. Mobilizava o povo de Roma e de várias províncias do Império, para aplaudi-lo e, assim, satisfazer a sua ânsia de admiração. Seu instinto sangüinário foi, aos poucos, assumindo o controle de sua personalidade e sua loucura assassina não conheceu mais limites. Mandou matar a mãe, Agripina; a esposa Otávia, aos 20 anos; a amante Popéia, grávida dele. Sêneca foi intimado a abrir os pulsos; outros generais e nobres encontraram a morte apenas para cumprir os caprichos do soberano. Esse Imperador teve um fim trágico como a vida que impôs a muitos e, quando morreu assassinado, estava só.

Massinissa, rei da Numídia, era um aliado de Roma. Reza a história que ele enviou à esposa uma taça de veneno que a matou, possivelmente, por motivo de adultério.

Dessa forma, inspirado por figuras, tais como um tirano, outro que não amava ninguém, um celerado sangüinário e um assassino da mulher, Bento Santiago relata os fatos que lhe interessam, visando encobrir nada mais do que aquilo que descobrira de si nessas imagens antigas estampadas nas velhas paredes da casa de Mata-cavalos. Ele irá, assim, esconder-se numa trama de pretensão adultério, honra ultrajada, orgulho ferido, ilusões dilaceradas e amor não correspondido, para velar o seu âmagô mais terrível e desumano, para esconder a crueldade contra a qual lutou durante uma parte de sua vida, mas que, ao final, sucumbiu fatalmente.

Gledson (1991, p. 36) concorda que Bento Santiago era um dissimulador, afirmando:

Em todos os exemplos examinados na seção anterior, deu-se a ênfase necessária a Bento, o enganador, que manipula os acontecimentos da narrativa a fim de adaptá-los o melhor possível a seu raciocínio em favor da culpa de Capitu. Certamente não deveríamos subestimar a habilidade e a sutileza de Bento (que não devem ser confundidas com as de Machado): afinal de contas, Bento é um advogado experiente e homem versado nos clássicos da literatura,

capaz de citar de Dante a Montaigne, ou esquecer, por conveniência, quem é que dizia que deveríamos ter cuidado com os companheiros de boa memória.

O autor dá ênfase à forjadura intelectual empreendida pelo herói, a fim de convencer o leitor de seus argumentos. Ora, a manipulação perpetrada por Bento Santiago é resultante de um desvio moral, um traço profundo de sua personalidade que o levou a tentar encobrir o mal que trazia encerrado dentro de si. Fazia-o, degradando as suas vítimas e passando-se por injustiçado. Mostrava-se uma alma elevada mas, na verdade, procurava encobrir os crimes que premeditara em suas fantasias quando se entregou ao mal que lhe grassava no peito.

Na história, Capitu também se interessou pelas imagens estampadas na parede da sala, sinal de que o tema não era indiferente nem estranho a Bento e aos habitantes de sua casa. Isso indica, outrossim, que os retratos nos medalhões chamavam bastante atenção. Ele próprio relata:

Um dia, Capitu quis saber o que eram as figuras da sala de visitas. O agregado disse-lho sumariamente, demorando-se um pouco mais em César, com exclamações e latins:

– César! Júlio César! Grande homem! *Tu quoque, Brute?*

Capitu não achava bonito o perfil de César, mas as ações citadas por José Dias davam-lhe gestos de admiração. Ficou muito tempo com a cara virada para ele. Um homem que podia tudo! que fazia tudo! Um homem que dava a uma senhora uma pérola do valor de seis milhões de sestércios! (ASSIS, 2004a, p. 841).

César e os demais tiranos rondavam em torno dele. Fantasmas de afrescos, vivos em seu interior.

Ressalta-se que Bento Santiago passa todo o resto de sua narrativa repetindo esse gesto de encobrir as pistas que revelam seu íntimo. Como um prestidigitador, faz exhibições exuberantes para desviar a vista da platéia da realidade que a mágica pretende encobrir. Ele é, de fato, um mestre ilusionista. Seu intuito, como ele mesmo revela, ao escrever suas memórias, seria o de atar as duas partes de sua vida, restaurar a adolescência na velhice. Novamente, o narrador parece tentar desviar a atenção do leitor:

[...] Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta a tinta (ASSIS, 2004a, p. 810).

Ao reconhecer que não consegue recompor os fatos passados, “o que foi”; nem quem ele era, “o que fui” e que só alcançou atingir as aparências, “o rosto é igual”, mas o genuíno ficou perdido, “a fisionomia é diferente”, acaba confessando que falta “eu mesmo”. Seria isso apenas a fatalidade da vida que a tudo subtrai o mais importante, deixando permanecer sempre o transitório? Ou seja, o fundamental da existência é inatingível? Ou quereria dizer que a afirmação do narrador “faltou eu mesmo” seria a sua confissão de que ele não se deixou revelar? Teria o seu lado obscuro ficado encoberto pelo véu da pretensa verdade? Algo como os quatro imperadores entre as inocentes guirlandas de flores e os pássaros?

O protagonista confessa que só tem amigos recentes, pois os antigos já se foram, esclarecendo que as amigas datam de 15 anos e quase todas acreditavam na mocidade, ou seja, tinham ainda ilusões e esperança. Ele, entretanto, não mais. Se o passado perdeu algum encanto que ele acreditou ter tido, esse desapareceu mas lhe sobravam ainda algumas recordações “doces e feiticeiras”. Estava em paz, então, hortando, jardinando, lendo. Comia bem e não dormia mal. Tudo indicaria um justo.

Em sua justificativa para escrever as suas memórias, relata ainda que, não conseguindo livrar-se da monotonia, projetou escrever um livro. Considerou os temas da jurisprudência, da filosofia e da política, mas faltaram-lhe as forças necessárias. Cogitou, ainda, criar uma “história dos subúrbios”, que considerou empresa árida e longa para sua empedernida indolência. Aí, então, os silenciosos césores puseram-se a lhe falar. E talvez não fosse a primeira vez, como ele pretendeu mostrar: “Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns” (ASSIS, 2004a, p. 810).

Observa-se que suas lembranças começam por volta de seus 15 anos de idade, no ano de 1857, possibilitando-lhe, assim, encobrir os seus primeiros 15 anos de vida,

que ficam de lado, para ocultar algo de mais revelador sobre seu caráter. As referências ao passado mais longínquo são apenas breves, não esclarecendo grandes fatos relevantes de sua vida.

Ainda, sobre a sua história de vida, conta que os componentes de sua família são a mãe, Dona Glória; o irmão desta, Cosme; a prima, Justina e o agregado, José Dias. A mãe, uma matriarca solitária que se escondera da vida na viuvez precoce, fizera a promessa de enviá-lo ao seminário para ser padre. O tio Cosme era um advogado criminal que não enriquecera na profissão. Fazia apenas para a sobrevivência. Era gordo e pesado. Negligente, bonachão e indolente, adquirira o excesso de peso na apatia das atividades físicas. Quando a esposa morreu, não se casou de novo, denotando apatia afetiva também.

José Dias, amante dos superlativos, era vaidoso e bajulador. Usava calças brancas engomadas, presilhas, rodaque de chita e gravata mole. Tornou-se agregado da família ainda quando esta morava na fazenda, ao custo de uma mentira. Ele encarna o outro lado do mal que Machado de Assis pretende dissecar com sua narrativa.

Embora pretendesse dissimular o seu lado obscuro com observações jocosas e amenas ou elevadas e altruístas sobre as pessoas do seu círculo social imediato, Bento Santiago não consegue esconder o desprezo que sentia por Pádua. Este era desconsiderado tanto pelo rapaz quanto por José Dias, pelo menos a maneira debochada com que o narrador o trata não é nada respeitosa. O pai de Capitu era pobre, trabalhava numa repartição do governo e comprara a casa onde moravam com o prêmio que ganhara numa loteria. Certa época, foi promovido a administrador interino e ficou orgulhoso de si e de sua posição. Contudo, 22 meses mais tarde, o titular retornou e ele, arrasado, almejou morrer. A pedido de D. Fortunata, sua esposa, D. Glória interveio e convocou-o a ser homem e a assumir suas responsabilidades. Pádua aproveitou a oportunidade e sobreviveu. Sobre isso, Bento (2004a, p. 826) assim se expressa: “A administração ficou sendo a hégira, donde ele contava para adiante e para trás.”

No universo católico de Bento Santiago, Pádua, além de bufão e fracassado, tinha ares de muçulmano. Pelo menos é o que indica o vocábulo “hégira” escolhido por ele para aplicar na marcação do tempo em que o vizinho estivera na administração.

“Hégira” significa a fuga de Maomé de Meca para Medina em 622. “Esse ano foi adotado como primeiro da era mulçumana. Qualquer fuga ou partida semelhante. Emigração, fuga” (MICHAELIS, 1998, p. 1073).

O desprezo pelo pai de Capitu não se resume a isso. Recorrendo ao menosprezo que José Dias também sentia por Pádua, acrescenta, ainda sobre o episódio da administração, as palavras do agregado:

Tal é o sabor póstumo das glórias interinas. José Dias bradava que era a vaidade sobrevivente; mas o padre Cabral, que levava tudo para a Escritura, dizia que com o vizinho Pádua se dava a lição de Elifás a Jó: “Não desprezes a correção do Senhor, Ele fere e cura” (ASSIS, 2004a, p. 826).

A citação da escritura encontrou eco na alma de Bento Santiago, que afirma:

“ELE FERRE E CURA!” Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a esse propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados a abri-los, a compará-los, catando o texto e o sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita (ASSIS, 2004a, p. 826-827).

Assim, sem o perceber, ou percebendo-o, Bento Santiago revela sua grande divisão juvenil interior: vacilava entre o mundo católico, o mundo da fé e da Escritura e o mundo pagão, presente em sua vida através da obra de Homero (2002) e de seu herói, Aquiles. Por caminhos próprios, as duas religiões chegaram a uma mesma convicção. Mas, onde estaria essa origem única de onde partira a cisão? Talvez ele encontrasse aí também a sua própria unidade. Inquiria-se sobre esses dois mundos, vacilava entre eles e vivia uma vida de entremeio. O tema das duas passagens é o ferimento e a cura. O poder de curar emana-se daquele mesmo que fere. Teria ele tal veleidade?

Bento Santiago reconhecia-se um perjuro. Contou que, certa vez, quando pretendia rebelar-se contra a vontade materna de enviá-lo para o seminário, colocou em ação o seu hábito de jurar em falso:

[...] Naquele tempo jurava muito e rijo, pela vida e pela morte. Jurei pela hora da morte. Que a luz me faltasse na hora da morte se fosse para o seminário.

Capitu não parecia crer nem descreer, não parecia sequer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo (ASSIS, 2004a, p. 827).

Bento era tão jovem e já não tinha pudores de empenhar em vão sua palavra, de não cumprir as promessas feitas.

Ressalta-se que aquela divisão interior que havia se manifestado quanto ao mundo cristão e o pagão apresenta-se novamente em relação a D. Glória e Capitu. Sobre essas duas mulheres, Caldwell (2002, p. 64) observa que há uma cisão entre elas, embora não dê a essa dicotomia o sentido que se pretende neste trabalho. Sobre D. Glória, esclarece:

[...] Para sua família e dependentes, ela é uma “santa”. Para José Dias, ela é “Santíssima”, o epíteto da Virgem Maria. Seu nome, “Maria da Glória”, é o nome da Virgem, alusivo as suas graças e títulos. O substantivo comum “glória” é o termo utilizado para designar a efulgência depreendida das figuras de Deus, do Espírito Santo, de Cristo e de Maria nas pinturas.

A autora faz também algumas observações sobre Capitu:

O nome de Capitu, “Capitolina”, também possui feições romanas. Parece ter sido utilizado somente uma vez por Machado de Assis, apesar de ele freqüentemente empregar o substantivo “capitólio”, de onde deriva o nome. Em português, este nome é utilizado principalmente em um sentido figurado como substantivo comum cujo significado é “triunfo, glória, eminência, esplendor, magnificência”. Machado utilizou esta palavra com os sentidos acima e também em um sentido mais específico que pode ser encontrado no ditado “Do capitólio à rocha Tarpéia não vai mais que um passo”, no qual ela significa “as glórias ou os prazeres deste mundo” bem como “as glórias de uma alta posição”. Com o nome de Capitu, é provável que Machado pretendesse abarcar todas as conotações acima, como testemunha de sua nobre beleza e dignidade, seu cuidado em se vestir, suas ambições tanto intelectuais quanto sociais, captadas em seu desejo de aprender latim, inglês, renda, pintura, piano e canto, em seu interesse pelas festividades de coroação e em sua admiração por Júlio César, “um homem que podia tudo” (*Ibid.*, p. 76-77).

Além dos sentidos dos nomes apontados pela autora, há ainda um outro que merece destaque nesta pesquisa. Ambas se chamavam “Glória”: uma “Glória” cristã e uma “Glória” pagã. As mulheres da vida de Bento encarnavam aspectos diferentes de seu caráter, aquela dicotomia radical que ele tentava, a todo custo, eliminar. Sentia-se subalterno de sua mãe, a quem deveria obedecer e agradar acima de tudo e

encontrava-se servil a Capitu, que representava os seus desejos mais condenáveis, afinal, sentia-se um “pecador abominável”.

Percebe-se, pois, que esse jovem oscilava entre dois mundos: o do recato católico e o do hedonismo pagão. Como em relação a Pádua, a quem ele se referiu, usando imagens de Job e de Aquiles, também Capitolina encarnava a imagem da crença romana em oposição à crença católica simbolizada por sua mãe. Sentia-se compelido a cumprir os ideais religiosos católicos, mas via-se tragado pelas promessas de prazeres eróticos representadas pela namorada.

Em seu relato, ele relembra também que, após um desentendimento com Capitu por causa do seminário, a ira dela cedeu, os dois, rindo, dirigiram-se para a janela. Nessa hora, passava um preto que sempre vendia cocadas na vizinhança. Bento comprou duas. Capitu mantinha-se firme em sua decisão de recusar o doce, afinal, estavam vivendo uma crise. O rapaz comeu as duas: “[...] comprei-as, mas tive de as comer sozinho; Capitu recusou. Vi que em meio da crise, eu conservava um canto para as cocadas, o que tanto pode ser perfeição como imperfeição” (ASSIS, 2004a, p. 828).

Com relação ao episódio das cocadas, pode-se perceber que o protagonista estava muito confortável em sua posição econômica e avaliava as situações também sob esse prisma. Pádua era pobre, logo, Capitu também era pobre. Ele era rico e, embora não ostentasse a fortuna de maneira óbvia, tudo indica que ele a prezava sobremaneira em seu íntimo. Quando o negro das cocadas se afastava, ia cantando uma toada já bastante conhecida dos dois, que dizia:

Chora, menina, chora
Chora, porque não tem
Vintém (*Ibid.*, p. 829).

Bento faz, então, um inocente comentário sobre o efeito da canção em Capitu:

[...] a modo que lhe deixara uma impressão aborrecida. Da toada não era; ela a sabia de cor e de longe, usava repeti-la nos nossos jogos da puerícia, rindo, saltando, trocando os papéis comigo, ora vendendo, ora comprando um doce ausente. Creio que a letra, destinada a picar a vaidade das crianças, foi que a enojou agora, porque logo depois me disse:

– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa (ASSIS, 2004a, p. 829).

As questões pecuniárias não estavam ausentes de sua cabeça religiosa e pia. Anos mais tarde, o pensamento sobre Capitu e dinheiro retornará à sua mente, podendo, assim, esclarecer melhor a presente passagem.

Ele também não perde a oportunidade de destacar a simplicidade e pobreza em que se resumia a vida na casa vizinha. Certa manhã, tentou surpreender Capitu, que penteava os cabelos na sala. Foi devagar para pregar-lhe um susto:

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho trai-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:
– Há alguma cousa? (ASSIS, 2004a, p. 842).

Nessa passagem, nota-se que ele aproveitou a cena para devassar a intimidade da família, realçando a pobreza do “espelhinho de pataca.”

Certo dia, de volta a casa, Bento ia meditando como poderia abordar José Dias para solicitar sua intervenção junto à mãe no assunto do seminário. Ergueu os olhos aos céus e prometeu rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, caso o agregado obtivesse sucesso em sua causa. Fez a promessa inescrupulosamente, pois tinha o hábito de prometer e não cumprir, como se pode perceber a seguir:

A soma era enorme. A razão é que eu andava carregado de promessas não cumpridas. A última foi de duzentos padre-nossos e duzentas ave-marias, se não chovesse em certa tarde de passeio a Santa Teresa. Não choveu, mas eu não rezei as orações. Desde pequenino acostumara-me a pedir ao céu os seus favores, mediante orações que diria, se eles viessem. Disse as primeiras, as outras foram adiadas, e à medida que se amontoavam iam sendo esquecidas. Assim cheguei aos números vinte, trinta, cinqüenta. Entrei nas centenas e agora no milhar. Era um modo de peitar a vontade divina pela quantia das orações; além disso, cada promessa nova era feita e jurada no sentido de pagar a dívida antiga. Mas vão lá matar a preguiça de uma alma que a trazia do berço e não a sentia atenuada pela vida! O céu fazia-me o favor, eu adiava a paga. Afinal, perdi-me nas contas (ASSIS, 2004a, p. 831).

Assim, a partir dos relatos apresentados pelo próprio protagonista do romance em estudo, pode-se constatar que a dissimulação e o perjúrio eram outras características de seu “piedoso” caráter juvenil. Na seqüência de seu depoimento, há outra passagem que remete a seu caráter: quando ele chegou à varanda de sua casa,

encontrou-se com sua prima Justina, que lhe perguntou onde estivera até àquela hora. Na maior desfaçatez, ele respondeu: “– Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?” A falta de cerimônia da prima em mentir à sua mãe deixou-o surpreso, pois ela lhe respondeu: “– Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo” (ASSIS, 2004a, p. 831).

Bento Santiago reconhecia que Justina não era de biocos, não dissimulava modéstia nem virtude. Ela mentia descarada e francamente e ainda falava das pessoas pelas costas sem pudor nem recato. Importa lembrar que, ao contrário da prima, ele era um primor de dissimulação. Ele mentia despudoradamente, esquivava-se, trapaceava com as palavras. Como Justina lhe perguntasse se ele havia se esquecido dos propósitos da mãe para seu futuro religioso, ele respondeu com candura: “– A vida de padre é muito bonita”, acrescentando ainda: “– Eu gosto do que mamãe quiser” (ASSIS, 2004a, p. 832).

Nesse momento, o narrador adiciona à trama, mais uma vez, o ingrediente da maldade na pessoa de José Dias, mediante o relato que Justina fará em seguida. As observações daquela parenta passam quase despercebidas ao leitor. Em primeiro lugar, porque ela já estava desacreditada, em razão dos comentários levemente depreciativos que Bento fizera sobre ela e, em segundo, pelo tratamento jocoso e simpático que ele dá a José Dias. A parenta registra que o agregado não permitia que D. Glória se esquecesse do assunto do seminário e da promessa. Em sua opinião, ele fazia-o apenas porque: “Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião” (*Ibid.*, p. 832). Segundo, o narrador: “Novamente me recomendou que não me desse por achado, e recapitulou todo o mal que pensava de José Dias, e não era pouco, um intrigante, um bajulador, um especulador, e, apesar da casca de polidez, um grosseirão” (*Ibid.*).

Prima Justina esqueceu-se de acrescentar à sua lista que José Dias era também interesseiro, charlatão, mentiroso, pretensioso, vaidoso e servil. Mas, envolvido pelo discurso aparentemente puro de Bento Santiago, o leitor dificilmente acredita que o agregado seja uma figura maléfica.

Como é próprio de Machado de Assis, ele fragmenta o traço de caráter sobre o qual escreve em mais de uma personagem. Assim, ao contrário de Bento Santiago que

realizará sua tarefa iníqua, José Dias seria o outro lado do mal, o mal sem ação, sem força, sem poder. O mal encapsulado no interior do homem que tem, como único veículo, a força das palavras, mas cuja ação é restrita. Ainda assim, é a maldade encarnada que ele representa.

Bento, então, recorreu e se aliou a ele. Este aceitou a cumplicidade em troca de uma possível viagem à Europa, onde o rapaz talvez fosse estudar. Bento, por seu lado, aceitou o trato que jamais pensou em cumprir, como as promessas que fazia à divindade.

O amor que Capitu lhe inspirava, entretanto, era profundo. Talvez fosse a sua melhor parte, o alento que equilibrava o confronto entre o bem e o mal dentro dele. Enquanto este resistiu e esteve vigoroso, ele lutou. Depois, sucumbiu ao interior sombrio. A moça fazia parte das dúvidas que lhe sobrecarregavam a alma. De um lado, havia as incertezas sobre o caráter dela, inoculadas nele por José Dias ao chamá-la de “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”; de outro, vicejava nele um sentimento verdadeiro, coroado por um desejo ardente que ele insistia em conter.

Bento se esforçava para integrar seu lado pagão e seu lado cristão, sendo este o algoz daquele. Capitolina representava o pecado, mas o sentimento sincero que esta despertava nele levava-o a se esforçar para trazê-la para as ondas da paz das imagens cristãs. O narrador se lembra que, após pentear-lhe os cabelos no dia que lhe descobriu os “olhos de ressaca”, fez esse movimento conciliatório em seu interior, afirmando:

[...] Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Tétis; risquei Tétis, risquemos ninfa; digamos somente uma criatura amada, palavra que envolve todas as potências cristãs e pagãs (ASSIS, 2004a, p. 844).

Em certa ocasião, após o primeiro beijo, quando D. Fortunata entrou na sala, Capitu dissimulou e riu das tranças que ele fizera e as refez. Mas, ele descobriu-se um homem, e regozijou-se por isso. Suas emoções puras e verdadeiras eram o contraponto daquele seu lado enigmático. Temendo a repreensão da mãe ou a descoberta de seu amor pela vizinha, decidiu que, ao voltar para casa, mentiria se perguntassem pelo seu atraso para a aula de escritura com o Padre Cabral.

Com relação à promessa materna – que tanto o atormentava – pode-se afirmar que o amor de Capitu deu-lhe forças para abordar a mãe sobre o assunto. Com esforço, disse-lhe que não tinha vocação para a vida de padre. D. Glória, mesmo comovida, manteve-se firme na decisão de mandá-lo para o seminário já no ano seguinte, dali a três meses. Durante essa conversa, Bento faz um importante comentário sobre a mentira, que tanto o rodeava naquela época. Quando a mãe lhe disse que o hábito e a convivência o fariam gostar da vida no seminário, ele respondeu:

– Eu só gosto de mamãe.

Não houve cálculo nesta palavra, mas estimei dizê-la, por fazer crer que ela era a minha única afeição; desviava as suspeitas de cima de Capitu. Quantas intenções viciosas há assim que embarcam, a meio caminho, numa frase inocente e pura! Chega a fazer suspeitar que a mentira é muita vez tão involuntária como a transpiração. Por outro lado, leitor amigo, nota que eu queria desviar as suspeitas de cima de Capitu, quando havia chamado minha mãe justamente para confirmá-las; mas as contradições são deste mundo. A verdade é que minha mãe era cândida como a primeira aurora, anterior ao primeiro pecado; nem por simples intuição era capaz de deduzir uma coisa de outra, isto é, não concluiria da minha repentina oposição que eu andasse em segredinhos com Capitu, como lhe dissera José Dias (ASSIS, 2004a, p. 853).

Ao registrar as suas reminiscências da vida de seminarista, ele encontrou pouco para contar. Não relatou nada de suas vivências subjetivas ou de suas experiências objetivas. Apenas uns poucos acontecimentos mereceram aparecer em seu memorial. Um deles, resgatado por um encontro casual, anos mais tarde, levou-o de volta ao tempo em que viveu no seminário de São José.

Em 1882, aos 40 anos, precisando resolver algum assunto pendente no Ministério da Marinha, reencontrou ali um antigo colega do seminário que havia escrito, no período em que estudaram juntos, um “*Panegírico de Santa Mônica*.” Na época, este conseguira a licença dos superiores para imprimi-lo. Fê-lo, então, dedicando-o a Santo Agostinho. Uma vez que Bento Santiago não se lembrasse mais dos versos, foi o próprio ex-colega levar-lhe a penúltima cópia que conservara consigo.

Aquelas folhas envelhecidas e amareladas, aliadas ao reencontro com o poeta frustrado e nostálgico, fizeram-no lembrar-se de seus próprios esforços para escrever versos naqueles dias juvenis. Ele premeditara criar um soneto, do qual só lhe apareceu, em princípio, o primeiro verso: “Oh! flor do céu! Oh! flor cândida e pura!” Faltava-lhe,

entretanto, a inspiração para o resto. Orgulhoso de sua criação, meditava na cama. Refletiu que a “flor do céu” poderia ser Capitu, “[...] mas podia ser a virtude, a poesia, a religião, qualquer outro conceito a que coubesse a metáfora da flor, e flor do céu” (ASSIS, 2004a, p. 866).

Ele aguardou o restante da poesia, que não lhe vinha. Finalmente, criou o último verso: “Perde-se a vida, ganha-se a batalha!”. A imagem de batalha alterou o significado da metáfora e ele escreve:

A idéia agora, à vista do último verso, pareceu-me melhor não ser Capitu; seria a justiça. Era mais próprio dizer que, na pugna pela justiça, perder-se-ia acaso a vida, mas a batalha ficava ganha. Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela pátria, por exemplo; nesse caso a flor do céu seria a liberdade. Esta acepção, porém, sendo o poeta um seminarista, podia não caber tanto como a primeira, e gastei alguns minutos em escolher outra. Achei melhor a justiça, mas afinal aceitei definitivamente uma idéia nova, a caridade, e recitei os dous versos, cada um a seu modo [...] (ASSIS, 2004a, p. 866).

Mas o soneto ficou nisso. Resolveu, então, rever os seguintes versos que já havia escrito:

Cansado de esperar, lembrou-me alterar o sentido do último verso, com a simples transposição de duas palavras assim:

Ganha-se a vida, perde-se a batalha!

O sentido vinha a ser justamente o contrário; mas talvez isso mesmo trouxesse a inspiração. Neste caso, era uma ironia: não exercendo a caridade, pode-se ganhar a vida, mas perde-se a batalha do céu (*Ibid.*, p. 867).

As últimas linhas de sua reflexão resumem a sua vida futura, pois, de fato, foi a isso que se dedicou: a não fazer a caridade, a ganhar a vida e a perder a batalha do céu.

Numa trama sobre o ciúme, a passagem do “*Panegírico*” faria as vezes de uma mera interpolação do autor, um simples exercício literário, uma vez que não teria ligação nenhuma com o pressuposto tema central do livro. Contudo, se se considerar o romance um questionamento sobre o homem diante do bem e do mal, ou seja, de seu livre arbítrio, a referida passagem se reveste de um profundo sentido.

As presenças de Santa Mônica e de Santo Agostinho são emblemáticas nesse sentido e algumas semelhanças entre o Santo e Bento não parecem mera coincidência.

Em sua adolescência e juventude, o protagonista de Dom Casmurro tinha muito em comum com o santo cristão, especialmente no que diz respeito ao conflito entre o bem e o mal.

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, na província romana da Numídia, em 13 de novembro de 354 d. C. Filho de pai pagão e de mãe cristã, recebeu o nome latino de *Aurelius Augustinus*. Por empenho paterno, foi estudar em Cartago e “Em sua primeira mocidade só pensava em prazeres e em sucessos materiais e mundanos. Pretendia tornar-se advogado (profissão em que dizia ele, quanto mais se mente tanto maior o sucesso)” (VERGEZ; HUISMAN, 1980, p. 93).

Quando jovem, Agostinho teve uma vida dissipada, voltada aos prazeres mundanos. Já adulto, abriu uma escola em Cartago. Tempos depois, mudou-se para Roma e, em seguida, para Milão. Sua vida pessoal continuava agitada, vítima da sensualidade extrema. Viveu um caso de amor profundo com uma jovem de classe social inferior, o que era proibido para os padrões da época. Esta lhe deu um filho, Adeodato “Mas a mãe de Agostinho, Mônica, enviuvando, reuniu-se com ele em Milão e obteve dele que – ficando com Adeodato – mandasse a companheira de volta para a África” (*Ibid.*, p. 94).

Bento Santiago também era atormentado pelos prazeres sensuais. Seu estômago marcava sempre presença e, nem nos momentos de maior impasse, deixava de se fazer presente. Como ele próprio relata, mesmo após ter passado por tudo o que passou, “comia bem e não dormia mal.”

Seus desejos eróticos intensos revelam-se na grande comoção do primeiro beijo em Capitu, no episódio em que ele vê uma mulher cair na rua e enxerga as meias brancas e as ligas de cetim azuis. Não conseguiu pensar em mais nada e até sonhou com as pernas. Sua atração por Sancha também demonstra a sua prontidão ao erotismo. As inúmeras companhias femininas que conservou em sua velhice confirmam um homem vigoroso sexualmente até a idade avançada.

Aos 17 anos, quando deixou o seminário, com suas emoções eróticas revoltas, sentia

[...] debaixo do recolhimento casto, uns assomos de petulância e de atrevimento; eram do sangue mas também das moças que na rua ou da janela

não me deixavam viver sossegado. Achavam-me lindo, e diziam-mo; e algumas queriam mirar mais de perto a minha beleza, e a vaidade é o princípio da corrupção (ASSIS, 2004a, p. 905).

Como Agostinho, sofria forte influência da mãe viúva, cuja atitude de reserva em relação a Capitu e a seu filho Ezequiel (se é que houve) serviram como argumento ao advogado para a confirmação da suposta traição da mulher e de sua pretensa falsa paternidade. Assim, tanto para um quanto para o outro, a presença da mãe serviu para precipitar o afastamento da mulher e ambos tiveram o filho morto precocemente.

A diferença radical entre eles deu-se exatamente no momento da definição da fé do Santo cristão. Agostinho, antes da conversão,

[...] Deixou-se, então, seduzir pelas doutrinas dos maniqueus, que afirmavam a existência absoluta de dois princípios, o bem e o mal, a luz e as trevas. Esperou ansiosamente pela visita de Fausto, um dos chefes da seita e homem louvado por sua alta sabedoria. O encontro, no entanto, foi decepcionante do ponto de vista das indagações intelectuais do discípulo, muito embora reconhecesse a simpatia e a capacidade de convencer do mestre, além de sua sinceridade (AGOSTINHO, 1984, p. VIII).

Em Milão, o Santo amargava as torturas da carne, quando descobriu o texto de São Paulo, que o converteu. Abandonou o maniqueísmo e a vida de prazeres mundanos, para se dedicar ao cristianismo.

Bento, no seminário, fez sua opção. Usando de seu livre arbítrio, não quis estudar a lei de Deus. Dedicou-se às leis dos homens, muitas vezes espúrias, legais mas imorais. Por ironia, foi estudá-las em São Paulo, cidade de nome homônimo ao Santo católico que inspirou Agostinho em sua conversão, mas que não lhe causou nenhuma indagação interior. Fez sua escolha pelo mundo dos homens de forma radical. Em seus primeiros anos, fora também um maniqueísta espontâneo, sem catecismos ou lições. Viveu entre o bem e o mal, agarrando-se ao amor de Capitu como uma tábua de salvação contra a perdição. Não perseverou, entretanto. Quando chegou o momento de fazer sua opção, renegou o bem e adotou o mal. E, tudo indica, jamais se arrependeu de tê-lo feito.

Também, conforme aquela passagem do soneto em que lhe faltou inspiração sobre a caridade, também não tinha fé e acabou sem esperança. Era estéril das três

Graças cristãs e passou a vida pecando contra a fé e a caridade, sendo que nesta ele chegou aos limites do inimaginável.

A primeira lembrança que o “*Panegírico*” lhe trouxe, entretanto, foi a de alguns seminaristas de seu tempo mas, sobretudo, de Ezequiel de Souza Escobar, que era alto, tinha olhos claros e fugitivos e mãos escorregadias. Ria facilmente e refletia sobre os fatos com profundidade. A amizade, entre eles, foi surgindo de maneira lenta e sólida. Embora tímido, no início, Ezequiel cativou-lhe a alma, então Bento se deixou envolver por aquela nova amizade.

A presença do nome “Ezequiel” não é casual na vida de Bento Santiago. Conforme a Bíblia, Ezequiel foi o profeta escolhido pelo Senhor, que, em aparição, lhe disse:

[...] Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às gentes apóstatas que se apartaram de mim; eles e seus pais têm prevaricado, violando o meu pacto até o dia de hoje.

4 E aqueles, a quem eu te envio, são uns filhos de semblante duro, e de coração indomável [...] (EZE., 2, 3-4).

Ao afirmar que os filhos de Israel prevaricavam, Deus queria dizer que eles agiam ou faltavam aos deveres por má-fé; que cometiam injustiças, procediam mal, transgrediam a moral e os bons costumes, deixavam de cumprir as promessas, quebravam a fidelidade conjugal, violavam segredos, corrompiam e pervertiam. Enfim não era pouco. Seria a presença de Ezequiel um indício de que Bento, como os filhos de Israel, prevaricava?

No livro do profeta bíblico, Deus ordenou que o profeta levasse a sua mensagem, no intuito de se fazer ouvir e entender, caso contrário, terríveis castigos e destruição abater-se-iam sobre a casa de Israel. A cidade de Jerusalém: “[...] desprezou os meus juízos, até o ponto de se tornar mais ímpia do que as gentes; e os meus preceitos, ainda mais do que todas as terras que estão ao redor dela; porque eles arrojaram de si os meus juízos, e não andaram nos meus preceitos” (EZE., 5, 6).

Anos mais tarde, quando Ezequiel filho tinha seis anos de idade, e já imitava todas as pessoas ao seu redor, em visita à casa de D. Glória:

José Dias pediu para ver nosso “profetazinho” (assim chamava a Ezequiel) e fez-lhe as festas de costume. Desta vez falou ao modo bíblico (estivera na véspera a folhear o livro de Ezequiel, como soube depois) e perguntava-lhe: “como vai isso, filho do homem?” “Dize-me filho do homem, onde estão os teus brinquedos?” “Queres comer doce, filho do homem?” (*Ibid.*, p. 921).

Conhecendo a tradição bíblica, Bento sabia que Ezequiel era o portador da palavra do Senhor quanto à ruína próxima dos filhos de Israel. Capitu reagiu, então, ao

comportamento de José Dias com aborrecimento e mandou-o parar de tratar o filho daquela maneira. É possível que ela também não desconhecesse o significado das palavras do agregado.

Caldwell (2002, p. 84) apresenta o seguinte relato sobre o destino do profeta bíblico, ao analisar o nome do “profetazinho” da obra **Dom Casmurro**:

[...] O profeta Ezequiel que, na tradição católica, é também um santo e um mártir, pois foi morto por um juiz judeu tornado pagão, foi sepultado na Babilônia no túmulo de Shem. Ezequiel Santiago é sepultado, com grandes cuidados cerimoniais, “nas imediações de Jerusalém”. Santiago sabe, evidentemente, a localização exata, mas não passa a informação ao leitor.

Anos antes, ainda na época do seminário, Bento teve sua primeira crise de ciúme de Capitu em decorrência de um comentário feito por José Dias, que era um poço de maldades veladas. Este lhe disse que a jovem andava alegre, que era uma “tontinha” e também que ela devia estar em busca de um “peralta da vizinhança” para se casar. O ciúme enturvou-lhe o juízo. Mas esse sentimento insensível não se dirigia ao possível rival. Ao contrário, transformava-se em furor contra Capitu. Como ele mesmo conta: “Outra idéia, não, – um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias” (ASSIS, 2004a, p. 874).

Vale ressaltar que sua hostilidade não se dirigia apenas à namorada, pois quando sua mãe adoeceu, ele teve um pensamento que o aterrou:

[...] “Mamãe defunta, acaba o seminário.”

Leitor, foi um relâmpago. Tão depressa alumiu a noite, como se esvaiu, e a escuridão fez-se mais cerrada, pelo efeito do remorso que me ficou. Foi uma sugestão da luxúria e do egoísmo. A piedade filial desmaiou um instante, com a perspectiva da liberdade certa, pelo desaparecimento da dívida e do devedor; foi um instante, menos que um instante, o centésimo de um instante, ainda assim o suficiente para complicar a minha aflição com um remorso (*Ibid.*, p. 879).

O desejo que D. Glória morresse trouxe-lhe pesado remorso. Pediu, então, perdão a Deus, prometeu dois mil padre-nossos se o Senhor lhe salvasse a mãe, os quais, como os demais, jamais pagou. Nesse momento da narrativa, inspirado por Montaigne, como ele mesmo revela, dedica-se a desvendar toda a sua essência toda.

Para isso, apresenta a sua teoria pessoal dos pecados e das virtudes. Ele havia contado o pecado do desejo de ver a mãe morta para livrar-se do seminário. Ensaiou contar também uma virtude, uma boa-ação, contudo não a encontrou, como se pode observar na seguinte passagem do romance:

[...] Não só as belas ações são belas em qualquer ocasião, como são também possíveis e prováveis, pela teoria que tenho dos pecados e das virtudes, não menos simples que clara. Reduz-se a isto que cada pessoa nasce com certo número deles e delas, aliados por matrimônio para se compensarem na vida. Quando um de tais cônjuges é mais forte que o outro, ele só guia o indivíduo, sem que este, por não haver praticado tal virtude ou cometido tal pecado, se possa dizer isento de um ou de outro; mas a regra é dar-se a prática simultânea dos dous, com vantagem do portador de ambos, e alguma vez com resplendor maior da terra e do céu [...]

Pelo que me toca, é certo que nasci com alguns daqueles casais, e naturalmente ainda os possuo. Já me sucedeu, aqui no Engenho Novo, por estar uma noite com muita dor de cabeça, desejar que o trem da Central estourasse longe dos meus ouvidos e interrompesse a linha por muitas horas, ainda que morresse alguém; e no dia seguinte perdi o trem da mesma estrada, por ter ido dar a minha bengala a um cego que não trazia bordão (ASSIS, 2004a, p. 880-881).

Assim, por meio de suas próprias palavras, compreende-se que seus defeitos diziam respeito ao desejo de desastres e morte alheia. Suas virtudes se concentravam em doar quinquilharias, o bordão, a aleijados. Nada mais de bom encontrara para argumentar a seu favor.

Naquela época, entretanto, ele ainda era uma alma dividida. A sua parte boa erguia-se contra a sua parte má e a continha de alguma forma. Nesse ponto, define-se uma diferença radical entre Bento Santiago e José Dias: ambos possuíam a marca de algo maléfico, sendo que este era cruel por não amar ninguém e aquele, cruel com as pessoas as quais amava

Vale lembrar que, na esteira dos acontecimentos que envolviam a doença da mãe, Bento teve sua segunda crise de ciúme e de fúria contra Capitu. Ao conversar com ela na janela, passou um rapaz num cavalo baio, um *dandy*, que olhou para Capitu e esta para ele. À medida que prosseguia em seu caminho, o cavaleiro olhava para trás, supostamente para vê-la. Assim, mais uma vez, o protagonista foi tomado pelo ciúme. Furioso, recolheu-se a casa abruptamente. A presença de José Dias lembrou-lhe o veneno que este destilara em seu coração contra a namorada. Quis agarrá-lo e

pedir-lhe explicações. Nada fez, entretanto. Retirou-se para o quarto, onde pôde, sozinho dar vazão à ira incontida:

[...] Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu frio e sereno, não teria mais que desprezo, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava-lhe perversa. Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles (ASSIS, 2004a, p. 885).

Quando ouviu a voz de Capitu, que fora fazer uma visita, teve vontade de “cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue...” (*Ibid.*, p. 886). Ele, então, comeu mal e não dormiu bem. Naquele tempo, ainda existia nele uma violenta perturbação moral. Ainda não se entregara ao cinismo sereno e à maldade plácida que coroaria tanto sua maturidade como sua velhice.

Quando contou a Capitu a sua crise de ciúme, ela fê-lo ver a grande injúria de que era vítima. Disse-lhe que ele a considerava leviana, mesmo após o juramento que ela lhe fizera de que só se casaria com ele. Nessa hora, a jovem chorou, magoada, e fez-lhe outra promessa: à primeira suspeita da parte dele, estaria tudo acabado entre eles. Bento lhe jurou que aquela “era a primeira suspeita e a última.” Jurou em falso: era a segunda suspeita e também não era a última.

Sobre a dissimulação de Bento, chama atenção o fato de o narrador prolongar o período de sua própria adolescência, a fim de atribuir certa naturalidade aos seus arroubos de fúria. O leitor se vê pensando nele, todo o tempo, mesmo na velhice, como “Bentinho”. Pode-se afirmar que este é um mero subterfúgio para amenizar um traço de caráter que já estava nele desde os dias de sua juventude, pelo menos.

Após toda a agitação moral dos anos de adolescência, o casamento com Capitu representou a estabilidade. A única sombra a pairar sobre a alegria do casal era a falta de um filho, que ambos desejavam ardentemente. Viviam felizes entre a família, poucos amigos e alguns bailes e saraus. No primeiro baile a que foram juntos, Bento teve ciúmes dos braços de Capitu que estavam à mostra. Em decorrência disso, nas outras festas, ela os cobria um pouco.

Outro sentimento que Bento encobriu com algum sucesso foi o do apego ao dinheiro. Logo no início de seu relato, sentiu necessidade de expor a pobreza de Capitu, descrevendo o seu espelhinho de pataca e moldura rústica, além das roupas simples e sapatilhas costuradas. Em seguida, hipotetizou que a jovem se aborrecera pela letra da toada do preto das cocadas que falava de pobreza. Na época do seminário, exibiu a Escobar os escravos numerosos da mãe e, também, com o pretexto de avaliar-lhe a capacidade matemática, e a pedido dele, levou-lhe a lista de casas de aluguel da mãe e o montante do valor dos aluguéis.

Nos comentários que faz durante a sua narrativa, usou por duas vezes uma metáfora pecuniária. Uma vez, quando sentiu ciúme do *dandy* que olhara para Capitu, imaginou que se as peças teatrais fossem de trás para frente, **Otelo** começaria com a morte de Desdêmona e o suicídio do mouro de Veneza e terminaria com a frase de Iago: “Mete dinheiro na bolsa” (ASSIS, 2004a, p. 884). Também, ao comentar a promessa de sua mãe de fazê-lo padre, usou uma metáfora de empréstimo bancário, fazendo de Deus um grande capitalista, afirmando: “[...] mas a vantagem de contratar com o céu é que intenção vale dinheiro” (ASSIS, 2004a, p. 890).

Após dois anos de casados, ele comentou sobre a mulher: “Já disse que era poupada, ou fica dito agora, e não só de dinheiro mas também de cousas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade” (Ibid., p. 911). Passando-se por ingênuo e crédulo, ao tratar do tanto que Capitu era econômica, ele conta, na seqüência, o fato ocorrido em certa noite, quando ele lhe dava mais uma lição de astronomia e ela, distraída, olhava as estrelas. Inquirida sobre o alheamento, ela lhe confessou que fazia contas mentalmente, para saber onde estaria certa parcela de dinheiro. Ele próprio envolveu-se nas contas e viu-se somando com lápis e papel. Em seguida, Capitu retirou-se momentaneamente da sala sorrindo. Quando retornou, trazia 10 libras esterlinas, a economia doméstica que ela convertera em ouro com a ajuda de Escobar. Bento Santiago ficou tão comovido que queria gastar o dobro com ela, mas a esposa o conteve.

Destaca-se que o episódio fê-lo sentir mais carinho por Capitu e aumentou sua amizade por Escobar. Teria ele sentido ternura pelas 10 libras como Judas pelos seus 30 dinheiros? Pode-se presumir que esse novo alento de carinho pela mulher tenha

alterado um pouco a monotonia das noites, substituindo as aulas de astronomia por atividades mais palpitantes, tendo sido reacendida a combalida chama da paixão. Ressalta-se que, tempos depois do episódio das libras, eles tiveram o tão esperado filho, fato que os deixou inundados de alegria. O pai não se cansava de elaborar planos futuros para o menino. Escobar propôs que ele se casasse com Capituzinha, sua filha.

Embora o leitor não esteja preparado para fazer uma análise intertextual dos romances machadianos e, ainda, sendo apanhado na armadilha do filho único que demora a nascer, usada por Bento Santiago com o objetivo de insinuar que Capitu engravidou após um suposto relacionamento com Escobar, essa análise faz-se obrigatória, a fim de se entender que não houve nada de mais na gravidez retardada de Capitu nem no fato de Ezequiel ser filho único.

Ressalta-se que várias das personagens principais de Machado de Assis são filhos únicos. Félix, de **Ressurreição**, por exemplo, é um deles; Guiomar, de **A mão e a luva**; Estácio e Helena, de **Helena**; Jorge, Iaiá e Estela, de **Iaiá Garcia**; Virgília, de **Memórias póstumas de Brás Cubas**; Cristiano Palha e Sofia, de **Quincas Borba**; e Capitolina de **Dom Casmurro**. Todos eles não tiveram irmãos e não foi pelo desaparecimento de um dos pais. Parecia não haver nada de mais nisso. Outrossim, se Capitu demorou dois anos para engravidar, o que dizer de Natividade, de **Esau e Jacó**, que levou 10 anos para gerar os seus gêmeos? A dúvida lançada, sorratamente, por Bento Santiago contra Capitu e Escobar não parece encontrar bases sólidas na realidade da época.

Quando nasceu o menino, Bento queria que Escobar fosse o padrinho, mas seu tio Cosme impôs-se como tal. Uma vez que não teve forças para impedi-lo, desejou que ele morresse. Como era seu hábito, via na morte a saída para os seus embaraços, mas aceitava isso com tanta naturalidade que emprestava pureza a seus desejos homicidas: “Eu ainda tentei espaçar a cerimônia A ver se tio Cosme sucumbia primeiro à doença, mas parece que esta era mais de aborrecer que de matar” (ASSIS, 2004a, p. 915). Para compensar o amigo, deu seu nome ao filho, ou seja, Ezequiel.

Como o menino gostasse de música, Bento pediu, certa vez, a Capitu que tocasse no piano a toada do preto das cocadas. Ela lhe disse que não se lembrava mais nem da letra nem da música. Bento estranhou mas, quando era estudante em São

Paulo, pedira ao professor de música que tirasse a referida toada no piano. Ele guardara consigo as anotações do músico paulista e foi buscá-las. Capitu tocou a canção, achando-lhe um sabor delicioso e contou a história ao filho. Como a letra falava da menina que chorava porque não tinha vintém, ao final: “Ezequiel aproveitou a música para pedir-me que desmentisse o texto dando-lhe algum dinheiro” (*Ibid.*, p. 916).

Observa-se, pois, a forma enviesada de Bento Santiago de, com apenas um caso, relatar três ações simultâneas: em primeiro lugar, ele confirma seu interesse por dinheiro, afinal, a lembrança da toada foi dele; em segundo, insinua o apego de Ezequiel ao dinheiro, como o pai e, em terceiro, revela sua maneira sutil de atingir Capitu gratuitamente. Ele se lembrava, com certeza, do tanto que a letra da música a aborrecera durante a adolescência quando ela, como a menina da letra, também não tinha vintém. Agora, numa vida de aparente harmonia conjugal e abastança financeira oriunda dele, desejava que ela se lembrasse de suas origens humildes.

Tempos depois, quando da morte de Escobar, Bento relata sua dor sem pudores. No velório, todos choravam o morto. A viúva desconsolada e em lágrimas era amparada por Capitu. Esta não chorava, mas, ao se aproximar do defunto, verteu ela própria algumas lágrimas que secaram as que o marido derramava naquele momento. Ele pretendeu ver nela o olhar da viúva. Foi tomado pela mesma fúria das outras crises de ciúme. Conteve-se, entretanto, como exigia o momento, contudo o veneno começara a ser destilado em sua alma. Iniciava-se, naquele instante, sua ira vingativa contra a mulher e o filho.

Bento Santiago custou a retornar a casa naquele dia. Ganhava força dentro dele um outro homem. Às vésperas de seus 30 anos, iniciava-se a batalha final por sua alma. Vencia nele, aos poucos, aquele lado que ele sempre sufocou, e que retornava sempre mais forte. Enfim, tomava forma, em seu interior, a impiedade sem limites.

Segundo seu relato, durante um ano, ainda viveu placidamente com a mulher e o filho, até que um dia Capitu chamou-lhe a atenção para o olhar do filho, que lembrava muito o de um amigo de seu pai e o de Escobar. Ele conferiu o comentário da esposa e não encontrou nada de estranho no menino. Lentamente, entretanto, a dúvida atroz começou a atormentá-lo. Recolheu-se em si mesmo, passou a ignorar os carinhos e cuidados da mulher. Não queria nada mais: diversão, viagens, passeios. As brigas

entre ele e Capitu, as “tempestades” que antes eram escassas passaram a ser freqüentes e violentas. Até então, ninguém diria que eles haviam vivido conflitos no casamento, pelo menos não lendo o seu relato.

A semelhança do filho com o amigo morto insuflava-lhe os ímpetos homicidas contra Ezequiel e Capitu. Já desejara a morte da mãe e do Tio Cosme. Agora a idéia tornava-se uma obsessão. Ele afirma:

[...] e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro (ASSIS, 2004a, p. 932).

Bento ainda hesitava entre o amor e o ódio por aqueles a quem amava, entretanto a impiedade roía-lhe a resistência e ele, paulatinamente, a ela se entregava.

A presença de Ezequiel tornou-se-lhe um suplício; o menino passou a ser-lhe insuportável. Capitu sugeriu um colégio interno. O menino partiu chorando, implorando ao pai, a quem amava acima de todos, que fosse vê-lo. Nos finais de semana, quando voltava para casa saudoso e cheio de carinho pelo pai, este o evitava o mais que podia, ficando fora por longos períodos de tempo.

Certo dia, foi tomado por uma idéia persistente e condutora: planejava o próprio suicídio. Comprou o veneno e: “com a morte no bolso senti tamanha alegria como se acabasse de tirar a sorte grande” (*Ibid.*, p. 934). Foi à casa da mãe a título de visita mas pensando em se despedir. Achou todos os parentes bem melhores do que das outras vezes que ali estivera recentemente. Mais tarde, foi ao teatro assistir à peça **Otelo**. Deliciava-se com o próprio sofrimento. O último ato da peça, à qual ainda não assistira, mas de cujo enredo tinha conhecimento, levou-o a perceber que quem deveria perecer não era ele e sim Capitu.

Sua maldade ia, aos poucos, vencendo e assenhorando-se dele. Como fizera várias vezes anteriormente, recorria à idéia da morte para resolver algum embaraço. Agora, diante daquele impasse, convocava-a novamente. Em fúria, devaneava como a esposa deveria morrer. Capitu merecia mais do que um travesseiro, como Desdêmona.

Ela merecia sangue e fogo: “[...] um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó” (*Ibid.*, p. 935).

Continuava, pois, determinado a se matar. Vagou a noite toda. Chegou à sua casa às seis horas da manhã. Dirigiu-se ao escritório, tirou o veneno do bolso e escreveu uma carta acusatória a Capitu. Ela teria que pagar com um remorso intenso e interminável pela sua morte. Não lhe era bastante pôr um fim a seu próprio sofrimento. Era preciso aniquilá-la também. Sua ação visava-a. Queria-a arruinada, transformar seus dias em pura penúria e agonia.

Aguardou, então, o café e nele misturou o veneno. Foi interrompido pelo filho que entrou no gabinete: “Ezequiel abraçou-me os joelhos, esticou-se na ponta dos pés, como querendo subir e dar-me o beijo do costume; e repetia, puxando-me: – Papai, papai!” (ASSIS, 2004a, p. 936).

Uma idéia pérfida cruzou-lhe a mente como um raio. Levou o filho até a mesa e fê-lo tomar o café envenenado. No último instante, arrependeu-se e quando deu por si, abraçava, beijava o filho e dizia-lhe que não era seu pai.

Capitu acabara de entrar para chamar o menino, a fim de irem à missa de domingo. Pediu explicações sobre a última frase por ele proferida. Bento repetiu-lhe o que dissera à criança. Ela ficou tão estupefata e indignada que, segundo as suas próprias palavras, levaria qualquer um a duvidar do crime do qual era acusada. Ele, pelo menos, duvidou. Seu ódio, entretanto, foi mais forte e a impiedade latente conduziu-lhe os atos.

Ela exigiu que o marido lhe dissesse tudo o que se passava. Poderia, então, defender-se ou separar-se dele. Bento respondeu-lhe que a separação já era fato consumado entre eles. Contou-lhe o que lhe ia na alma, mas apenas meias verdades, como sempre fazia. Ela, sorrindo irônica e melancolicamente, disse-lhe: “Eu sei a razão disso: é a casualidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; apesar do seminário não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos fica bem dizer mais nada” (ASSIS, 2004a, p. 938). Bento Santiago desistiu de morrer. Não precisava mais. Capitu já fora atingida e estava moralmente destruída. O sofrimento dela o alimentava e lhe trazia sangue novo. Finalmente, não era mais um homem dividido: seu caráter se revelava com firmeza e vigor.

Capitu voltou da igreja convicta de que a separação era indispensável e lhe disse que ela estava às ordens. Bento continuava a considerá-la uma dissimulada. Sobre esse momento, ocorre-lhe relatar:

[...] Contava com a minha debilidade ou com a própria incerteza em que eu podia estar da paternidade do outro, mas falhou tudo. Acaso haveria em mim um homem novo, um que aparecia agora, desde que impressões novas e fortes o descobriam? Nesse caso era um homem apenas encoberto. Respondi-lhe que ia pensar, e faríamos o que eu pensasse. Em verdade vos digo que tudo estava pensado e feito (ASSIS, 2004a, p. 938).

Impiedosamente, ele baniu Capitu e Ezequiel para a Europa. Instalou-os na Suíça. Deixou-os naquele país distante e nunca mais voltou para vê-los. Nada aplacava a sua cólera interior. Nem saudades nem apelos sensibilizaram o seu já empedernido coração: “Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e seqüidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver” (Ibid., p. 939).

Assim, pode-se afirmar que, finalmente fora desfraldada a capa da dissimulação e da maldade. Bento Santiago, mais uma vez, recorreu ao seu velho artifício de ocultar-se, mostrando-se. Para que ninguém percebesse nada, embarcou para a Europa. Dizia a todos que ia ver a família mas jamais os encontrou. Fez isso mais de uma vez, convicto de suas ações: “[...] naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de dissimular isto mesmo, e enganar a opinião” (Ibid.).

Anos mais tarde, morando no Engenho Novo, casmurro e só, recebeu a visita de Ezequiel que retornara da Europa para vê-lo. Com o coração congelado e a alma ardendo de maldade, o narrador comenta, com frieza, que Capitu morrera na Suíça, certamente de amargura, e sem jamais vê-lo de novo. O reencontro entre pai e filho foi estudado e medido:

Não fui logo, logo; fi-lo esperar uns dez ou quinze minutos na sala. Só depois é que me lembrou que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo, falar-lhe na mãe. A mãe, – creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça. Acabei de vestir-me às pressas. Quando saí do quarto, tomei ares de pai, um pai entre manso e crespo, metade Dom Casmurro. Ao entrar na sala, dei com um rapaz, de costas, mirando o busto de Massinissa, pintado na parede. Vim cauteloso, e não fiz rumor. Não obstante, ouviu-me os passos, e voltou-se depressa. Conheceu-me pelos retratos e

correu para mim. Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar (ASSIS, 2004a, p. 942).

A presença de Ezequiel fê-lo desejar que o jovem fosse seu filho, contudo nada o demovia de suas convicções. Não houve lembrança nem saudade que o comovesse. O rapaz ainda relatou a passagem, a seguir, referente à infância, na qual aparece toda a desumanidade do pai:

– Papai ainda se lembra quando me levou para o colégio? Perguntou rindo.
 – Pois não hei de lembrar-me?
 – Era na Lapa; eu ia desesperado, e papai não parava, dava-me cada puxão, e eu com as perninhas... Sim, senhor, aceito.
 Estendeu o copo ao vinho que eu lhe oferecia, bebeu um gole, e continuou a comer (*Ibid.*, p. 942).

Bento, como não tinha outra saída, fez-se de pai. Certamente, velou a alegria que isso lhe deu. Chegou até a pensar que, se José Dias estivesse vivo, diria que o rapaz em muito se lhe assemelhava. Prima Justina, a última testemunha de sua iniquidade, quis ver o jovem, mas ele não deixou. Poderia ela desfazer a sua farsa. Ela morreu antes de rever o parente e Ezequiel só a viu morta.

Os dois viveram juntos por seis meses. Ao final desse tempo, durante o qual Ezequiel era só alegria, ele planejou uma viagem à Grécia, Egito e Palestina:

[...] Prometi-lhe recursos, e dei-lhe logo os primeiros dinheiros precisos. Como disse que uma das conseqüências dos amores furtivos do pai era pagar eu as arqueologias do filho; antes lhe pagasse a lepra... Quando esta idéia me atravessou o cérebro, senti-me tão cruel e perverso que peguei no rapaz e quis apertá-lo ao coração, mas recuei; encarei-o depois, como se faz a um filho de verdade; os olhos que ele me deitou foram ternos e agradecidos (*Ibid.*, p. 943).

Essa passagem do romance dá sentido a um outro momento do livro que até então ficara um tanto inexplicado: o relacionamento de Bento Santiago com o leproso Manduca. Eles se conheceram na época da adolescência. O jovem era seu vizinho na Rua de Mata-cavalos. Começaram um debate por escrito sobre a guerra da Criméia, até que Bento desistiu. Tempos depois, já no seminário, quando ele velou o

adolescente morto, este era a imagem da desolação: “Vivo era feio, morto pareceu-me horrível. Quando eu vi, estendido na cama, o triste corpo daquele meu vizinho, fiquei apavorado e desviei os olhos” (ASSIS, 2004a, p. 894).

O defunto estava pálido e disforme. Se seu aspecto era aversivo na morte, em vida era repulsivo, vida, aliás, miserável e recolhida, como uma condenação de pena eterna. Vivia ele no interior da casa, aos fundos da loja do pai, onde tudo exalava pobreza e miséria, e longe da vista de todos. Aos domingos, o pai vestia-lhe uma camisola escura e ele via uma nesga do mundo do interior da loja paterna. A doença: “[...] ia lhe comendo parte das carnes, os dedos queriam apertar-se; o aspecto não atraía, decerto” (*Ibid.*, p. 896).

O desejo de Dom Casmurro de que Ezequiel tivesse lepra não era um pensamento leviano. Almejara para o filho a pior das tragédias, uma dor incomensurável que ele conhecia bem. Desejou ao rapaz o pior que tinha visto em toda a sua vida. Sua impiedade foi tão intensa e cruel naquele momento que ele mesmo fraquejou, assustado. Seu furor, entretanto não arrefecia.

Com indiferença e alívio, recebeu a notícia da morte de Ezequiel por febre tifóide. Estava ele em Jerusalém com amigos de viagem. Esses, que o acompanhavam, cuidaram do enterro e devolveram ao pai os despojos do filho, dentre eles, o restante do dinheiro que sobrara das despesas fúnebres. Ao pai, ocorreu registrar sobre o dinheiro devolvido: “[...] pagaria o triplo para não tornar a vê-lo” (ASSIS, 2004a, p. 943).

Dom Casmurro, sem ninguém de seu, levou a vida o melhor que pôde. Teve várias mulheres. Nenhuma o marcou e ele continuou a viver carregando, dentro de si, a lembrança de Capitu, cujos olhos de “cigana oblíqua e dissimulada” conviviam ao lado daquela que tivera “os olhos de ressaca”. Antes de terminar a narrativa, declara que irá, dali em diante, dedicar-se a escrever uma história dos subúrbios, insípida como era a sua vida.

Se se seguir a sua “Reforma dramática” empreendida no capítulo LXII, quando ele propõe que as peças deveriam começar pelo fim e terminar pelo começo: “Otelo mataria Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados à ação lenta e decrescente do ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais da ameaça dos turcos, as explicações de Otelo e Desdêmona, e o bom conselho do fino lago: ‘Mete dinheiro

na bolsa” (ASSIS, 2004a, p. 884), pode-se descobrir a essência de seu caráter: terminaria ele um ímpio e começaria casmurro. Talvez fosse essa a sua verdade incontestável. Os anos juvenis que serviram para atenuar-lhe os traços violentos seriam meros coadjuvantes nessa farsa de rbugice e maldade.

3 A VAIDADE: *QUINCAS BORBA*

No romance **Quincas Borba**, Machado de Assis propõe-se a pesquisar a vaidade humana e desenvolve o seu estudo mais amplamente na figura de Rubião. Este, repetindo a história de Quincas Borba, tem sua vida marcada pela vanglória tão exacerbada e, ao se entregar a esta como a uma paixão, acaba enlouquecendo. Nessa obra, outras personagens também terão a bazófia como o traço primordial de suas personalidades.

3.1 QUINCAS BORBA, UM LOUCO

O romance que leva o nome do filósofo do Humanitismo é, na verdade, uma segunda edição daquele original, publicado em capítulos, no jornal **A Estação**, no Rio de Janeiro, entre junho de 1886 e setembro de 1891, num total de 91 folhetins. Segundo Machado (2003, p. 153): “Da publicação na revista para o livro, as mudanças foram radicais, com a supressão de trechos inteiros e acréscimos de outros. Em verdade, era uma nova obra.”

Conforme relata Piza (2006, p. 260), a escolha da cidade mineira de Barbacena como o local onde Quincas Borba foi receber a herança do parente morto e terra natal de Rubião deve-se a uma viagem que Machado de Assis fizera a Minas Gerais em 1890. Segundo esse autor:

Nesse ano de 1890 Machado pouco escreveu na imprensa, traumatizado com a queda da Monarquia e os primeiros atos da República.

Segundo a neta da Condessa de São Mamede, Francisca de Bastos Cordeiro, em *Machado de Assis na intimidade*, ele teria escrito uma comediazinha para seu aniversário de quinze anos, *Beijinhos em vovó*, dirigindo os parentes com nervosismo, e também nesse ano teria ido a Barbacena, em Minas Gerais, para visitar fazendas de amigos, e lá se assustado com as trovoadas e os cavalos. Barbacena seria usada como referência em *Quincas*

Borba. Machado também comentaria em carta a seu amigo Magalhães de Azeredo, depois que este o convidou a viajar até São João d'El Rei: "Tenho saído algumas vezes; já fui, raro e de corrida, a essa própria Minas – o bastante para bendizê-la."

Como **Memórias Póstumas de Brás Cubas** aparecera em 1881, fica-se sem saber se Machado de Assis já estivera antes em Barbacena ou se, durante a viagem de 1890, quis conhecer o local onde Quincas Borba vivera a sua loucura e Rubião partira na viagem em direção à sandice na corte. A carta de Machado de Assis a Magalhães de Azeredo, conforme Piza, testemunha que ele já visitara o Estado anteriormente.

O livro apareceu, finalmente, nas livrarias, em novembro de 1891. Dentre os críticos que publicaram matérias sobre a obra, destaca-se José Veríssimo. Em 11 de janeiro de 1892, ele escreveu os seus comentários no **Jornal do Brasil**. Nesses, faz uma breve avaliação da obra machadiana, enaltecendo as qualidades literárias do autor. Destacou que, a seu ver, **Quincas Borba** era um romance completo, de caráter e de costumes.

Azeredo (2003, p. 173), em estudo sobre o livro publicado em várias edições de **O Estado de São Paulo**, em abril de 1892, exaltou as excepcionais qualidades literárias do autor, comparando-o a autores estrangeiros bastante populares na época, como Émile Zola e Balzac. Sobre a capacidade criativa de se expressar em descrições curtas e frases breves, comenta:

Liga-se a esta circunstância o seu modo peculiar de escrever. Não gasta ele, em quadros intermináveis, páginas e páginas, como fazem de ordinário Balzac e Zola; não é raro que consagre poucas linhas à pintura de um lugar ou de uma fisionomia; mas linhas são essas tão artisticamente traçadas, que nos dão, inteira, a impressão de que ele quer que vejamos.

Araripe Júnior (2003), em crítica publicada em 5 de fevereiro de 1893, na **Gazeta de Notícias**, do Rio de Janeiro, analisa os aspectos epistemológicos da filosofia de Quincas Borba, o "Humanitismo". Para esse autor, o pensamento do filósofo estaria

fundamentado nas obras de Auguste Comte (1798-1857) e Charles Darwin (1809-1882). Já Aderbal de Carvalho (*apud* MACHADO, 2003) afirma, em seu livro **O naturalismo no Brasil**, publicado em 1894, que Machado de Assis havia tentado produzir o gênero do romance humorístico, tanto em **Memórias póstumas de Brás Cubas** quanto em **Quincas Borba**, à moda de Thackeray e Sterne, embora acredite que ele não tenha obtido sucesso em seu projeto literário.

O fato é que a obra machadiana sempre suscitou as mais diversas interpretações tanto de seus admiradores quanto de seus detratores. Machado de Assis continua, até hoje, a ser uma fonte inesgotável para os estudos literários.

3.2 A VAIDADE EM QUINCAS BORBA

O traço de personalidade que Machado de Assis desenvolve no romance **Quincas Borba** é a vaidade. Ela é a marca central de vários caracteres. Determina-lhes a existência e se manifesta em diferentes formas. O protagonista, Rubião, sente tal vaidade e tal estima por si próprio que se perde num delírio megalomaniaco. Assim, de professor nas montanhas de Minas a capitalista na corte e “imperador dos franceses”, sua história revela o que a exaltação de si promove na vida humana.

Cristiano Palha ostenta a vaidade pelas posses, especialmente pela beleza de sua mulher, Sofia. No início da trama, Rubião fita um par de figuras em bronze, um Fausto e um Mefistófeles, que adquirira por orientação desse amigo. As duas estátuas revelam uma parte do caráter de Cristiano Palha: Fausto vendeu a alma ao diabo, Mefistófeles, em troca de poder e saber. Os dois representam um comércio macabro e deletério, a ruína moral e a vaidade que aspira à imortalidade. As duas estátuas, de fato, significam a relação entre os dois homens que desconhecem as regras morais em busca de seus caprichos pessoais. Os dois tornar-se-ão Faustos e ambos virarão Mefistófeles. Cristiano Palha também irá se corromper pela fortuna e se vangloriar da beleza e da cobiça que a mulher inspira. Tem consciência de que ela é o seu bem mais vistoso, por isso, a ostenta com galhardia. Envaidece-se quando Carlos Maria dela se

aproxima numa festa. Entende o gesto do grande cabotino como uma deferência e uma elevação social. Envaidecido, entabula o seguinte diálogo com a mulher:

- É a primeira figura do salão, disse-lhe o marido com orgulho de ver que se ocupara tanto tempo com ela.
- Entre os homens, explicou Sofia.
- Entre as senhoras és tu, acudiu ele mirando-se no colo da mulher, e circulando depois os olhos pela sala, com uma expressão de posse e domínio, que a mulher já conhecia e que lhe fazia bem (ASSIS, 2004a, p. 687).

O amor de Rubião, Sofia, facilitou em muito a vida empresarial de Cristiano, que fazia “ouvidos moucos e olhos cegos” à corte do herdeiro à sua mulher. Os benefícios oriundos do apaixonado amigo foram tantos que logo os Palha deixaram a casa de Santa Teresa e mudaram-se para outra maior, na Praia do Flamengo. Progrediam financeiramente a olhos vistos. Acabaram construindo rica mansão em Botafogo e a freqüentar a melhor sociedade da época.

Sofia também desfruta de seus dotes físicos com ternura e adora mirar-se em espelhos. Pavimentava um caminho que a levaria a desfilas a beleza e a brilhar em horizontes mais elevados. Em decorrência de uma epidemia, numa cidade das Alagoas, idealizou e organizou uma comissão de senhoras de alta esfera, com o intuito de angariar fundos beneficentes aos necessitados. Sabia ela ser esta a oportunidade de ascensão social que tanto almejava.

Como todos as demais personagens, Sofia era também vaidosa. No dia de seu aniversário, estava em seu quarto e preparava-se para receber os convidados, perdida em admirar-se, em cultivar a beleza, sua maior grandeza:

Tratou de vestir-se; mas, ao passar por diante do espelho, deixou-se estar alguns instantes. Comprazia-se na contemplação de si mesma, das suas ricas formas, dos braços nus de cima a baixo, dos próprios olhos contempladores. Fazia vinte e nove anos, achava que era a mesma dos vinte e cinco, e não se enganava. Cingido e apertado o colete, diante do espelho, acomodou os seios com amor, e deixou espriar-se o colo magnífico. Lembrou-se então de ver como lhe ficava o brilhante; tirou o colar e pô-lo ao pescoço. Perfeito. Voltou-se da esquerda para a direita e vice-versa, aproximou-se, afetou-se, aumentou a luz do camarim; perfeito (ASSIS, 2004a, p. 740).

Destaca-se que outra personagem que compartilha da vanglória grupal e ostenta a fatuidade pessoal é Carlos Maria, cuja vida era toda voltada à auto-admiração. Desprovido de generosidade ou simpatia, cultivava os pequenos gestos, as ínfimas aspirações, e aproveitava qualquer oportunidade para se exhibir. Nisso, resumia-se toda sua existência – sua religião pessoal. Era um deus a mirar-se, enfeitiçado com o próprio brilho. Por conseguinte, qualquer expressão banal de sua parte, qualquer promessa de conquista, como a que empreendera contra Sofia, um elogio vazio ou um cumprimento tolo, seu ou de outrem, enfim, tudo o que houvesse de mais insignificante ou pretensamente airoso sobre si mesmo era-lhe motivo de regozijo. Assim, os seus dias, vazios de ações relevantes e cheios de mesquinhas atitudes, eram dedicados à auto-veneração. Na manhã seguinte a um baile, acordou exultante de si:

[...] Carlos Maria abria os olhos, estirava os membros e, antes de ir para o banho, vestir-se e dar um passeio a cavalo, reconstruiu a véspera. Tinha esse costume; achava sempre nos sucessos do dia anterior algum fato, algum dito, alguma nota que lhe fazia bem. Aí é que o espírito se demorava; aí eram as estalagens do caminho, onde ele descavalgava, para beber vagarosamente um golpe d'água fresca. Se não havia sucesso nenhum desses, – ou se os havia só contrários, nem por isso as sensações eram desconfortativas; bastava-lhe o sabor de alguma palavra que ele mesmo houvesse dito, – de algum gesto que fizesse, a contemplação subjetiva, o gosto de ter sentido viver, – para que a véspera não fosse um dia perdido (ASSIS, 2004a, p. 708).

E isso não era tudo. Carlos Maria cortejava as mulheres, ou melhor, exhibia-se-lhes com o intuito de receber louvor e admiração. Sentia-se o centro de um universo, o único que existia, no qual brilhava intensamente, iluminando as existências medíocres de seus circundantes. Não rejeitava nem descartava a inveja masculina, os olhares de admiração, mesmo que fossem mosqueados pelo ódio, interessavam-lhe:

MONTAVA BEM. Toda a gente que passava, ou estava às portas, não se fartava de mirar a postura do moço, o garbo, a tranqüilidade régia com que se deixava ir. Carlos Maria, – e este era o ponto em que cedia à multidão, – recolhia as admirações todas, por ínfimas que fossem. Para adorá-lo, todos os homens faziam parte da humanidade (*Ibid.*, p. 709).

Quando decidiu casar-se com Maria Benedita, fê-lo em resposta a um sentimento sincero que lhe nascera no peito, fruto da adoração religiosa que esta lhe devotava. Casava-se

com o amor por si mesmo, refletido nos olhos de pura idolatria da moça. Três meses após o casamento, o casal embarcou para a Europa em de lua-de-mel.

Algum tempo depois, Carlos Maria e Maria Benedita retornaram de viagem em plena felicidade. Instalaram-se na Tijuca. Certo dia, lia uma revista inglesa enquanto a mulher o admirava calada:

O marido sorriu e tornou à revista inglesa. Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao de leve e caladinha para não perturbá-lo. Ele ia lendo, lendo, lendo. Maria Benedita foi atenuando a carícia, retirando os dedos aos poucos, até que saiu da sala, onde Carlos Maria continuou a ler um estudo de Sir Charles Little, M.P., sobre a famosa estatueta de Narciso, do Museu de Nápoles (ASSIS, 2004a, p. 788).

Como se pode constatar, todas as personagens de maior destaque da trama ostentam o mesmo traço de caráter: a vaidade. Esta pode se manifestar transformada em paixão patológica, como no caso de Rubião; pode se apresentar como vaidade pelas posses e pelos bens materiais, representada por Cristiano Palha; pode assumir a forma da vaidade dos dotes físicos e o desejo de reconhecimento público, encarnada na bela Sofia e, ainda, apresentar-se como a vaidade das próprias pretensões, conforme delineada em Carlos Maria.

Romance que retrata os tipos que se destacam pela pretensão, seu título é por si só intrigante. Por que será que uma história tão breve como a de Quincas Borba nomeou a obra? Essa personagem aparecera e tivera parte de sua vida contada em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o livro imediatamente anterior publicado por Machado de Assis. Nesse, que leva seu nome, ele tem uma participação apenas inicial, embora seja em virtude de sua morte e da herança que a narrativa se desenvolva. Seria, pois, o enredo do episódio da estadia em Barbacena, isto é, a evolução de sua incipiente loucura a partir da mania de grandeza, o mote da narrativa principal?

Ao se acompanhar a história de Quincas Borba, da infância até à morte, constata-se que sua vaidade, exacerbada, desde menino, levou-o, por meio de delírios megalomaniacos, à insanidade total, quando ele se convenceu de que era santo. Esta é, pois, também, a temática da presente história: a vaidade desmesurada é o prenúncio da loucura, uma forma de doença psíquica.

Machado de Assis (2004a, p. 905), ao escrever **Dom Casmurro**, afirma: “a vaidade é o princípio da corrupção.” Então, a partir dessa afirmação, pode-se levantar o seguinte questionamento: já teria ele essa concepção em mente, quando escreveu esse romance?

Segundo Brás Cubas, que conheceu o filósofo do Humanitismo ainda na infância, ele era:

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos (ASSIS, 2004a, p. 532).

Vê-se, na citação do finado amigo, desabrochar no menino a flor da vaidade. Para ele, nada seria mais natural do que ser imperador, ministro ou general. Sempre algo grandioso. Seus gestos denotavam a excelência a que aspirava e conservava o encanto juvenil em meio aos traços da majestade que ele desejava para si. O destino, entretanto, não confirmou suas aspirações. Quando, anos depois, já adulto, Brás Cubas o reencontrou no Passeio Público, deparou-se com a antítese daquela promessa que ele fora em outros tempos. Estava miserável e maltrapilho, sem ter o que comer nem onde viver.

Tempos mais tarde, depois que herdou a fortuna de um parente, pôde fazer-se ouvir. Conforme a sua convicção, criou o Humanitismo, a filosofia que seria a coroação de séculos de especulação e estava destinada a retificar o espírito humano, suprimir a

dor, assegurar a felicidade e glorificar o país. Segundo sua doutrina, estaria encerrado no próprio homem o segredo de toda a criação.

Embora confuso e aparentemente derrisório, o Humanitismo era o porta-voz da sandice latente do filósofo, seu criador. Para este, o absurdo das ações humanas faria parte de sua própria essência. Variariam apenas as diferentes formas de encarar os distintos arroubos da matéria. Assim, o amor é um sacerdócio; a reprodução, um ritual e não uma mera oportunidade para o galanteio. Por conseqüência, também a vaidade é entendida como uma necessidade da essência humana, uma forma de Humanitas adorar-se a si mesmo; a inveja é uma admiração que luta; já o assassino, bem como o seu algoz, são aspectos diferentes da ânsia de Humanitas pela própria força. Para o Humanitismo, o princípio universal estava repartido e resumido em cada homem.

Sobre seus últimos dias, Brás Cubas esclarece:

[...] Quincas Borba não só estava louco, mas sabia que estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situação. Sabia-o, e não se irritava contra o mal; ao contrário, dizia-me que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo mesmo. Recitava-me longos capítulos do livro, e antífonas, e litanias espirituais; chegou até a reproduzir uma dança sacra que inventara para as cerimônias do Humanitismo. A graça lúgubre com que ele levantava e sacudia as pernas era singularmente fantástica. Outras vezes amuava-se a um canto, com os olhos fitos no ar, uns olhos em que, em longe, fulgurava um raio persistente da razão, triste como uma lágrima...

Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como o supôs Voltaire (ASSIS, 2004a, p. 638-639).

A menção que o moribundo faz a Pangloss é a derradeira mensagem de otimismo. Referia-se à personagem criada por Voltaire em **Candide**, o tutor pedante e incansavelmente otimista do protagonista dessa novela.

Se, na fase carioca, a filosofia adquirira ares de doutrina moral, bem de acordo com o principal interlocutor do filósofo, Brás Cubas; em Barbacena, ela desenvolvia o aspecto da ânsia da vida pela expansão, em sintonia com a fraqueza espiritual de Rubião, que fazia as vezes de enfermeiro do filósofo. Se, no Rio de Janeiro, parecia inspirada num Hedonismo transformado; em Minas Gerais, assumia ares do que Senna (1998, p. 87) nomeou “teoria spenceriana da sobrevivência do mais apto”, conforme ele tentou ensinar ao discípulo da Mantiqueira.

Nesse período de sua filosofia, destacava Quincas Borba a “luta pela vida”, tentando preparar Rubião para o futuro. O parvo mestre-escola jamais entendeu a mensagem do mestre. Teria as batatas e nada faria com elas. Era um derrotado da vida, um néscio que jamais aprendeu ou conheceu a fonte de onde tiraria sua força. Por seu lado, entre eflúvios de razão e torrentes de loucura, Quincas Borba titubeava em uma existência frágil e inconstante. Os arroubos de imponência de seus primeiros anos voltaram a se apossar dele, já sem a frescura e a graça infantis, mas como um esgar bizarro da loucura. Seu espírito esfrangalhado convencera-se, afinal, de que ele atingira o apogeu: “Crê-me, o Humanismo é o remate das cousas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo” (ASSIS, 2004a, p. 648).

A alienação vencera e fizera dele um súdito. Em carta a Rubião, afirma que era Santo Agostinho e apresenta várias semelhanças entre sua vida e a do Santo católico. Em seu delírio, grande viveu, grande morreu. Parece não haver dúvida de que Quincas Borba fosse mesmo um insano. Faz-se necessário, porém, compreender a concepção que Machado de Assis apresentou da loucura nos romances em que abordou o assunto.

Historicamente, durante o século XIX, a medicina passara a dar grande atenção à loucura, transformando os asilos e manicômios em verdadeiros centros de pesquisa sobre as doenças mentais. Na Europa, duas escolas disputavam a primazia das novas concepções etiológicas: os anatomopatologistas e os fisiopatologistas.

Segundo Lewin (1980), a psiquiatria europeia do século XIX considerava as lesões anatômicas do cérebro a causa única para a explicação dos distúrbios mentais. A Faculdade de Medicina de Paris, desde sua fundação, em 1795, dava grande importância ao método anatomopatológico nas pesquisas em medicina interna. No caso das afecções mentais, a descoberta de lesões cerebrais e de paralisias concomitantes em pacientes considerados insanos, antes que se descobrisse terem sido elas causadas pela sífilis, levou os psiquiatras a concluírem que as diferentes formas de distúrbios mentais estavam relacionadas a essas lesões.

O método anatomopatológico, então em destaque, consistia em acompanhar um paciente, descrever-lhe minuciosamente os sintomas e, após sua morte, conferir, na mesa de autópsia, qual ou quais regiões cerebrais apresentavam lesões para relacioná-

las aos sintomas observados. Essa tendência, que predominou na psiquiatria francesa naquela época, levou os psiquiatras a criarem a doutrina da “degeneração mental”: distúrbios psiquiátricos hereditários, decorrentes de lesões na anatomia cerebral identificáveis.

Cumprido ressaltar que não apenas a medicina francesa explorou essa concepção anatomopatológica. A Escola de Medicina de Viena também desenvolveu estudos nesse sentido. Essa Instituição, segundo Erna Lesky (1976), havia adotado igualmente essa concepção em suas pesquisas e produzido verdadeiros luminares em medicina interna, em geral, e na psiquiatria, em particular.

A cidade Imperial – Viena – atraía tanto cidadãos de todo o vasto Império Austro-Húngaro quanto de várias partes do mundo para a sua Escola de Medicina, que desfrutava, então, de grande prestígio internacional, decorrente das importantes descobertas oriundas da aplicação do método anatomopatológico. Quando Sigmund Freud começou o curso médico nessa faculdade, em 1873, destacava-se, com grande reputação de professor e pesquisador, o médico psiquiatra Theodor Meynert, adepto e ferrenho defensor da concepção de que as doenças mentais eram causadas por lesões anatômicas.

Na segunda metade do século XIX, entretanto, uma segunda abordagem sobre as causas dos distúrbios mentais começou a ganhar corpo na França. Influenciado por médicos ingleses, dentre eles William Cullen, Jean Martin Charcot, a partir dos anos de 1870, estabeleceu uma nova concepção para os distúrbios mentais. Para ele, alguns dentre esses seriam decorrentes não de lesões anatômicas mas sim de disfunções do Sistema Nervoso Central. Não apenas a anatomia mas também a fisiopatologia surgia como causa etiológica para os distúrbios da mente. Para essas afecções de ordem fisiopatológica, ele manteve o nome de “neuroses”, conforme cunhado por William Cullen, quase um século antes. Essa nova proposta estabeleceu uma interlocução profícua e controversas apaixonadas entre essas duas abordagens. Essa era, pois, a posição da psiquiatria européia, quando Sigmund Freud começou a expor, a partir de 1894, uma nova explicação para as afecções mentais. Para ele, essas não seriam puramente decorrentes nem de causas anatomopatológicas, nem fisiopatológicas mas

oriundas de conflitos emocionais. Pela primeira vez, surgia, então, uma teoria psicológica para as doenças da alma.

Machado de Assis desconhecia, ou não adotou, nenhuma dessas concepções sobre a loucura quando tratou do tema. O capítulo VIII de **Memórias póstumas de Brás Cubas** traz a sugestiva vinheta de “Razão contra a sandice” (ASSIS, 2004a, p. 524). Nessa, o autor trata do retorno da razão à sua casa e da expulsão da sandice, que ali se estabelecera momentaneamente. Não há nenhuma alusão a alguma causa material ou imaterial para a doença:

Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lha farão despejar. É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.

– Não, senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto (ASSIS, 2004a, p. 524).

Machado de Assis faz, assim, um contraponto entre a razão e a loucura. Esta é a ausência daquela. Essa dicotomia da vida psíquica retornou em “O alienista” que apareceu publicado em **Papéis avulsos**, no ano de 1882. Nesse conto, que veio a lume entre a publicação de **Memórias póstumas de Brás Cubas** e o aparecimento de **Quincas Borba**, Simão Bacamarte cria seu manicômio na cidade fluminense de Itaguaí e elabora uma psicopatologia rudimentar na qual se destaca a tese de que a loucura era causada pela deserção da razão apenas.

O ponto de ligação do conto com o romance **Quincas Borba** é o próprio alienista. Como a maioria das personagens do livro em questão, o médico de Itaguaí, que também havia sido tocado pela vaidade desmesurada, estava convencido de seu grande valor e de sua grandiosa missão científica, conforme ele mesmo afirma quando comenta seu trabalho: “Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (ASSIS, 2004b, p. 260).

Nessa narrativa, os loucos são furiosos, mansos ou monomaníacos. Há os loucos por amor, embora nem todos causassem espanto pelos delírios: um deles, um rapaz de nome Falcão, supunha-se a estrela d'alva; um outro matara a mulher e o amante por ciúme, e então, passou a procurar o fim do mundo em busca de suas vítimas. Os megalomaníacos também estavam bem representados no hospício. Um pobre diabo dizia-se conde e descendente direto de Deus e do rei Davi; um outro, escrivão, considerava-se mordomo do rei e um terceiro, boiadeiro em Minas, distribuía centenas de cabeças de gado imaginárias aos circundantes. Além dessas personagens, havia, ainda, as monomanias religiosas, dentre as quais se encontrava um sujeito de nome João de Deus, que se acreditava o deus João e prometia o céu a seus adoradores.

Certo dia, Simão Bacamarte comentou com um de seus interlocutores:

– Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia (ASSIS, 2004b, p. 261).

A idéia de que a razão é uma pérola na vasta concha do espírito humano que encerra a loucura, talvez, defina uma intertextualidade entre Machado de Assis e Erasmo de Roterdão. Na obra **Elogio da loucura**, o autor tece um comentário bastante semelhante ao feito pelo alienista de Itaguaí. Pela voz da Estultícia, afirma:

[...] segundo a opinião dos estóicos, a sapiência não é mais do que a conduta da razão; pelo contrário, a loucura consiste em deixar-se levar pelas paixões. Para que a vida dos homens não fosse inteiramente triste e tétrica, Júpiter deu-lhes mais paixões do que razão, – na proporção de um grão para meia onça, além disso relegou a razão para um canto estreito da cabeça, deixando o resto do corpo entregue às paixões (ERASMO, 1982, p. 30).

Além da semelhança entre as duas passagens, o tema de **Quincas Borba**, no qual o autor destaca os efeitos da vaidade no espírito humano, também aponta para uma interlocução de Machado de Assis com Erasmo.

3.3 JOGO INTERTEXTUAL: **ELOGIO DA LOUCURA**, DE ERASMO X **QUINCAS BORBA**, DE MACHADO DE ASSIS

Erasmus (1466-1536) dedicou sua obra intitulada **Elogio da loucura** ao amigo Thomas Morus. Escreveu a dedicatória enquanto estava no campo, entre a Itália e a Inglaterra, para onde se dirigia, no dia 5 de junho de 1508.

Na narrativa, a Loucura toma a palavra e faz o seu próprio panegírico. Critica os estóicos, em particular, e os demais filósofos, em geral, bem como todos aqueles que sacrificam as paixões em nome da razão. Declara que os gregos chamam-na *Moria* e os latinos *Stultitia* e ainda se reconhece como a “verdadeira dispensatriz da felicidade.” Ao apresentar-se ao leitor, revela-se filha de Plutus, o mais poderoso dos deuses, e de Mocidade, a mais bela das ninfas. Ela veio ao mundo nas ilhas Afortunadas, onde a lavoura brota sem cuidados. Ao nascer, não chorou, antes, sorriu para sua mãe. Duas ninfas encantadoras amamentaram-na: Embriagues, filha de Baco, e Rusticidade, filha de Pan.

Deusa da felicidade, vive cercada por uma corte dedicada, que ela própria apresenta ao leitor de seu encômio:

– Aquela que vedes, de sobrancelha altiva, é Filáucia. Aquela que ri com os olhos e aplaude com as mãos tem por nome Colácia. Aquela que parece estar a dormir chama-se Leté. Aquela que se apóia nos cotovelos e que entrelaça os dedos diz-se Misoponia. Aquela que está coroada de rosas e ungida de perfumes é Hedoné. Aquela de olhos lúbricos e errantes chama-se Anóia. Aquela de nítida cutis e de corpo sangüíneo tem o nome de Trifé. Vede ainda dois deuses menores entre elas admitidos, um chama-se Coma e o outro Morfeu. Todos são meus fâmulos fiéis que me ajudam a governar tudo quanto me está sujeito, e até mesmo a imperar sobre os imperadores (ERASMO, 1982, p. 19-20).

Distribuidora de imensos benefícios entre os homens, intitula-se responsável pelo primeiro e mais importante dos bens, que é a própria vida. Segundo Estultícia, é à loucura que todos recorrem para a concepção, pois não há nada mais ridículo e derrisório que os órgãos genitais. Em sua visão, nem os casamentos seriam realizados não fosse uma certa dose de sandice dos noivos. Assim, também, mulher nenhuma

geraria um filho, se meditasse sobre as dores do parto e os trabalhos da educação do mesmo. Ela própria esclarece:

[..] Se deveis a vida ao conjugato, deveis o conjugato a minha servente Anóia, e reparai agora em quanto me deveis também. Que mulher já experiente quereria repetir se não estivesse com a Leté, que aqui vedes? Nem a própria Vênus, diga Lucrecio o que quiser, teria um poder tão grande se lhe faltasse o nosso auxílio (*Ibid.*, p. 22).

Além da vida, provêm da Loucura todos os demais prazeres da existência, pois, dela, depende a voluptuosidade, o maior de todos os gozos. Os velhos devem-na sobremaneira, pois ela restitui-lhes a alegria da infância. Tudo o mais provém dela: alegrias, prazeres, volúpias, inseqüências. Afinal, a Loucura nada mais é do que as paixões que assolam os homens. Por isso, nada deve ser ouvido aos filósofos ou àqueles que fazem da razão um baluarte contra os movimentos impetuosos da alma.

Grande destaque é dado por Estultícia à Filúcia. Se a Natureza, “não poucas vezes mais madrasta do que mãe”, não foi pródiga ao distribuir os encantos entre os homens, esses se veriam melancólicos tanto em plena aurora da vida quanto na velhice mais miserável. Para atenuar-lhes o sofrimento, Filúcia se incumbem de suscitar-lhes o amor próprio, a vaidade e a alegria. Aos belos também é fundamental a auto-estima, senão para que lhes serviria a beleza? Novamente, encarrega-se desses a onipresente Filúcia:

[...] De que serve a formosura, principal dádiva dos deuses imortais, se ela não for estimada? De que serve a mocidade, se ela for corrompida por uma tristeza senil? Nas acções da tua vida, tanto para contigo como para os outros, o princípio é o decoro; este é-te cedido pela Filúcia que está sentada à minha direita, e que merece o atributo de minha irmã. Ela colabora estreitamente comigo em todas a parte. Que é tão estulto, como a ti próprio agradares e admirares? Mas também que farás de belo, gracioso, decoroso, se estiveres descontente contigo? Suprime este condimento da vida, e logo o orador arrefece o discurso, o músico deixa de agradar, o histrião é pateado, o poeta e a musa são ridículos, o pintor e a sua arte são desdenhados, o médico morre de fome. [...] Tão necessário é que cada qual esteja satisfeito consigo, e que procure o aplauso em si próprio antes de o procurar nos outros (ERASMO, 1982, p. 37-38).

A seguir, Estultícia ainda mostra a importância de sua irmã e colaboradora:

Afinal de contas, se a felicidade consiste em querer ser o que se é, a minha Filáucia facilita-o plenamente. Ela consegue que ninguém esteja descontente com o seu rosto, o seu engenho, a sua família, a sua pátria, [...] E que singular solicitude é a da Natura, para entre tanta variedade manter a paridade!

Quando para alguém é avara de dotes, logo a compensa reforçando-lhe a filáucia; de maneira que me exprimi estultamente, porque a filáucia é afinal, o maior de todos os dotes (*Ibid.*, p. 38-39).

Assim, a partir das considerações apresentadas, pode-se afirmar que a presença de Quincas Borba, o destino de Rubião e a personalidade de inúmeras personagens do romance em questão têm, em comum, uma vaidade exacerbada. São todos laudatórios de Filáucia, a deusa que lhes embala os sonhos e os conduz pela vida. Quincas Borba morreu santo; Rubião virou imperador; Sofia entretinha-se, admirando a própria beleza no espelho; Cristiano Palha derramava-se de orgulho pela inveja e a cobiça que a beleza da mulher suscitava, além do amor extremado pela fortuna e Carlos Maria enlevava-se de amor por si mesmo. Todos eles sacrificavam no altar de Filáucia e entregavam-se a diferentes formas de Estultícia.

Em **Quincas Borba**, vê-se a filáucia em todo o seu esplendor. Segundo o Dicionário Michaelis (1998), “filáucia” quer dizer amor-próprio, bazófia, impostura, jactância. Ferreira (1986) acrescenta, ainda, ao vocábulo os sinônimos: presunção e vaidade, sendo essas palavras as que melhor definem as personagens desse romance.

Faz-se mister destacar que tanto Quincas Borba quanto Rubião transformaram a vaidade em paixão, causa da loucura de ambos. A palavra grega para “doença” é *pathos*, que significa, dentre outros sentidos, estado agitado da alma, paixão (PEREIRA, 1984, p. 421). É o oposto do *logos*, a *razão*. Assim, as duas personagens machadianas representam a crença de seu criador de que a doença, no caso, a sandice, seria resultante da paixão desenfreada que adocece a alma e a enlouquece. Dessa forma, pode-se afirmar que ocorre jogo intertextual entre as obras de Machado de Assis e de Erasmo.

3.4 ESTUDO DO ROMANCE **QUINCAS BORBA**

Pedro Rubião de Alvarenga tornou-se herdeiro universal de Quincas Borba. Até então, tudo nele dormitava. Vivia mediocrementemente em Barbacena. Os pequenos

empreendimentos nos quais se aventurara soçobraram e, quando decidiu cuidar do filósofo, estava à frente de uma modesta escola de meninos, a qual fechou. Ele não tinha também grandes aspirações quanto a seu futuro. Esperava herdar uns 10 contos de réis, se tanto, comprar um pedaço de terra e ali viver. Era um exemplo de simplicidade e tacañice. Mas, mesmo vivendo uma existência sem grandes ambições e encerrado em estreitos horizontes, imerso em aspirações banais e comuns, escondia, em seu interior, um sentimento, restrito pela falta de oportunidade e que, à primeira ocasião favorável, ascendeu à luz e tomou conta de sua personalidade: uma vaidade deletéria, a qual não tinha estofos para sustentar nem vigor para reger.

As primeiras linhas da narrativa revelam um caráter fútil, que cultivava a ostentação e a superficialidade. Já estabelecido no Rio de Janeiro, o protagonista cercava-se de luxo e ostentação. Assim, de chambre de seda e sandálias de Tunis, admirava a sua propriedade em Botafogo, a enseada, o céu e tinha a sensação de que tudo lhe pertencia. Possuía, então, objetos de arte, roupas confeccionadas pelo melhor alfaiate da cidade, um copeiro espanhol e um cozinheiro francês. Nada lembrava mais o miserável professor de pouco tempo atrás.

Aos 41 anos, a fortuna revelara um outro lado de seu caráter, talvez desconhecido por ele próprio durante os muitos anos que vivera inexpressivamente. Importa lembrar, das pequenas aspirações, nada lhe sobrara. Seu espírito alçava altos vôos e os seus olhos não se cansavam de contemplar as suas posses. Admirava a própria riqueza, encantado com a nova vida e com a nova pessoa em que se transformara. Gostava de mirar as bandejas de prata, contudo o ouro era o metal que ele mais amava.

Escolhera viver na corte no mesmo dia em que o testamento foi lido e ele viu-se dono de todas as posses de Quincas Borba. Naquele momento fulgurante, andava a esmo pelas ruas de Barbacena, tomado pela emoção e tentando concatenar as idéias e as primeiras decisões de seu futuro, misterioso e promissor: “Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riram da amizade do Quincas Borba” (ASSIS, 2004a, p. 655). Em sua nova vida, não tinha outras aspirações ou projetos que não fossem o cultivo da própria pessoa, do luxo e do esplendor pessoal. Quando se distraía

e, aparentemente se esquecia de si mesmo, voltava-se para Sofia, o que não era sair totalmente de si.

Paralelamente foi, aos poucos, estabelecendo em torno de si uma pequena corte formada por vencidos, adutores, pretensiosos, desocupados, mormente de vaidosos como ele. Dentre aqueles que freqüentavam sua casa, estavam o Freitas e Carlos Maria. Seu apego maior ao Freitas provinha da adulação que este lhe dedicava: “Freitas elogiava tudo, saudava cada prato e cada vinho com uma frase particular, delicada, e saía de lá com as algibeiras cheias de charutos, provando assim que os preferia a quaisquer outros” (ASSIS, 2004a, p. 663).

Mas, sobretudo, sentia Rubião, em seu peito, a alegria da glória pessoal. Tudo e cada detalhe de sua vida atual comunicavam sua grandeza exterior. Regia soberano um reino imaginário que, aos poucos, estabelecia à sua volta, sem rivais no fausto e na fortuna. A seu redor, circulavam pessoas de posses inferiores, de círculos sociais inferiores, de perspectivas de vida inferiores. Assim, Rubião deleitava-se com sua própria ventura.

Após ter salvado um menino na rua e contado o fato ao amigo, Dr. Camacho, este aproveitou o seu relato e publicou, no jornal **A Atalaia**, uma versão sensacionalista do episódio, fazendo de Rubião um grande herói, bravo e destemido, salvador da vida de uma criança, arriscando, até mesmo, sua própria vida. A primeira reação de Rubião diante da notícia foi de repulsa e repúdio. Em seguida, leu a notícia novamente e achou-a bem escrita. Aos poucos, releu com satisfação; depois, com certo orgulho ao repetir o próprio nome. À rua, recebeu vários cumprimentos e ouviu inúmeros comentários sobre o seu feito:

[...] Rubião foi agradecer a notícia ao Camacho, não sem alguma censura pelo abuso de confiança, mas uma censura mole, ao canto da boca. Dali foi comprar uns tantos exemplares da folha para os amigos de Barbacena. Nenhuma outra transcreveu a notícia; ele, a conselho do Freitas, fê-la reimprimir nos *a-pedidos* do *Jornal do Comércio*, interlinhada (ASSIS, 2004a, p. 700).

A vaidade lhe inflava as ventas. Tropeçava sempre nos mesmos lugares. Estava vulnerável, constantemente, sobretudo quando se tratava de merecer a admiração alheia, fundada ou não.

Enquanto todos à sua volta levavam uma vida centrada, direcionada ao cultivo de traços sólidos e de histórias robustas, baseadas em vivências enraizadas em uma existência consistente e cheia de sentido, Rubião levava uma vida dividida. Caíra num redemoinho de subjetividades estranhas como que por encanto. Além disso, sua condição de herdeiro dava a seus dias um colorido artificial, nos quais ele não reconhecia nada de sólido ou inabalável que pudesse lhe dar alguma sensação de perenidade ou mesmo de familiaridade. Em consequência disso, aos poucos, a razão começava a fraquejar.

Certo dia, em rápida visita, o Major Siqueira admirou o luxo da casa de Rubião e vaticinou-lhe que faltava ao rapaz uma esposa em meio a tanto esplendor. A idéia do casamento pegou-o de surpresa, mas tomou assento em sua alma. Começou a roer-lhe o espírito e a tomar forma dentro dele:

[...] Em verdade, o casamento podia ser o laço da unidade perdida. Rubião sentia-se disperso; os próprios amigos de trânsito, que ele amava tanto, que o cortejavam tanto, davam-lhe à vida um aspecto de viagem, em que a língua mudasse com as cidades, ora espanhol, ora turco. Sofia contribuía para esse estado; era tão diversa de si mesma, ora isto, ora aquilo, que os dias iam passando sem acordo fixo, nem desengano perpétuo (ASSIS, 2004a, p. 712).

Mas, esse devaneio sobre o casamento – que poderia dar unidade à sua vida fragmentada, interromper aquela sensação de existência fugaz e passageira e, ainda, constituir-se numa base emocional nova e sólida – desenvolveu-se numa alma já irremediavelmente dilacerada. Aos poucos, a megalomania, filha daquela vaidade imarcescível, ia se estabelecendo e os devaneios de grandeza, adquirindo contornos cada vez mais evidentes e cores cada vez mais nítidas:

ANTES DE CUIDAR da noiva, cuidou do casamento. Naquele dia e nos outros, compôs de cabeça as pompas matrimoniais, os coches, – se ainda os houvesse antigos e ricos, quais ele via gravados nos livros de usos passados. Oh! grandes e soberbos coches! Como ele gostava de ir esperar o Imperador nos dias de grande gala, à porta do paço da cidade, para ver chegar o préstito imperial, especialmente o coche de Sua Majestade, vastas proporções, fortes molas, finas e velhas pinturas, quatro ou cinco parelhas guiadas por um cocheiro grave e digno! Outros vinham, menores em grandeza, mas ainda assim tão grandes que enchiam os olhos.

Um desses outros, ou ainda algum menor, podia servir-lhe às bodas, se toda a sociedade não estivesse já nivelada pelo vulgar *coupé*. Mas, enfim, iria de *coupé*; imaginava-o forrado magnificamente, de quê? De uma fazenda que não

fosse comum, que ele mesmo não distinguia, por ora; mas que daria ao veículo o ar que não tinha. Parelha rara. Cocheiro fardado de ouro. Oh! mas um ouro nunca visto. Convidados de primeira ordem, generais, diplomatas, senadores, um ou dois ministros, muitas sumidades do comércio; e as damas, as grandes damas? Rubião nomeava-as de cabeça; via-as entrar, ele no alto da escada de um palácio, com o olhar perdido por aquele tapete abaixo, – elas atravessando o saguão, subindo os degraus com os seus sapatinhos de cetim, breves e leves, – a princípio, poucas, – depois mais, e ainda mais. Carruagens após carruagens... Lá vinham os condes de Tal, um varão guapo e uma singular dama... “Caro amigo, aqui estamos”, dir-lhe-ia o conde, no alto; e, mais tarde, a condessa: “Senhor Rubião, a festa é esplêndida...”

De repente, o internúncio... Sim, esquecera-se que o internúncio devia casá-los; lá estaria ele com as suas meias roxas de monsenhor, e os grandes olhos napolitanos, em conversação com o ministro da Rússia. Os lustres de cristal e ouro alumando os mais belos colos da cidade, casacas direitas, outras curvas ouvindo os leques que se abriam e fechavam, dragonas e diademas, a orquestra dando sinal para uma valsa. Então os braços negros, em ângulo, iam buscar os braços nus, enluvados até o cotovelo, e os pares saíam girando pela sala, cinco, sete, dez, doze, vinte pares. Ceia esplêndida. Cristais da Boêmia, louça da Hungria, vasos de Sèvres, criadagem lesta e fardada, com as iniciais do Rubião na gola (ASSIS, 2004a, p. 712-713).

As noivas que Rubião via a seu lado, nessas bodas deslumbrantes, eram representantes da mais alta nobreza nativa. Tudo deveria ser, segundo o seu gosto, grandioso, e a noiva, embora fosse um mero detalhe, estaria à altura de todo o resto. Alguns nomes da mais proeminente nobiliarquia nacional os quais ele conhecia de leituras de almanaques, decorava-os e repetia-os, simulando o efeito como se fossem seus. Lenta mas solidamente, as idéias de grandeza iam ocupando sua alma vazia e preenchendo aqueles espaços, agora vagos, das idéias e lembranças de outrora, quando tivera uma vida mais autêntica, junto às suas raízes humanas, quando ele vivia uma outra existência, em outro mundo, mais cheio de lastro e pendor pessoal.

Passado o devaneio do casamento imperial, sua alma voltou aos braços de Sofia. A idéia de encontrar uma noiva foi enfraquecendo-se dentro dele, junto com tudo o mais que poderia haver ainda de salvador. Dessa forma, sem ter o que fazer de seus dias, Rubião sentia um tédio mortal na corte. Certa vez, quando passeava pela Praia Formosa, deparou-se com a pobreza do lugar e de seus habitantes. Nesse momento, sentiu: “Nostalgia do farrapo, da vida escassa, acalcanhada e sem vexame. Mas durou pouco; o feiticeiro que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre!” (ASSIS, 2004a, p. 717). Sua alma, já sem amparo, hesitava.

A vida que Rubião levava ia tomando outros contornos, bastante distantes de seu passado e, conquanto os traços de sua personalidade que sobreviviam e se

destacavam exuberantemente parecessem conspirar contra ele, a ingenuidade, a vaidade e o comportamento perdulário iam se transformando em tiques que o assaltavam subitamente. Essas características faziam-no aumentar, cada vez mais, a corte de mofinos que lhe exploravam as posses. Homens naufragados, combalidos moralmente e derrotados socialmente, reuniam-se à volta de sua mesa e desfrutavam de sua hospitalidade. Certo dia, diante daquele bizarro grupo de convivas, ele espantou-se com as próprias aspirações imperiais quando quase lhes deu a mão, majestaticamente, para beijarem.

Tempos depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, Rubião já havia dilapidado quase todo o patrimônio que herdara. Mas ele ignorava, ou preferia não entender, que a ruína econômica o rondava, contudo ele continuava gastando perdulariamente.

Mais tarde, quando entrou para a política e a candidatura malogrou, ele não se abateu nem soçobrou. Já era grande demais em seu delírio para ser vencido por uma mera derrota:

[...] Podia, devia estar na Câmara. Os tais é que não o quiseram; mas haviam de ver, pensava Rubião; tinham de amargar o mal feito. Deputado, senador, ministro, vê-lo-iam tudo, com olhos tortos e espantados. A cabeça de nosso amigo, tanto que o outro lhe pôs a faísca, foi ardendo de si mesma, não por ódio, nem inveja, mas de ambição ingênua, e cordial certeza, visão antecipada e deslumbrante das grandezas (ASSIS, 2004a, p. 737).

A persistente mania de grandeza levou Rubião a ter convivas em número cada vez maior. Ele fazia questão de manter o hábito, como um pomposo grande senhor. Reinava no meio daquela carência material e pobreza moral. Construiu, para si, um reino de miseráveis e legislava, ali, soberano. Quando, certo dia, comprou os bustos de Napoleão I e o de seu sobrinho, Napoleão III, já se encontrava irremediavelmente perdido. Percebe-se, pelas suas atitudes, que seu delírio de grandeza ia assumindo formas cada vez mais nítidas. Sua razão vacilava aos galopes e ele se perdia na opulência alucinada, cada vez mais convencido de que era o imperador dos franceses. Desse delírio imperial, provinha o gosto ao séquito de mofinos, a prodigalidade ilimitada, o culto da imagem e a opulência dos gestos. As esculturas que adquirira refletiam seu estado mental: “Dous bustos magníficos. Ao pé do olhar aquilino do tio, perdia-se no vago o olhar cismático do sobrinho” (ASSIS, 2004a, p. 759).

A descida de Rubião era vertiginosa, podendo-se afirmar que, enquanto seu mundo ruía, ele chafurdava na loucura. A alma esgarçada começava a ter visões e a imaginação, cada vez mais, preparava cenas suntuosas em torno de sua pessoa. Algum tempo depois, contratou um barbeiro da Rua do Ouvidor para ir barbear-lhe no dia seguinte. Queria aparar a barba à maneira de Luis Napoleão, conforme este aparecia na estátua sobre sua mesa.

Finalmente, Filúcia entregava-o nos braços de Estultícia. A vaidade deteriorara-se nesse delírio de grandeza imperial, e, na loucura, recuperara a alegria que perdera diante de seu fracassado amor por Sofia. *Moria*, a Loucura, a grande dispensatriz do arrebatamento, cumpria o seu papel e privava-o das dores intensas e infundas, projetando-o num mundo de rútilos sonhos, no qual ele habitava um palácio alcandorado, imerso em grande resplendor.

A alma pungida de Rubião só encontraria a unidade no amor de Sofia ou de algum outro sentimento legítimo e verdadeiro. Um sentimento que o fizesse se esquecer de si e de sua majestática grandeza. Uma vida consistente e produtiva poderia ter-lhe evitado aquele precipício no qual resvalava, sem volta, a sua sanidade. Entregara-se à paixão de si mesmo diante da ausência de um afeto genuíno.

A recusa de Sofia ao seu amor, bem como a falta de algum amparo interior ou exterior, levaram-no à catástrofe. No livro de Erasmo (1982, p. 26), o abandono ao amor de “Sofia”, da sabedoria, leva o ser humano à sandice, à revolta das paixões incontroláveis. Provém daí uma alegria avassaladora, típica dos delírios. A Loucura, em seu encômio, assim se expressa:

[...] Eu restituo ao próprio homem a época mais feliz de sua vida. Se os mortais decidissem desiludir-se do amor pela Sofia, e preferissem o comércio com a Folia, nenhum deles chegaria a velho, todos gozariam a felicidade da juventude perpétua. Não vedes esses rostos tétricos que os estudos filosóficos ou que as dificuldades dos negócios fazem envelhecer antes de tempo, porque a cogitação assídua acaba por azedar o espírito e por exaurir a seiva da vida?

“Sofia” é o termo grego que remete à sabedoria, ao conhecimento. No texto de Erasmo, a “Sofia” é o contraponto da “Folia”, fâmula da Estultícia. Na tradição cristã, o “conhecimento” foi a origem da dissensão no Paraíso. Deus alertou Adão: “[...] Come de todos os frutos das árvores do Paraíso: 17 Mas não comas do fruto da árvore da

ciência do bem e do mal. Porque em qualquer dia que comeres dele, morrerás de morte” (GÊN., 2, 16-17). Em decorrência desse episódio, a serpente foi condenada a rastejar; a mulher, a parir com dor e o homem, a sobreviver com o suor do próprio rosto. Homem e mulher foram banidos daquele Jardim das Delícias, onde passeiam ingenuamente. Trocaram o estado enlanguesciente pelo domínio da sabedoria, por conseguinte o da razão. A “sabedoria” bíblica é um conhecimento que se transforma em mal.

Haveria, pois, a intenção de Machado de Assis de fazer uma referência à sabedoria que prepara o homem para a luta pela vida, ao denominar a heroína da trama “Sofia”? Seria esta uma alusão ao casal bíblico e ao conhecimento trazido por Eva a Adão em forma de maçã e que lhes desvelou o mal em forma de conhecimento ainda no Paraíso?

Antítese e companheiro inseparável do bem, o mal, pela via do saber, levou o homem ao trabalho e à luta pela existência. Nesse caso, Sofia desvelaria o mal, integraria o homem que se vê forçado a abandonar a passividade ilusória de sua existência e forçá-lo-ia a encarar os desafios da vida, a mesquinhar e a finitude.

Sem o amor de Sofia, Rubião também não conheceu o mal, ou não quis conhecê-lo. Não se fez apto para a luta. Teve as “batatas” do discurso do filósofo e não ultrapassou a montanha. Sem Sofia, ficou à mercê de “Estultícia”.

Por esse tempo, ele ainda era dois. Quando o delírio passava, às vezes no meio da rua, ele voltava a ser ele mesmo. Intercalava sua própria máscara e a do imperador da França. Após alguns meses, as crises tornaram-se menos espaçadas e mais agudas. Quando estourou a guerra franco-prussiana, lia as notícias nos jornais europeus e distorcia todos os fatos em favor dos franceses, inclusive a derrota e o banimento do imperador foi entendido por ele como a mais sublime das vitórias. Assim, sua vida estava completamente impregnada de seu delírio e nenhum de seus freqüentadores ousava sequer se interessar pelo que se passava com ele.

Evidencia-se que nenhum de seus antigos amigos teve compaixão por ele. Apenas D. Fernanda se interessou por ele e, por seu intermédio, Cristiano Palha tomou uma atitude favorável ao amigo. Rubião habitara, sem o saber, um deserto de almas durante todos aqueles anos que vivera no Rio de Janeiro. Ele, que acolhera miseráveis,

emprestara a uns dinheiros que não recebera, ajudara no enriquecimento de outros, dera esmolas, doações, enfim, fora uma alma ingenuamente generosa, entretanto, não encontrava nenhum gesto de piedade que lhe desse algum conforto ou proteção.

Algum tempo depois, o estado de saúde de Rubião melhorou. Ele deveria ficar ainda uns dois meses na clínica, quando, certo dia, desapareceu. D. Fernanda tentou que o marido mobilizasse os conhecidos e usasse de influência para encontrar o enfermo, mas este já se encontrava longe. Retornara para Barbacena, em companhia de Quincas Borba.

Chegou à cidade mineira no momento em que chovia torrencialmente, com vento forte e cortante. Famintos, ele e o cão, sem bens nem recursos, eram a materialização da pobreza e da miséria. Rubião passou a noite ao relento e amanheceu doente. A comadre recolheu-o a sua casa e tratou dele, ou melhor, do que sobrara dele. Ele não existia mais, uma vez que dera lugar a Luiz Napoleão:

POUCOS DIAS DEPOIS morreu... Não morreu súbdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

– Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação (ASSIS, 2004a, p. 806).

Quincas Borba sobreviveu apenas mais três dias. Adoeceu, ganiu, procurou o dono desvairadamente e também morreu.

Machado de Assis, ao descrever as conseqüências da vaidade na vida humana, registra a sua análise desse traço de caráter tão comum no homem. Assim, mostra que a vaidade de Cristiano Palha tornou-o imoral, tratando a mulher como moeda de troca; Sofia viu-se presa de uma vida insípida e superficial, na qual amargava a ameaça da velhice e a ruína de sua beleza, com o passar dos anos. Carlos Maria foi condenado a uma existência vazia, sem conhecer a generosidade do amor e penitenciado a viver às voltas consigo mesmo. Quincas Borba e Rubião foram vítimas da vaidade apaixonada que os levou à loucura. Ao morrer, não deixaram descendência nem saudade.

4 A LUXÚRIA: MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Um dos sete pecados capitais – a luxúria – caracteriza-se pela ânsia do contato corporal apenas, usando a linguagem dos sentidos em detrimento dos símbolos. No romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Machado de Assis empenha-se em discutir essa entrega erótica que busca, na união sexual, um prazer fugaz e vazio.

4.1 O CULTO DO GOZO

O livro **Memórias póstumas de Brás Cubas** veio a público em janeiro de 1881, mas já havia aparecido em capítulos na **Revista Brasileira**, entre 15 de março e 15 de dezembro de 1880. Machado (2003, p. 129) comenta sobre esse período da vida de Machado de Assis:

As Memórias correspondem à fase mais atormentada da vida de Machado, exaurido por excesso de trabalho e doente dos olhos, o que o obrigou a ditar uma meia dúzia de capítulos a Carolina. O quadro explica um pouco o pessimismo e o tom da obra, escrita “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.”

Segundo Viana Filho (1989), a obra não teve boa aceitação da crítica literária na época em que foi lançada. Esse fato abateu profundamente Machado de Assis, que teria até mesmo aventado a possibilidade de abandonar a literatura. Uma carta, escrita pelo cunhado Miguel Novais, comprova o fato. Nessa, o irmão de Carolina tenta animá-lo e insta-o a continuar escrevendo a despeito da incompreensão do público. Sobre a recepção da obra, destaca-se que:

Foi grande a celeuma suscitada pelo livro. Dela nos dá conta a escritora Carmem Dolores, contemporânea, e que assim se refere ao acontecimento: “Ainda não esmorecera então a efervescência produzida pelo seu romance *Memórias de Brás Cubas*, cujo feitio bizarro e original desorientara um tanto as opiniões do tempo, divididas em favoráveis, entusiásticas, e irônicas, perplexas ou mesmo contrárias. O livro não era fácil de compreender, com o seu sentido

não raro obscuro, filosófico, e a corrente dos pareceres tomava direções diversas.” Avesso às polêmicas, naturalmente inclinado para as unanimidades, Machado sofria diante da divisão [...]. (VIANA, 1989, p. 110)

Para o autor, a doença dos olhos que se abateu sobre Machado de Assis, durante os anos finais da década de 1870 – época em que ele se dedicava à escrita de **Memórias póstumas** – seria a explicação para uma parte do caráter melancólico de Brás Cubas. Estaria ganhando forma no autor uma posição filosófica pessimista diante da vida. Esta lhe conduziria a pena e manifestou-se nos seus romances do período. Sobre isso, escreveu Viana Filho (Op. cit., p. 114): “De fato, daí por diante toda a atividade do poeta e do escritor será marcada pela amargura do nada, e da inutilidade de tudo. Sobretudo, ele jamais conseguirá compreender a indiferença da natureza, em face à sua própria criação. Mãe e inimiga.”

Em 30 de janeiro e 1º de fevereiro de 1881, Capistrano de Abreu publicou uma crítica a **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, no jornal a **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro. No texto, afirma ver no livro mais do que um romance. Esse possuiria, além de uma descrição dos costumes da época, uma filosofia social implícita. Um pensamento misto de La Rochefoucauld e Sancho Pança, ou seja, ceticismo e otimismo e contentamento. Ele encerra seu comentário, convocando o leitor:

Diremos simplesmente ao leitor: *tolle et lege*. Talvez desejasse mais animação e variedade no estilo; que certas antíteses fossem menos empregadas, que os saltos fossem menores; que os contrastes não fossem tão crus. Não importa! *Tolle et lege*. Se entenderes, hás de passar algumas horas únicas – misto de fel, de loucura, de rictus. Se não entenderes, tanto melhor. É a prova de que és um espírito puro, consciencioso, firme, ingênuo, isto é, um pouco tolo (ABREU, 2003, p. 133).

Segundo Machado (2003), ainda na época do lançamento do livro, Urbano Duarte publicou uma crítica literária referente a essa obra, no dia 2 de fevereiro de 1881, na **Gazetinha**, no Rio de Janeiro. Em sua análise, ele destaca que **Memórias Póstumas de Brás Cubas** não é um romance, pois falta na obra enredo para tanto. Antes, seria um livro de filosofia mundana que deveria chamar-se o **Elogio do egoísmo** no qual vê-se surgir um “eu sinistro”. O romance registra a ausência dos sentimentos

altruístas, exceção feita ao louco Quincas Borba e a D. Fernanda. Além disso, Duarte (2003, p. 134) afirma:

O Sr. Machado de Assis rebate, com visível voluptuosidade de filósofo, ao chão da banalidade e do comum, toda ordem de sentimentos e idéias que nos pareciam filhas de um móvel generoso, elevado, desinteressado, espontâneo, o qual deve residir no imo da natureza humana.

A rejeição da obra por seus contemporâneos atesta que as pessoas daquela época não estavam prontas para recebê-la, nem mesmo dispostas a se abrirem à forma enviesada que Machado de Assis usou para indicar a fragilidade da posição hedonista a qual caracteriza a vida terrena de Brás Cubas. Também, não estavam susceptíveis a levantar questionamentos sobre a imortalidade da alma, bem como sua permanência na eternidade.

Posteriormente, os biógrafos de Machado de Assis insistiram na opinião quase universal sobre a aura de pessimismo que ronda o livro como sendo um traço do próprio autor. Deve-se, entretanto, refletir sobre o fato de que, no romance, as memórias foram escritas por um defunto que fora um devasso em vida e que apenas na morte ele se tornou um espírito melancólico. Não se conhece Brás Cubas enquanto encarnado e à mercê de seus arroubos apaixonados. Pode-se até presumir que ele foi um homem alegre, faceiro e que desconhecesse a sombra da amargura que lhe anuviou a eternidade. Apenas enquanto espírito, ao rever sua vida, encontrou um novo sentido para a existência humana. Ele, que sempre vivera dominado pela sensualidade, descobriu que havia uma vida eterna, além da matéria.

A questão que Machado de Assis parece querer abordar, expressa na descoberta da vida eterna por um materialista, seria aquela da crença de que o que realmente permanece frente ao efêmero e transitório da vida é a alma imortal. De fato, haveria, em Brás Cubas, uma grande ironia. O homem que se dedicou aos prazeres sensuais descobriu, após a morte, a perenidade do espírito. Agonizando, quando se deparou com a Natureza, mãe e inimiga, testemunhou apenas morte e destruição. Nesse momento, pôde, então, constatar que a matéria é efêmera e vítima da corrupção. No além, viu-se presa de uma existência espiritual com a qual ele, certamente, não contava. Sua realidade última foi a antítese de sua existência terrena.

Assim pode-se afirmar que essa fina ironia machadiana ficou ignorada por seus contemporâneos. O fato de um espírito imortal contar as suas recordações não é gratuito, uma inovação literária apenas. O herói destituído do corpo tem um sentido mais profundo que aponta para uma crença de que o homem não é apenas matéria.

4.2 O TEMA DA OBRA **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

No romance **Iaiá Garcia**, após regressar da Guerra do Paraguai, ainda desiludido pela recusa de Estela ao seu amor, certo dia, Jorge retornou a sua casa na estrada da Tijuca, onde lhe dera um beijo à força. Novamente, a residência estava vazia, sem inquilinos e ele teve curiosidade de revê-la. Quando dava asas às lembranças, foi interrompido por Procópio Dias, a quem conhecera durante a guerra. O visitante, conforme a descrição do narrador, tinha dois credos: o lucro e o gozo. Sobre o primeiro, sabe-se que enriquecera no trabalho e a guerra aumentara-lhe a fortuna:

[...] o segundo credo era o gozo. Para ele, a vida física era todo o destino da espécie humana. Nunca fora sórdido; desde as primeiras fases da vida, reservou para si a porção de gozo compatível com os meios da ocasião. Sua filosofia tinha dous pais: Luculo e Salomão, – não o Luculo general, nem o Salomão piedoso, mas só a parte sensual desses dous homens, porque o eterno feminino não o dominava menos que o eterno estômago. Entre os colegas de negócio foi sempre tido como um feliz vencedor de corações fracos. E, ao invés de outros, não punha nisso a menor vaidade ou gloriola; preferia a cautela e a obscuridade, não em atenção ao pudor público, mas porque era mais cômodo. Nenhuma diva mundana teria jamais a audácia de cortejá-lo na rua ou sorrir-lhe simplesmente; perdia o tempo e o sacerdote. Gozava para si, que é a perfeição sensual (ASSIS, 2004a, p. 437).

A sensualidade ligava Procópio Dias a Luculo e a Salomão. Era, além da gula, um dos traços mais marcantes de seu caráter. O gozo do eterno feminino e do eterno estômago configuravam a sua sensualidade extremada e a evidente luxúria, conforme o general pagão e o temente rei judeu. Assim, de Jerusalém a Roma, do passado mais remoto ao presente mais hodierno, as paixões, castas ou lascivas, espirituais ou sensuais, são o titereiro que faz dançar o títere.

Certo dia, ao confessar a Jorge suas suspeitas sobre o envolvimento dele com Iaiá Garcia e sua madrasta, Procópio Dias declarou:

–Tem razão, eu devia tê-lo pensado, assentiu Procópio Dias. Mas que quer? Nada se deve imputar aos dementes e aos namorados. Perdoa-me? Em todo caso, pode crer que a minha índole não é tão tolerante com o vício que me fizesse desejar haver dado em balda certa. Não sou rigoroso; sei que as paixões governam os homens, e que a força de as reger não é vulgar. Por isso mesmo é que se estima a virtude. No dia em que a natureza se fizer comunista e distribuir igualmente as boas qualidades morais, a virtude deixa de ser uma riqueza; fica sendo cousa nenhuma (ASSIS, 2004a, p. 458).

Haveria nessa personagem coadjuvante alguma característica que pudesse ser desenvolvida mais profundamente em **Memórias póstumas de Brás Cubas**? Seria o “credo do gozo” o indício de algum traço constituinte da personagem do romance seguinte? Tudo indica que sim. Procópio Dias reconhecia que as paixões governam os homens. Brás Cubas levou essa constatação às últimas conseqüências.

Assim, dentro da abordagem proposta pelo presente trabalho, Machado de Assis tinha, como objetivo primordial de sua ficção, a criação e a exploração de um traço de caráter que determinava um destino. Ao tratar, no romance em questão, da luxúria como o traço de caráter que dá o rumo e o sentido da história, e que já havia delineado na personagem de Procópio Dias em sua novela anterior, ele o fragmenta em mais de uma personagem. Em Brás Cubas, essa característica é trabalhada amplamente, sendo a vida deste reduzida a um hedonismo radical e os seus dias encadeados pela seqüência dos prazeres eróticos. Pelo menos foi esse o destaque que deu o espírito saudosos da carne em seu relato melancólico.

Virgília também está caracterizada pela sua lascívia imoral, não tendo nenhuma outra marca, em sua personalidade, que inspirasse outro comentário a seu respeito. O tio João, Marcela, D. Eusébia, o Dr. Vilaça e os pais de D. Plácida, todas essas personagens surgem na história como uma abrangência do erotismo da personagem principal e como forma de ampliar a discussão sobre o tema proposto pelo autor. Até mesmo Quincas Borba, com o seu Humanismo, que nesse livro assume ares de permissividade hedonista, está ali para apoiar a indolência e a sensualidade pujante do herói.

Embora haja, nesse romance, uma discussão sobre a imortalidade da alma, é a luxúria a sua personagem principal. É mediante o caráter das figuras narrativas que Machado de Assis impõe a sua visão. Não compõe um romance de costumes ou de enredo complexo e mirabolante. Ele está interessado em dissecar aqueles caracteres que resumiram suas vidas em prazeres meramente sensuais. É o seu jeito de perquirir de que maneira a realidade assume sua forma humana elevada ou não.

4.3 ESTUDO DO ROMANCE **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

A alma de Brás Cubas apresenta uma recolta de efêmeros gozos sensuais, de prazeres fugazes, nos quais ele resumiu sua vida; além de desfiar um discreto rosário de amarguras em razão das experiências vividas e de lembranças penosas das situações desfrutadas. Há, em seu depoimento, uma saudosa recordação desses deleites, que adquirem um novo sentido quando a morte lhe corroe as vestes da matéria e relegou-lhe apenas a imaterialidade do passado por meio das memórias. Na verdade, sua confissão é uma tentativa vã de trazer de volta a experiência sensual que marcou sua passagem pela Terra. Saudades de um passado crivado pelo efêmero, construído naquilo que há de mais fugaz no ser humano: a carne.

O defunto Brás Cubas abre seu livro com uma dedicatória que revela algo do espírito que a escreveu: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (ASSIS, 2004a, p. 511).

Além do humor jocoso, há uma lembrança saudosa das carnes sendo devoradas. Até o último instante em que possuiu uma composição material, Brás Cubas usufruiu daquilo que foi a sua dedicação em vida. Seu corpo, instrumento de culto de uma sensualidade extremada, mesmo inerte, possibilitou-lhe sensações inesquecíveis.

Em vida, o apego à sensualidade e a rejeição de qualquer fé ou tendência espiritual fizeram dele, na morte, um defunto melancólico que, mesmo na eternidade, não tem nada mais para contar, além dos arroubos da paixão e os gozos da matéria. A condição humana que perscruta em seu discurso é aquela da fatuidade de uma vida

sem lastro espiritual, tediosa e improdutiva. Uma vida tão estéril que não gerou descendência nem ações que merecessem ganhar o registro da posteridade. Mesquinharia sensual e pequenez de aspirações, não havia nada que não se referisse a seu prazer ou à sua distração.

O frágil arrebatamento reflexivo que conheceu na Terra, supriu-o a filosofia de Quincas Borba. Tornou-se, quando a paixão por Virgília começava a arrefecer, discípulo daquele que se poderia chamar de o filósofo da permissividade. Fê-lo, em parte, por conveniência e, em parte, por uma fagulha de sandice que compunha seu caráter. Convivendo com o lunático pensador, nada percebeu do desvario que daquele se apossava. Ficou atônito quando um alienista lhe revelou que a condição do amigo exigia atenções. Sua identificação com a desrazão de Quincas Borba indica o traço de insânia que estava presente em sua personalidade.

Brás Cubas morreu de pneumonia na presença de sua irmã Sabina, da filha desta, Venância, e de uma terceira senhora, que mais tarde ele revelou ser Virgília, além de alguns homens que sussurravam em torno do quase-defunto.

Dias antes, a presença da ex-amante, ao pé de sua cama, aguçou-lhe a memória. Ele sentiu saudade, mas constatou que, de tudo que viveram juntos, nada mais restava. O passado se resumira numa fugaz e vã entrega ao que há de mais transitório nesta vida. Quando ela se aproximou da cama do moribundo, e as lembranças se avivaram, ele fez os seguintes comentários:

[...] Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dous grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dous corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se de alguns fios de prata (ASSIS, 2004a, p. 519).

Assim, na presença de Virgília, ele entrou em seu delírio agônico. Montado num hipopótamo, partiu para o início dos séculos, uma região branca e nevoenta, onde se deparou com a Natureza ou Pandora. Aquela figura feminina diáfana como a brisa e de olhos rutilantes, que se intitulava sua mãe e inimiga, levou-o a vislumbrar a existência humana, a calamitosa e vã aventura humana. Conhecendo-o bem, a Natureza lhe vaticina: “Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada” (ASSIS, 2004a, p. 522). Em sua alucinação, em companhia de Natureza ou Pandora, ele testemunha a destruição da vida enquanto matéria, a banalidade das paixões e das ambições passageiras. Vem daí sua constatação de que o homem, diante da Natureza, não é nada. A vida material é irrisória, breve e incongruente.

Brás Cubas, ao morrer, descobre que a alma sim é imortal e sobrevive à matéria e à Natureza. Não há o homem que se prender ao efêmero e ao concreto porque aí não encontrará nada de elevado e duradouro.

Esse delineamento de caracteres licenciosos não se fez porque seu autor defendia uma “filosofia mundana”, uma crença na imoralidade ou numa sensualidade na qual se reduziria a vida humana, expressa pela vida dissipada do herói. Ao buscar entender essas figuras narrativas que se dedicam à sensualidade, ao hedonismo, Machado de Assis convida seu leitor a uma reflexão sobre a banalidade dessa atitude e, para atingir seu objetivo, retrata vidas vazias à mercê da imperiosa sensualidade que lhes domina o caráter e a vida.

A luxúria é apresentada, então, como a marca principal constituinte dos caracteres da história. É esta que, aqui, transforma-se na ferramenta com a qual o destino dará consecução à sua obra. Traço de personalidade indelével e onipresente em várias personagens da trama, a sensualidade acompanhou Brás Cubas desde os dias de sua infância, norteou as suas escolhas e simpatias, seus laços de parentesco e sua dita e desdita. O protagonista da história encarna, de forma radical, essa faceta que o autor perscruta.

Para destacar melhor o tema em questão, o relato começa com o nascimento de Brás Cubas. Em suas memórias, conta que nasceu no dia 20 de outubro de 1805. A partir dos cinco anos, emérito por suas traquinagens, passou a ser chamado de “menino diabo”, título que ostentou com muito orgulho. Era maligno, indiscreto e

voluntarioso. Não tinha regras nem limites, estimulado pela fraqueza da mãe e pela permissividade orgulhosa do pai.

De suas dialéticas familiares, havia aquela, existente entre seu tio Ildefonso, padre, rigoroso nos hábitos e pudico nos pensamentos; e seu outro tio João, lascivo e devasso, sendo, pois, com este que o menino se identifica, procura e desfruta da companhia e do discurso licencioso e obsceno. Era o encontro de duas essências semelhantes que o sangue uniu e o caráter aproximou. Em casa, uma mãe bondosa e fraca e um pai orgulhoso do rebento endiabrado davam-lhe uma educação bamba e incompleta, ficando o menino à mercê de seus arroubos mais genuínos que ganhavam cada vez mais força. A iniciação nos temas eróticos, recebeu-a do tio João, “homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca”. Ele ouvia as obscenidades do tio, seguia-o quando ele ia abordar as escravas que lavavam a roupa, e passou a acompanhá-lo, mais tarde, às visitas às mulheres.

O tio Ildefonso era austero e puro, porém medíocre e fraco. Seu ideal era ser cônego e sua devoção à Igreja era mais pelos rituais do que pela fé. Havia também a tia Emerenciana, a única a quem ele respeitava, mas com quem viveu apenas cerca de dois anos. Em seu balanço da vida familiar, ele resumiu:

[...] O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu essa flor (ASSIS, 2004a, p. 528).

Mas, segundo seu próprio relato, sua curiosidade e indiscrição, assim como os primeiros interesses pelas ações lúbricas, não eram provenientes do tio João. Trazia-as Brás Cubas já consigo. Estava sempre à espreita e identificava facilmente esse traço tão marcante entre os homens. Vale lembrar que sua primeira indiscrição ocorreu aos nove anos de idade, quando seguiu o Dr. Vilaça e D. Eusébia pelo jardim da casa paterna. Ao testemunhar um beijo entre eles, atrás de uma moita, saiu pela chácara bradando que o Dr. Vilaça havia beijado D. Eusébia. A indiscrição do menino trouxe

certo embaraço aos convidados, mas nada mais grave aconteceu. Na hora, o pai puxou-lhe as orelhas, contudo, no dia seguinte, risonho, chamou-o “brejeiro.”

Brás Cubas, envolto pela atmosfera piedosa e casta em torno da presença da mãe e do tio padre, vivia alheio ao recato doméstico, intrigado e dominado pelos impulsos sensuais e lascivos. Algumas páginas mais tarde, ele próprio o reconhecerá.

Na verdade, quanto a seu interesse pessoal, havia pouco a contar de sua existência que não fosse ligado às suas experiências amorosas. Assim, não mereceram grande atenção os anos escolares, quando ele aprendeu a ler, escrever, contar mas, principalmente, a fazer diabruras, vagabundear e gazetear. Logo, propõe o herói que essa etapa seja colocada de lado. A única menção de valor desses anos foi o conhecimento e a amizade com um de seus colegas, Quincas Borba, que, mais tarde, ganhará muito destaque em sua vida.

A primeira grande paixão amorosa pela ferosa prostituta Marcela foi tumultuada, lasciva e dispendiosa. Mas, conforme deixa claro, ele não tinha nenhum interesse pela alma da moça. O caráter duvidoso desta não o preocupava e a vida dissipada e sem escrúpulos da jovem não o inquietava. Para ele, do que podia confessar sem ferir o pudor e a moral públicos, Marcela era só braços, olhos, seios, corpo esbelto, ondulante e beijos impetuosos. Pura luxúria e nenhum amor casto, breve que fosse, ligava-o a ela. Sobre essa relação, confidencia: “...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 2004a, p. 536).

A vida desregrada, e principalmente cara, fez o pai armar-se de autoridade e enviá-lo a Coimbra para estudar Direito. Nessa cidade portuguesa, a vida universitária foi medíocre. Lá, ganhou a fama de folgazão, dado às aventuras. Após a conclusão do curso, peregrinou pela Europa e só retornou ao Brasil quando recebeu carta do pai, comunicando-lhe que sua mãe estava moribunda.

Após a morte da mãe, recolhido na Tijuca, reencontrou-se com D. Eusébia e a filha que ela tivera de seu amor ilegal com o Dr. Vilaça, Eugênia. Esta era uma mocinha morena, com duas tranças negras, de quem o defunto se lembrou contar que era tímida e recatada, uma “flor da moita.” Ao ver a mãe arrumar-lhe o cabelo, teve “uma cócegas de ser pai.”

“Cócegas de ser pai”, ou de pelear para sê-lo, é uma forma enviesada de dizer da atração que sentiu pela moça e também o desejo de ter um filho. A jovem tinha 16 anos e parecia, aos olhos de Brás Cubas, mais mulher do que realmente era. O ímpeto erótico do protagonista logo o levou a enamorar-se de Eugênia. Ao vê-la manca, teve a certeza de que nada de duradouro seria possível entre eles. Não suportaria o peso do casamento com uma jovem aleijada. Estava, entretanto, determinado a beijá-la antes de partir para a vida que o esperava na casa do pai. Na figura cândida de Eugênia, ele via apenas a luxúria pregressa de seus progenitores e desejou que a jovem lhes tivesse herdado o caráter. Como ela era coxa, chamou-a de “minha Vênus manca.”

O namoro com a “flor da moita” acabou apenas oito dias após ganhar o beijo. Os motivos de sua partida, entretanto, foram, além dos planos políticos que o pai tinha para ele, o aleijão da jovem. Brás Cubas sentiu pena de Eugênia, mas seu sentimento de comiseração foi se diluindo com o pó da estrada e, como esse, também ficou para trás.

Durante a descida da Tijuca, as botas apertavam-lhe terrivelmente os pés. Aquela dor era prenúncio de um grande prazer, o qual o sensualismo de Brás Cubas se aprontou para celebrar:

[...] Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro. Enquanto esta idéia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a Tijuca, e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas. E descalçou-as o lascivo. Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, inefável e incoercível momento de gozo, que sucede a uma dor pungente, a uma preocupação, a um incômodo... Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale por um par de botas (ASSIS, 2004a, p. 556).

Ele também confessou, afinal, para que lhe serviu Eugênia: para aguçar-lhe a fome. Ela fora apenas uma dor pungente antes de um prazer, uma inspiração para a

carne se preparar para um momento de gozo, que ele deve ter tratado logo de obter, mesmo não o revelando ao leitor.

Tempos depois, quando Virgília trocou-o por Lobo Neves, Brás Cubas dedicou-se a levar uma vida um tanto retirada, de amores discretos, dos quais só restaram as iniciais dos nomes ou algum aroma de toucador, que os ventos e as brisas se esqueceram de afugentar de sua casa:

[...] Pena de maus costumes, ata uma gravata ao estilo, veste-lhe um colete menos sórdido; e depois sim, depois vem comigo, entra nessa casa, estira-te nessa rede que me embalou a melhor parte dos anos que decorreram desde o inventário de meu pai até 1842. Vem; se te cheirar a algum aroma de toucador, não cuides que o mandei derramar para meu regalo; é um vestígio da N. ou da Z. ou da U. – que todas essas letras maiúsculas embalam aí a sua elegante abjeção. Mas, se além do aroma, quiseses outra cousa, fica-te com o desejo, porque eu não guardei retratos, nem cartas, nem memórias, a mesma comoção esvaiu-se, e só me ficaram as letras iniciais (ASSIS, 2004a, p. 564).

Dessa forma, da vida lasciva que levava até os 37 anos de idade, pouco lhe havia sobrado de seu passado para contar. A pena, por mais que insistisse em lhe indagar sobre os fatos desses anos, não encontrava nada além de alguns rostos, vagos aromas renitentes, iniciais de nomes cujas donas jamais marcaram sua existência lúbrica e vazia.

Finalmente, Virgília retornou ao Rio de Janeiro e à vida de Brás. O apelo carnal neles, imperioso, levou-os a ultrapassar as convenções sociais e a ignorar as regras morais. Valiam mais os caprichos, os prazeres sensuais, os espasmos eróticos. Brás Cubas e Virgília chegaram sôfregos um ao outro. Chamavam de amor o que os ligava e Brás, de oportunidade o momento que os unira. Mas, o amor, esse termo tão vago, nada mais era do que o esgarçado disfarce da lubricidade: “[...] porque nós éramos outra espécie de animal menos tardo, mais velhaco e lascivo. Eis-nos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas escusas; problema que me assustou, durante algumas semanas, mas cuja solução entreguei ao destino” (ASSIS, 2004a p. 571).

Brás Cubas, entretanto, sabia-se um pecador, só não tinha forças para evitá-lo. Entregava-se ao prazer e atordoava a consciência, sempre em busca da via mais fácil e mais amena. Já defunto, confessa a sua culpa quando relata que a casinha que arrumara na Gamboa se arruinara e o proprietário promovera reformas no imóvel. Demolira a antiga e erguera uma nova, onde: “dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões” (ASSIS, 2004a, p. 583).

Machado de Assis recorre, ainda, à personagem de D. Plácida para tratar da luxúria nas classes mais pobres da sociedade carioca do Segundo Reinado. Ele descreve alguns hábitos dessa camada social em relação ao amor e ao sexo, fazendo-o mediante uma personagem que tinha uma triste história de vida, conseqüente da lascívia alheia. Além disso, essa personagem seria uma forma de indicar que nem todos apresentam o mesmo traço de apego exagerado ao sexo.

D. Plácida, cujo nome encerra por si só uma ironia, nascera de um sacristão da Sé e de uma doceira. O pai morreu cedo, quando a menina tinha 10 anos e já ajudava a mãe a fazer doces para fora. Aos 15 ou 16 anos, casou-se com um alfaiate que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filhinha de dois anos para criar. Para aumentar as suas dificuldades materiais ainda mais, a mãe, idosa e cansada, veio morar em sua companhia.

Ela fazia doces durante o dia e costuras durante a noite, engrossando as mãos nos tachos e arruinando a vista à luz rala do candeeiro. Relatou que teria se casado novamente, se lhe houvesse aparecido algum marido. Ao contrário de sua mãe que vivera maritalmente com o sacristão, ela queria ser casada, ter a união abençoada. Assim, recusou as propostas de alguns pretendentes, pois esses não tinham o santo sacramento em mente. A mãe bradava-lhe que tomasse “um dos maridos de empréstimo e de ocasião”, mas ela mantinha-se firme em seus propósitos e convicções.

D. Plácida cuidava da filha com esmero e vigilância, jamais a perdendo de vista. Levava-a consigo quando ia entregar a roupa que confeccionava. Na rua, alguns homens diziam gracejos à moça e a mãe chegou a receber propostas em dinheiro pela jovem. Como a batalha já estivesse perdida de antemão para as forças da Natureza,

um dia, a filha fugiu com um sujeito, deixando-a só, quase velha, e triste de querer morrer. Nessa época, ela conheceu a família de Virgília, que a acolheu.

Ela trazia encerrada no peito a amargura das decepções da vida sem tranqüilidade ou serenidade, como poderia fazer suspeitar o seu nome. Recusara a libidinagem comum e corriqueira que fora a causa de sua existência e de sua desventura. Também foi causa de desespero e solidão a partida de sua filha com um sujeito desconhecido. Aquilo que ela evitou com tanta veemência, fatalmente, reencontrou. Tornara-se, por força da adversidade, cúmplice e guardiã do pecado do casal.

A desfaçatez e o descaso de Brás Cubas e Virgília pelas regras morais, levaram-no a aceitar o convite de Lobo Neves para acompanhá-los ao Norte, onde ele seria presidente de província. O romance entre eles já era, há muito, de domínio público, comentado em várias rodas sociais e desfrutava também da indulgência de todos. Não havia limites nem consideração naquele laço que os unia. Eles desconheciam pudores; a confiança e amizade do marido traído não causavam qualquer mal-estar nem na mulher nem no amante. Com o cancelamento da viagem, Virgília e Brás Cubas continuaram nos braços um do outro, com o amor ainda mais incendiado pelas ameaças recentes de separação.

Tempos depois, Lobo Neves aceitou a presidência. Na época, Virgília sentiu-se envolvida pela corte de um diplomata da Dalmácia. Seu caráter complacente não se vexou de encontrar-se diante dessa nova situação: uma mulher casada, com um amante e um admirador. Nesse momento, Quincas Borba ganhou relevo na história. Brás Cubas ensaiava um mergulho interior, mas como era raso demais, não conseguiu ir muito fundo ou, pelo menos, acostumado à indolência e à vida gentil e fácil, não encontrou forças nem motivação para executar as novas idéias que lhe cruzaram pela mente.

Após algum tempo, Brás Cubas avaliou sua vida amorosa até aquele momento:

[...] Sentia-me tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de canalizar a vida. Por que não? Meu coração tinha ainda que explorar; não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro. Em verdade, as aventuras são a parte torrencial e vertiginosa da vida, isto é, a exceção; eu estava enfiado delas; não sei até se

me punha algum remorso. Mal pensei naquilo, deixei-me ir atrás da imaginação; vi-me logo casado, ao pé de uma mulher adorável, diante de um *baby*, que dormia no regaço da ama, todos nós no fundo de uma chácara sombria e verde, a espiarmos através da chácara uma nesga do céu azul, extremamente azul [...] (ASSIS, 2004a, p. 609).

Essa nova fase mais reflexiva é marcada pela reaproximação a Quincas Borba, que, embora não significasse nenhuma mudança radical de seus hábitos, revela a passagem do tempo, o arrefecimento dos arroubos da juventude e do apego aos prazeres do corpo. Seu espírito estava por demais empedernido para grandes sublimações mas, com a ajuda da natureza e as reflexões filosóficas do amigo conseguiu ainda Brás Cubas algum arremedo de elevação espiritual. Quincas Borba apresentou-lhe o Humanitismo. Esta era uma filosofia que antes de condenar os prazeres sensuais, aceitava-os, fato que muito o animou :

[...] Disse-me ele que a frugalidade não era necessária para entender o Humanitismo, e menos ainda praticá-lo; que esta filosofia acomodava-se facilmente com os prazeres da vida, inclusive a mesa, o espetáculo e os amores; e que, ao contrário, a frugalidade podia indicar certa tendência para o ascetismo, o que era a expressão acabada da tolice humana (ASSIS, 2004a, p . 610).

Quando chegou a véspera do embarque para o Norte, a despedida de Brás Cubas e Virgília foi simples, fria. Aconteceu em público, sem nenhuma comoção. Nada faria lembrar o êxtase apaixonado e as emoções extremadas que os mantiveram na clandestinidade por tantos anos. Virgília ainda se lembrou de recomendar que ele não se esquecesse de D. Plácida. E foi tudo.

Na hora da partida do navio, Brás Cubas sentiu algo que não era dor nem prazer. Era alívio e saudade. Almoçou melhor que nos outros dias. A sensualidade exacerbada reservara-lhe o prazer do estômago como uma compensação pela perda momentânea do prazer erótico. Almoçou no Hotel Pharoux, onde o cozinheiro, M. Proudhon, insigne e aclamado internacionalmente pelos acepipes, como que para cortejá-lo, havia se superado naquele dia. Assim, ele deleitou-se à mesa.

Mas, na verdade, ele deixava o romance com Virgília derrotado. Daquele intenso caso amoroso, nada lhe sobrara: desejara um filho que jamais tivera, não construía nada de permanente para si e, na hora da partida da amante, estava só. Todos os anos que passaram juntos se resumiam em encontros furtivos e prazeres fugidios. O preço pago por seu apego extremado ao sensualismo exacerbado era a solidão, o vazio e o silêncio. Sonhos pouco acalentados que se desfizeram antes de tomarem forma.

A tristeza apossou-se dele então. Sentia-se um viúvo e, melancolicamente, recolheu-se em casa e entregou-se a caçar moscas com os olhos. Sua irmã Sabina e Quincas Borba recuperaram-no da solidão para o convívio. A irmã armou-lhe casamento com uma sobrinha do marido, Nhá-loló, e o filósofo, finalmente, introduziu-o no Humanitismo.

Brás Cubas ficou atônito com a clareza do pensamento do amigo. Achou-o um homem profundo. Leu-lhe a obra e tornou-se seu discípulo, consultando-o em todas as questões de importância. Mas, além da insistência da irmã e da presença do filósofo, uma terceira força levava-o a sair de seu recolhimento e o empurrava de volta à vida, depois que a partida de Virgília relegou-o à letargia:

A TERCEIRA FORÇA que me chamava ao bulício era o gozo de luzir, e, sobretudo, a incapacidade de viver só. A multidão atraía-me, o aplauso namorava-me. Se a idéia do emplasto me tem aparecido nesse tempo, quem sabe? Não teria morrido logo e estaria célebre. Mas o emplasto não veio. Veio o desejo de agitar-me em alguma cousa, com alguma cousa e por alguma cousa (ASSIS, 2004a, p. 617).

Por essa época, Sabina advogava veementemente a favor da idéia do casamento. Era mister casar-se e reproduzir, deixar de ser um solteirão sem filhos. A idéia do filho apossou-se dele novamente. Como a noiva já estava escolhida há algum tempo e o namoro gozava da aprovação de todos, o cortejo à jovem seguiu seu curso rumo ao altar. Quis a fatalidade se interpor à marcha nupcial. A febre amarela abateu-a. Seu nome, Eulália Damasceno de Brito, ficou registrado num modesto e frio epitáfio, numa simples lápide, que revelava a sua idade na hora da morte: 19 anos.

Vazio, vaidoso e sibarita, Brás Cubas dedicou-se então à política e tornou-se deputado. Viu alguns de seus anos se esvaírem no parlamento e, quando Lobo Neves retornou da província com Virgília, reencontrou-o lá.

Com a vida pobre de sentido e o coração amargurado, preso na armadilha que forjara para si mesmo, qual seja, o gosto desmesurado pelos prazeres que desaparecem com os anos, ele deu vazão ao desejo de ser ministro de Estado. Fez algum esforço, mas em vão. Ele não fora talhado para as grandes batalhas nem para enfrentar desafios. Aceitava as amenidades da vida com naturalidade e as benesses da existência com indiferença. Perdeu também a cadeira na Câmara dos Deputados e, depois de breve agonia, a carreira política desceu à sepultura.

Em seus últimos anos de vida, já sem as urgências da carne e com o arrefecimento dos sentidos, Brás Cubas parecia ter empreendido uma tímida viagem ao redor de sua consciência. Inspirado pela filosofia de Quincas Borba, de onde transbordavam fagulhas da sandice própria da condição humana, dedicou-se aos trabalhos assistenciais numa ordem religiosa. Conheceu ali, como espectador, a miséria e o infortúnio. Instalado de modo confortável em sua abastada condição, pôde se sensibilizar intelectualmente. Então, nesse exato momento, identificou a monotonia do gozo e a solidão do prazer que se esgota em si mesmo:

Talvez a economia social pudesse ganhar alguma coisa, se eu mostrasse como todo e qualquer prêmio estranho vale pouco ao lado do prêmio subjetivo e imediato; mas seria romper o silêncio que jurei guardar neste ponto. Demais, os fenômenos da consciência são de difícil análise; por outro lado, se contasse um, teria de contar todos os que a ele se prendessem, e acabava fazendo um capítulo de psicologia. Afirmando somente que foi a fase mais brilhante de minha vida. Os quadros eram tristes; tinham a monotonia da desgraça, que é tão aborrecida como o gozo e talvez pior. Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres, é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-lo o obsequiado. Não; eu recebi-a de um modo reflexo, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente idéia de mim mesmo (ASSIS, 2004a, p. 637-638).

Como tudo em sua vida, tamanha exaltação de generosidade estava destinada também à cova comum de seus arroubos anteriores. Caprichoso e indolente como era, após três ou quatro anos de dedicação e descobertas, reencontrou-se com seu enfado e abandonou a benemerência. Um grande gesto de doação ficou faltando, como de resto em todos os seus dias. Viu ainda morrer Marcela, no apogeu da decrepitude e da ruína. Reencontrou Eugênia, a “flor da moita”, tão coxa e muito mais triste do que quando a abandonou, agora vivendo num mísero cubículo de cortiço.

A solidão não o abandonava e a velhice lhe assombrava os dias implacavelmente. Sentia-se só. Quincas Borba partira para Minas Gerais havia seis meses e só retornou dali a 120 dias depois, totalmente demente. Morreu em sua casa após algum tempo. As últimas linhas das memórias de Brás Cubas foram dedicadas à avaliação negativa de sua existência:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria (ASSIS, 2004a, p. 639).

Vale lembrar, o que o defunto escondeu com o seu sedutor discurso de aparente reflexão foi a grande ironia de sua condição. Voltado para uma vida material, foi condenado, depois de morto, à vida eterna.

5 O ORGULHO: *IAIÁ GARCIA*

O orgulho parece ser o traço de caráter que Machado de Assis procura dissecar no romance **Iaiá Garcia**. É o fio condutor da trama e determina os rumos da história. Está presente em duas personagens, Estela Antunes e Valéria Gomes.

Segundo Machado (2003, p.115): “Iaiá Garcia foi publicado em 38 folhetins em *O Cruzeiro*, em janeiro, fevereiro e março de 1878. O livro, publicado no mesmo ano, não teve boa receptividade crítica [...]” Comprova-o, dentre outras, a análise elaborada para a **Revista da Sociedade Phenix Literária**, do Rio de Janeiro, em março de 1878, que foi desairosa ao romance. O autor do texto, foi, então, breve e irônico:

Foi-se também Iaiá Garcia, e tão desenxabida como no dia em que nasceu. Inda estamos por saber que tese quis o autor desenvolver em seu livro, sendo fora de dúvida que ele quis ali desenvolver qualquer tese. Tratamos de descobrir o fito do pensador em meio daquele langoroso idílio e chegamos à conclusão *final* de que a sua tese era uma tese *garcio lógica*.

Um estilo ameno e fácil sem trivialidade, alguns interessantes estudos psicológicos feitos ao correr da pena, uma ou outra fosforescência de poesia doméstica são qualidades incontestáveis e valiosas ao livro do Sr. Machado de Assis. Mas pode convencer-se de que não são suficientes para tornar uma obra de arte viável na república das letras. O cantor das americanas, que acatamos e apreciamos, deve apimentar um pouco mais o bico de sua pena, a fim de que os seus romances não morram linfáticos (Ibid., p.117-118).

Pode-se, pois, perceber que o quarto romance machadiano não adentrou a vida pública, abrindo os olhos em pleno Capitólio, como ele próprio escreveu sobre a musa de Castro Alves em visita a José de Alencar, no comentário publicado no **Correio Mercantil**, em 1º de março de 1868, como já visto anteriormente. Nesse texto, entende-se que a “tese”, da qual o comentarista não conseguiu descobrir a natureza, versa sobre o orgulho que domina a alma do ser humano e determina a direção de seu destino. Trata-se de uma tentativa de Machado de Assis de perscrutar esse sentimento tão característico de certas personalidades. Talvez ele próprio tivesse sido vítima desse traço, às vezes venenoso, do caráter humano. É bem provável que conhecesse

personalidades arrogantes, orgulhosas e sofrera as conseqüências dessa proximidade. A partir de seu nascimento numa família pobre, até o reconhecimento público, decorrente de sua arte elevada, ele deve ter-se deparado com situações extremas que lhe avassalaram o espírito e lhe fraquejaram a alma. Então, seria esse livro um acerto de contas com aqueles que, em vão, tentaram sobrepujar sobre a sua existência humilde? Esta é, de fato, a grande ironia do livro: o orgulho, elevado ou mesquinho, é inútil.

Dessa forma, indo além de suas motivações pessoais e aplicando-se em seu estudo da alma humana, o autor reconhece que o orgulho não é um só. De um lado, este se apresenta deletério e desagregador. De outro, assume os traços de uma virtude, uma postura de quem recusa curvar-se diante de forças depreciativas impostas pelos embates da superficialidade. Um luta mesquinho; o outro, pugna altivo.

Para tratar do tema, Machado de Assis fragmenta esse traço de caráter em duas personagens: uma delas é Valéria Gomes, orgulhosa por vaidade e insidiosa por conveniência. Ela não admitia ver o bom nome da família manchado pelo casamento de seu filho com uma moça de classe social inferior. A outra é Estela Antunes, uma jovem apaixonada que recusa o amor por temer ver-se diminuída publicamente ao aceitar o casamento com um rapaz de família abastada.

Embora o livro relate a ironia de ambas as posições, porquanto o sacrifício das duas mulheres foi em vão, não se pode deixar de ver, em Estela, um certo inconformismo com os padrões sociais impostos às mulheres de seu tempo. O previsível seria que uma moça pobre se considerasse honrada com a elevação social e se entregasse às determinações do marido – inicialmente por amor – e depois também por conveniência e ambição. Nesse aspecto, a recusa da personagem torna-a uma revolucionária, uma jovem desacomodada com a situação desprivilegiada da mulher no Brasil do Segundo Império. Do ponto de vista humano, entretanto, sua atitude inovadora foi o motivo de sofrimentos injustificáveis e renúncias descabidas.

Percebe-se que, tanto em **Quincas Borba** como em **Iaiá Garcia**, o título é retirado de uma figura secundária. Embora a obra tenha o nome da jovem, ela não é nem a figura central nem o tema da narrativa. O mote central de **Iaiá Garcia** é o embate de duas mulheres orgulhosas em luta com o seu eu interior, dispostas e decididas a

sacrificar os próprios familiares – uma, o filho e a outra, o amado pretendente – em nome de convenções sociais cuja única função era encobrir um interior duro e inflexível. Estela Antunes e Valéria Gomes são duas almas empedernidas pelo orgulho. Uma é madura e fria; a outra, jovem e apaixonada, mas ambas portadoras de um coração de pedra numa alma de chumbo. Destacam-se, pois, no enredo, essas duas mulheres fortes, entretanto a figura de Iaiá ganhará importância apenas na segunda parte do romance, quando será a portadora da ironia que a história encerra.

O fascínio de Machado de Assis pelas protagonistas levou-o a criá-las complexas e sedutoras. São seres vivos que ocupam o centro da cena, arrebatam, insinuam-se e cativam o leitor. Sem conseguir escamotear a atração que essas exerciam sobre ele, compartilha com o leitor uma sensualidade explosiva que suscita o desejo e a cobiça do público masculino e a inveja ou a admiração das mulheres. Algumas dessas figuras de papel e tinta são a encarnação da própria tentação, uma vez que tiram o sono e carregam o coração do leitor apaixonado atrás de si. Evidencia-se que Sofia é a representante mais primorosa dessa mulher arrebatadora. Magnética, atraía o olhar e o interesse daqueles que lhe cruzavam o caminho, pois “[...] o vestido sublinhava admiravelmente a gentileza do busto, o estreito da cintura e o relevo delicado das cadeiras” (ASSIS, 2004a, p. 777).

Capitu, descrita com certo recato, já na adolescência, sob o seu vestidinho de chita, deixava entrever as formas consistentes e o corpo vigoroso. Quando se casou, possuía braços perfeitamente torneados que forçavam o olhar dos homens nos bailes a que ia com o marido, sem falar naqueles “olhos de ressaca” que, como a vaga furiosa, a tudo arrastavam.

Helena enlevava pelo corpo jovem e espírito reto; Iaiá é uma promessa estética inventada pelo Criador; Virgília, a despeito de exalar de sua figura um perfume levemente vulgar, tinha as formas preparadas pelo estofador celeste.

As viúvas, lindas, jovens, ricas, tais como Lívia e Fidélia, levavam os homens a voltarem a cabeça ao vê-las passar. Além disso, ainda aguçavam a fantasia masculina com a sabida experiência erótica pregressa e uma possível disponibilidade amorosa. Até mesmo D. Glória Santiago conservava grande encanto e atraente beleza em sua

forçada maturidade, a ponto de comover o jovem Ezequiel de Souza Escobar, que se derramou de velados desejos por ela.

Estela Antunes parece ter sido esculpida à maneira de Fídias, mas daquela forma austera e rígida que ele criara para a Atena encouraçada do Partenon. Suas vestes assemelhavam-se a uma armadura de tecido negro que, mesmo revelando-lhe as formas graciosas, impunham a lembrança de campanhas bélicas. Dentre as personagens femininas criadas, esta é uma figura única, posta ser a menos feminina, embora não menos atraente. Desertara das futilidades desde cedo e rejeitava qualquer enfeite ou artificialidade. Queria impor-se pela beleza natural e transformava a pobreza em seu único adorno. Enquanto as demais heroínas machadianas capitularam diante do amor, essa emparedou-se contra a paixão, fazendo do orgulho uma motivação imperiosa à reclusão de seus afetos mais profundos.

Quando deixou o colégio, aos 16 anos, foi morar em casa de Valéria Gomes. Fingia não perceber os olhares apaixonados de seu filho, convicta de sua posição socialmente inferior. O narrador assim a descreve:

Pálida era, mas sem nenhum tom de melancolia ascética. Tinha os olhos grandes, escuros, com uma expressão de virilidade moral, que dava à beleza de Estela o principal característico. Uma por uma, as feições da moça eram graciosas e delicadas, mas a impressão que deixava o todo estava longe da meiguice natural do sexo. Usualmente, trazia roupas pretas, cor que preferia a todas as outras. Nu de enfeites, o vestido punha-lhe em relevo o talhe esbelto, elevado e flexível. Nem usava nunca trazê-lo de outro modo, sem embargo de algum dixe ou renda com que a viúva a presenteava de quando em quando; rejeitava de si toda a sorte de ornatos; nem folhos, nem brincos, nem anéis. Ao primeiro aspecto dissera-se um Diógenes feminino, cuja capa, através das roturas, deixava entrever a vaidade da beleza que quer afirmar-se tal qual é, sem nenhum outro artifício. Mas, conhecido o caráter da moça, eram dous os motivos – um sentimento natural de simplicidade, e, mais ainda, a consideração de que os meios do pai não davam para custosos atavios, e assim não lhe convinha afeiçoar-se ao luxo (ASSIS, 2004a, p. 409).

A situação econômica que reuniu Estela e Jorge sob o mesmo teto – ela era uma agregada da família – não despertou a paixão apenas do rapaz. A insensatez dos jovens anos não resistiu ao amor, mas o espírito dela empertigou-se dissonante diante do novo sentimento e coligiu forças contra aquela que deveria ser a sua rebeldia juvenil, subjugando-a. O orgulho férreo, impróprio aos seus 16 anos, sufocou a paixão e fê-la jurar a si mesma que jamais fraquejaria diante do amor que insistia em sobrepujá-la:

No meio de semelhante situação, que sentia ou que pensava Estela? Estela amava-o. No instante em que descobriu esse sentimento em si mesma, pareceu-lhe que o futuro se lhe rasgava largo e luminoso; mas foi só nesse instante. Tão depressa descobriu o sentimento, como tratou de o estrangular ou dissimular, – trancá-lo ao menos no mais escuso do coração, como se fora uma vergonha ou um pecado.

“Nunca” jurou ela a si mesma.

Estela era o vivo contraste do pai, tinha a alma acima do destino. Era orgulhosa, tão orgulhosa que chegava a fazer da inferioridade uma auréola; mas o orgulho não lhe derivava de inveja impotente ou de estéril ambição; era uma força, não um vício, – era o seu broquel de diamante, – o que a preservava do mal, como o do anjo de Tasso defendia as cidades castas e santas. Foi esse sentimento que lhe fechou os ouvidos às sugestões do outro. Simples agregada ou protegida, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque a seus olhos seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia. Valéria, que também era orgulhosa, descobrira-lhe essa qualidade, e não lhe ficou querendo mal; ao contrário, veio a apreciá-la melhor.

Pois o orgulho de Estela não lhe fez somente calar o coração, infundir-lhe a confiança moral necessária para viver tranqüila no centro mesmo do perigo. Jorge não percebera nunca os sentimentos que inspirara; e, por outro lado, nunca viu a possibilidade de os inspirar um dia. Estela só lhe manifestava o frio respeito e a fria dignidade (ASSIS, 2004a, p. 410-411).

Para o autor, o orgulho de Estela era uma virtude, o seu “broquel de diamantes.” Era proveniente de sua necessidade de se impor, de se fazer forte, de não cumprir um papel subalterno nem degradante.

O orgulho, embora considerado um dos sete Pecados Capitais, pode assumir esses ares de virtude, a despeito da moral religiosa cristã. É assim que entende Galimberti (2004, p. 39), na obra **Os vícios capitais e os novos vícios**. Segundo o autor, São Tomás de Aquino entendia a soberba como sendo um sentimento próprio de alguém que “está enamorado da própria excelência, da qual procede uma ‘desmesurada presunção de superar os outros’ [...]” A soberba finca, pois, suas raízes na necessidade de reconhecimento e da afirmação da própria personalidade. Mas não

apenas isso. Quando o indivíduo apóia-se nesse sentimento, como sustentação para a sua superação, este assume as vestes da virtude:

A necessidade de reconhecimento, lembra-nos Hegel, é tão forte no homem, que o impulsiona até mesmo a colocar a vida em risco em uma luta mortal, não como o fazem os animais por alimento, descanso, segurança, mas para que os outros o reconheçam. Aquele que não coloca em jogo a própria vida escolhe a vida de submissão e, portanto, arrisca-se à morte para salvaguardar aquele traço típico do homem, que é a reivindicação do valor de si mesmo (GALIMBERTI, 2004, p. 40).

Estela, embora recusasse exhibir seu orgulho publicamente, fazia-o no silêncio de sua alma. Tinha-se em determinada consideração e não abria mão da avaliação que fazia de si mesma. Imolara a sua paixão em nome desse traço de seu caráter, sacrificara a vida de Jorge Gomes e o vira partir para a guerra e para a possível morte. Sua personalidade complexa, entretanto, não deixou de cativar os comentaristas da obra machadiana desde sua primeira aparição pública.

Rigoletto (2003), pseudônimo de autor não identificado, publicou uma crítica sobre **Iaiá Garcia** na revista **O Cruzeiro**, em 11 de abril de 1878, na qual reputa o livro uma composição literária de costumes, no qual o autor explora a verdade ética das forças da natureza humana. Ele considera as personagens tão vívidas que fantasia encontrá-las em seu cotidiano. Também imagina Iaiá passeando pelas ruas em um grande carro, muito gorda, cheia de filhos, coberta de jóias, comprando futilidades na Rua do Ouvidor e queixando-se dos empregados. Cria-a fútil e extravagante, enquanto Jorge Gomes, marido anulado e igualmente barrigudo, discutia à porta da Confeitaria Castelões. Em sua imaginação, Estela mantinha-se altiva e fora a única que conservara os traços da juventude. Sobre essa mulher, afirma:

Estela raro passa na Rua do Ouvidor. Quando eu a encontro com o seu nítido e singelo vestido de flanela azul orlado de preto, o seu liso chapéu de palha com uma fita, as suas luvas de fio da Escócia, as suas grossas e cômodas botinas, pergunto-lhe sempre o que leva naquele seu cabazinho de fina esteira. São livros, gravuras, músicas para os seus discípulos, pequenas encomendas de uso doméstico, surpresas para uma criança, lembranças para um amigo (RIGOLETTO, 2003, p. 117).

Percebe-se, assim, que para Rigoletto, o orgulho de Estela fora a fonte de sua preservação física e moral. É bem possível que para Machado de Assis também o seja.

5.1 ESTUDO DA OBRA **IAIÁ GARCIA**

Valéria Gomes é uma das matriarcas machadianas, ao lado de D. Glória e da baronesa que conduz os negócios da família com mãos de ferro. Dois anos após a morte do marido, estava à frente de tudo, da administração material e espiritual da casa à vida do filho único, Jorge, a quem ela permitia que levasse uma existência ociosa e desocupada. Mulher extremamente orgulhosa e cultivadora de convenções sociais severas, quando percebeu a paixão do filho por Estela, mesmo tendo grande afeto pela jovem, determinou-se a impedir a união entre eles. A altivez era um traço marcante de sua pessoa. O narrador assim descreve essa personagem: “a mão, ainda fresca, apesar dos anos, que subiam de quarenta e oito. Era alta e robusta. A cabeça, forte e levantada, parecia protestar pela altivez da atitude contra a moleza e tristura dos olhos” (ASSIS, 2004a, p. 399).

Valéria descobriu que algo se passava entre seu filho e a agregada quando os dois a acompanharam a uma vistoria numa de suas propriedades na estrada da Tijuca. Durante a visita, ao ficarem momentaneamente a sós, o rapaz aproveitou para declarar o seu amor à moça e, diante do silêncio dela, que ele interpretou como indiferença e depois desdém, agarrou-a e beijou-a nos lábios. Aquela atitude cavou, entre eles, um abismo intransponível. Estela sentiu-se profundamente ofendida. Valéria, que percebera alguma coisa, pensou interrogar Estela, mas não foi necessário, pois

[...] Logo na seguinte manhã, acabando de levantar-se, entrou-lhe Estela na alcova, e pediu alguns minutos de atenção. Expôs-lhe a necessidade de voltar para casa; estava moça, devia ir prestar ao pai os serviços que ele precisaria de alguém e tinha o direito de exigir da filha. Não era ingratidão, acrescentava; levaria dali saudades eternas; voltaria muitas vezes; seria sempre obediente e grata. Cedia somente à necessidade de acompanhar o pai. Este pedido confirmava a suspeita de Valéria, mas só esclarecia metade da situação. A retirada de Estela era um meio de fugir a Jorge ou de lhe falar mais livremente? Valéria tratou de perscrutar o coração da moça, dizendo-lhe que a razão dada era insuficiente e que alguma causa oculta a movia; depois, recordou-lhe a amizade que lhe tinha e a confiança a que Estela não devia faltar (*Ibid.*, p. 414).

O afastamento de Estela só aprofundou o amor de Jorge. Após algum tempo, Valéria tomou conhecimento de que o filho às vezes a visitava. Orgulhosa e ciente do valor que dava às convenções sociais, estremeceu, temendo o futuro:

Valéria encarava os dous desenlaces possíveis da situação, se a moça lhe amasse o filho; ou seria a queda de Estela, que a viúva estimava muito, ou o consórcio dos dous, solução que lhe repugnava aos sentimentos, idéias e projetos. Jamais consentiria em semelhante aliança. Urgia pronto remédio (ASSIS, 2004a, p. 415).

Dessa forma, sem titubear, recorreu a todos os recursos disponíveis para dissuadir o filho do namoro com a agregada. Retomou um projeto anterior de casamento com uma parenta o qual não deu certo. Cogitou uma viagem à Europa, mas ele não aceitou. Restou-lhe enviá-lo para a guerra do Paraguai: “Não sem custo lançou mão desse meio, violento para ambos; mas, uma vez adotado, luziu-lhe mais a vantagem do que lhe negrejou o perigo” (ASSIS, 2004a, p. 415).

Para convencer o filho, solicitou a ajuda de Luís Garcia, a quem convocou para uma visita. Diante do amigo, revestiu a atitude mesquinha com roupagens de interesses nacionais. Entabulou uma conversação, falando de sua preocupação com a guerra do Paraguai, de seu receio que acabasse mal e que havia chegado a hora de um sacrifício extra da parte das mães as quais deveriam incentivar seus filhos a se alistarem. Era isso que ela vinha fazendo com o seu filho único, que, por seu lado, recusava veementemente. Conforme ela própria declara, ela o fazia em nome da pátria. Estava claro, para Luís Garcia, que aquela aparente animação e desprendimento encobriam algo mais que o dever público ou o bem do reino. Ele lembrou-lhe, então, que o filho dela poderia morrer na guerra:

Valéria empalideceu e esteve alguns minutos calada, enquanto Luís Garcia olhava para ela, a ver se lhe adivinhava o trabalho interior de reflexão, esquecendo que a idéia de um desastre possível devia ter-lhe acudido, desde muito, e se não recuara diante dela, é porque a resolução era inabalável.

– Pensei na morte, disse Valéria daí a pouco; e, na verdade, antes a obscuridade de meu filho que um desastre... Mas repeli essa idéia. A consideração superior de que lhe falei deve vencer qualquer outra (*Ibid.*, p. 400).

Mesmo ameaçada de perder o único filho, ela não fraquejou diante de suas convicções. Assim, ao oferecer um jantar em sua casa, providenciou para que os dois homens ficassem a sós. Vale ressaltar que uma de suas características era “a arte de assediar as vontades alheias.” Na ocasião, Jorge revelou a Luís Garcia as verdadeiras intenções de sua mãe: “O senhor é amigo velho de nossa casa, disse ele; posso confiar-lhe tudo. Mamãe quer mandar-me para a guerra, porque não pode impedir os movimentos do meu coração” (ASSIS, 2004a, p. 403). O jovem terminara aceitando a pressão materna e acabara de se alistar naquele mesmo dia, expondo os motivos ao amigo:

– Primeiramente, porque estava cansado de recusar. Há mês e meio que dura esta luta entre nós. Hoje, à vista das notícias do sul, falou-me com tal instância que cedi de uma vez. A segunda razão foi um sentimento mau – mas justificável. Escolho a guerra, a fim de que se alguma coisa me acontecer, ela sinta o remorso de me haver perdido (*Ibid.*, p. 404).

Mas o rapaz não revelou a história toda a Luís Garcia. Valéria, em seguida, mentiu, dizendo que o filho se apaixonara por uma mulher casada. Luís Garcia não percebeu a calúnia e aceitou ajudá-la a afastar o rapaz da cidade. Assim, 20 dias depois daquele jantar, Jorge dirigiu-se à casa do Sr. Antunes, pai de Estela, a fim de se despedir. Iria para a guerra na manhã seguinte. Quatro meses haviam se passado desde o episódio do beijo roubado. Durante esse tempo, ele a procurou na casa paterna várias vezes, contudo ela o tratou com a mesma serenidade e frieza dos outros tempos. A moça se mantinha indiferente. Naquela noite, Jorge abordou-a e disse:

– Talvez não nos vejamos mais, disse ele.
 – Por quê? Disse Estela sem levantar os olhos.
 – Posso ficar enterrado no Paraguai.
 – Sua mãe não gostaria de ouvir isso.
 Seguiram-se ainda dous minutos. Jorge pôs toda a alma nestas palavras, ditas em voz baixa e triste:

– Embarco amanhã para o sul. Não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar-me do coração. Se morrer, a senhora será o meu último pensamento; se viver, não quero outra glória que não seja a de me sentir amado. Uma e outra coisa dependem só da senhora. Diga-me; devo morrer ou viver?

Estela tinha erguido a cabeça; quando ele acabou, achava-se de pé. Fitou-o alguns instantes com uma expressão muda e fria. A vaidade da mulher podia contentar-se daquela solene reparação, e perdoar; mas o orgulho de Estela venceu, e não deu lugar a nenhum outro sentimento de justiça ou de humanidade. Um jeito irônico torceu-lhe o lábio, donde saiu esta palavra má e desdenhosa:

– O senhor é um tonto (ASSIS, 2004a, p. 416-417).

A mãe o esperava em casa. Nem uma palavra de remorso ou arrependimento ouviu dela, que preferia ver o filho morto a casado com alguém de um outro nível social. O orgulho levava aquela mãe a desejar manter o filho longe de si e de casa, de expô-lo aos piores perigos e entregá-lo ao infortúnio, ao frio, à fome, à dor e, até mesmo, à morte.

Apresentar essas situações extremas de conflito forjadas pelo orgulho, parece indicar que Machado de Assis desejou entabular um questionamento sobre a natureza dessa força cega que é a altivez. Essa é uma influência que vela a realidade, abafa os afetos mais profundos, promove a renúncia aos entes mais queridos. Parece ser sua intenção indicar que nada detém a soberba. Qualquer sacrifício é feito em seu nome, qualquer dor é menor que ela. Um sentimento que vale e sobrepuja qualquer outro, que domina uma alma, aprisiona-a, fazendo-a refém. Um traço de caráter que antes de enfraquecer o espírito lhe dá forças para empreender as mais ignóbeis tarefas, os mais nefastos atos, as atitudes mais hediondas. Ilustra sua opinião através de Valéria e Estela. Ambas haviam sido forjadas nesse orgulho insano e estavam determinadas a pagar qualquer tributo que lhes fosse imposto.

Valéria não descansava em suas determinações. Embora estivesse insatisfeita pelo fato de enviar o filho ao campo de batalha para privá-lo do amor de Estela, queria, ainda assim, retê-lo lá, não se importando com sua segurança ou com sua vida:

Isto posto, não admira que Valéria receasse a cada instante a terminação da guerra e a pronta volta do filho. Se tal coisa acontecesse, ela teria dado um golpe inútil, e o fogo podia renascer das cinzas mal apagadas. Valéria preferia as soluções radicais. Uma vez arredado o filho, viu a necessidade de aniquilar as últimas esperanças, e o mais seguro meio era casar Estela. Assim

procedendo, satisfaria também a afeição que tinha à moça, afeição que nunca lhe diminuía (*Ibid.*, p. 424).

No final de 1868, Jorge recebeu uma carta de Luís Garcia na qual este lhe participava o casamento com Estela e dizia-lhe que sua mãe fora a madrinha. Destacava-se que Valéria fora não só madrinha mas também a promotora do enlace. Dotara a jovem para o casamento, recomendara-a ao viúvo. A jovem, por seu lado, entregou-se, movida pela fúria interior da incontrolável arrogância. Em nenhum momento, pensou em se rebelar, em reagir, em declarar seu amor ao homem que entregou a própria vida em suas mãos e que ela rejeitara. O grande aliado do orgulho de Valéria era o orgulho de Estela. Tanto uma como a outra se ofereciam a um sentimento que as conduzia, deixando-as à mercê do sacrifício próprio, da dor própria e da renúncia própria. Aliás, a renúncia era a arma desse orgulho. Estela abstinha-se de qualquer bem ou gozo, privava-se de qualquer alegria ou contentamento. Suportava qualquer perda, sacrificava qualquer esperança, devastava qualquer sonho ou devaneio. Não queria nada de ninguém. Por conseguinte, qualquer gesto alheio de generosidade lhe era insuportável. Queria bastar-se a si mesma. Quando recebeu a notícia do dote, o pai exultava de alegria e ela:

Não alegrou nada. Nunca lhe pesara tanto a fatalidade da posição. Depois do episódio da Tijuca, parecia-lhe aquele favor uma espécie de perdas e danos que a mãe de Jorge liberalmente lhe pagava, uma água virtuosa que lhe lavaria os lábios dos beijos que ela forcejava por extinguir, como *lady Macbeth* a sua mancha de sangue. *Out, damned spot!* Este era o seu conceito; esta era também a sua mágoa. A altivez com que procedera desde aquela manhã de algum modo lhe levantara o orgulho, que o ato inconsiderado de Jorge havia por um instante humilhado. Mas a ação da viúva, por mais espontânea que fosse, tinha aos olhos da moça a conseqüência de fazer decorrer o benefício da mesma origem da afronta. Estela não distinguia entre os bens da mãe e do filho. Era tudo a mesma bolsa; e dali é que lhe vinha o dote (ASSIS, 2004a, p. 425-426).

Estela e Luís Garcia finalmente se entenderam. Combinaram um casamento sem arroubos nem promessas. Uniam-se de olhos abertos e coração fechado. A relação sem paixão trouxe-lhes a harmonia dos relacionamentos mornos. Viviam na casa de Luís Garcia em Santa Teresa. Iaiá e o escravo-liberto, Raimundo, completavam a família.

Após a guerra e o retorno ao Rio de Janeiro, uma grave doença de Luís Garcia reaproximou Jorge da residência do amigo e trouxe-o para o convívio com Estela e Iaiá. Procópio Dias, também antigo conhecido do doente, completava o grupo. Temendo morrer imediatamente, Luís Garcia solicitou a Jorge que protegesse e guiasse a mulher e a filha. O dote de uma serviria para ambas, mas elas ainda precisariam de apoio e o sogro já estava velho. Jorge prometeu-lhe tudo. No dia seguinte, a crise começou a passar e Luís Garcia se restabeleceu.

Durante esse período, Jorge ia à casa do enfermo uma vez por dia, até que essa visita tornou-se uma necessidade para ele. Aos poucos, uma rotina de amizade foi-se estabelecendo entre ele, Luís Garcia e Procópio Dias. Iaiá, entretanto, achava-o insuportável. Já Estela:

A NOVA ORDEM de cousas perturbou profundamente o ânimo de Estela. O procedimento de Jorge, por ocasião da moléstia do marido, não lhe pareceu esconder nenhuma intenção particular; mas durante a convalescença, e sobretudo depois dela, afigurou-se-lhe que a idéia do moço era insinuar-se na família. Para quê? Estela supunha que o amor de Jorge, ao fim de tão longo período, estaria acabado de todo, como produto da primeira estação [...] Concluiu que a paixão, vencida ou comprimida, soltava outra vez o brado da revolta; e se assim era, Jorge devia estar pior que em 1866, porque então os sentimentos rompiam com violência e sinceridade, ao passo que agora o seu principal aspecto era a dissimulação. O amor, se amor havia, trazia já os olhos abertos e dispunha da razão; de estouvado, tornava-se cauteloso e sutil. “Que idéia faz ele de mim” perguntou Estela a si mesma.

Quando esta palavra lhe soou no espírito, Estela sentiu-se diminuída e humilhada aos olhos de Jorge. Cumpria por termo a uma vida de reticências e dubiedade. Estela cogitou no meio de fazer cessar a intimidade dos dous homens; quando menos, a freqüência de Jorge naquela casa (ASSIS, 2004a, p. 445).

Estela pensou primeiro em pedir a Jorge que se afastasse dela. Depois, decidiu contar ao marido sobre o antigo romance com o rapaz. Por fim, optou pela dissimulação. Jorge, por seu lado, vira seu amor perder a paixão e transformar-se numa

idéia fixa. Duas circunstâncias perturbaram-no antes do fim daquele ano: a assiduidade das visitas de Procópio Dias e a forma hospitaleira e simpática com que era recebido pelas mulheres da casa. A segunda era a maneira hostil com que laiá o tratava.

Na manhã de Ano Bom, Luís Garcia fazia uma faxina em seus papéis no gabinete doméstico. Estela reuniu-se com ele e laiá, com os dois, um pouco mais tarde. A certa altura, Estela pegou em um envelope e supôs conhecer a letra. O marido disse que era uma carta a qual Jorge lhe escrevera ainda durante a guerra e lembrou o episódio do desditoso amor do rapaz, embora não soubesse o nome da jovem que lhe arrebatara o coração. Contou, também, que fora confidente da mãe e do filho e, ainda, que o rapaz partira para a guerra por amor. Por fim, entregou a carta a Estela para que pudesse lê-la. Esta ficou lívida, em princípio, e ruborizada, em seguida. O marido nada notou. A seguir, o narrador descreve a reação dela:

Logo depois ergueu-se e foi à janela. Ali sacudiu a cabeça com um gesto enérgico. Talvez lutavam nela forças contrárias; ou era o seu passado que emergia da sombra do tempo, com todas as cores vivas ou escuras, com as delícias ocultas e nunca reveladas, e ao mesmo tempo com as amarguras e resistências. Era isso; era o coração que mordida impaciente o freio da necessidade e do orgulho, e vinha pedir ainda uma vez o seu quinhão de vida, e pedia-o em nome daquela carta, expressão remota de um amor desenganado e impossível. Estela sufocava esses ímpetos, mas eles vinham. Após alguns minutos, deixou a janela, tornou à cadeira onde estava. Luís Garcia lia então um retalho de jornal. Não chegou a levantar os olhos.

Defronte, laiá tinha os olhos cravados na madrastra. Ouvira a princípio o nome de Jorge e não lhe prestara muita atenção; mas uma ou duas palavras soltas do pai haviam lhe despertado a curiosidade (ASSIS, 2004a, p. 452-453).

laiá acompanhava a madrastra com olhos sagazes e penetrantes. Espantada, descobriu o que se passava no íntimo de Estela e adivinhou o passado. Embora exagerasse na fantasia, acreditou num relacionamento acabado a despeito da paixão que os unia. laiá ficou atormentada com a sua descoberta.

Certo dia, após uma conversa com laiá, Estela sentia-se transtornada. Os atos do passado retornavam impiedosos:

Longe da enteada, a madrastra deu inteira expansão aos sentimentos que a combaliam. Fechou-se no gabinete do marido; depois evocou o passado, como uma força contra o presente, porque era o presente que ameaçava tragá-la. Um instante abalada pela leitura da carta de 1867, buscou recobrar a antiga quietação, mas a interferência de laiá perturbou essa obra de sinceridade. O procedimento da enteada, a súbita conversão às atenções de Jorge, toda aquela intimidade visível e recente, acordara no coração de Estela um sentimento, que nem aos orgulhosos poupa. Ciúme ou não, revolvera a cinza morna e achou lá dentro uma brasa. Suspeitou a rivalidade da outra, e não foi preciso mais para que o grito de rebelião fizesse estremecer aquela alma solitária e virgem. O pensamento perdeu a habitual placidez. O coração começou de bater com a celeridade e a violência das grandes febres.

Eram as energias latentes de um amor comprimido, mas intenso, como uma cratera que acaso fechasse uma abóbada de gelo; pior que tudo, tinha a fatalidade de um longo constrangimento, a luta de duas forças igualmente pujantes, indomáveis e cegas. O orgulho vencera uma vez; agora era o amor, que, durante os anos de jugo e compressão, criara músculos e saía a combater de novo. A vitória seria uma catástrofe, porque Estela não dispunha da arte de combinar a paixão espúria com a tranqüilidade doméstica; teria as lutas e as primeiras dissimulações; uma vez subjugada, iria direito ao mal (ASSIS, 2004a, p. 475).

Após alguns encontros, quando o amor por Jorge invadiu a alma de laiá e a tomou completamente, Estela compreendeu o que se passava entre ele e a enteada. Ela, por seu lado, vivia as conseqüências daquele traço de caráter que cultivara e que assumira o controle de sua personalidade e de sua vida:

A FRONTE de Estela não tinha a tristeza dos vencidos. O amor persistia no coração, como um mau hóspede; e o espetáculo daqueles últimos meses não fizera mais do que irritá-lo. Mas a força moral de Estela subjugou-o. A luta fora longa, violenta e cruel; a consciência do dever e o respeito de si própria acabaram vencendo. Talvez não fosse difícil perceber, por baixo da serenidade do rosto, o cansaço que deixam as grandes tempestades morais. A tempestade ninguém lha viu.

Não obstante, no dia em que a paixão dos dois lhe pareceu evidente, Estela sentiu rugir-lhe no coração um vento de cólera; vento forte e instantâneo. (ASSIS, 2004a, p. 488).

Nessa época, a doença de Luís Garcia agravou-se novamente. O médico confiou a Jorge que ele duraria uns três meses no máximo. O rapaz lamentava pelo doente e temia pela filha. Quando Estela percebeu a gravidade da situação do marido, sentiu-se angustiada:

[...] Quando se achou só consigo, deu livre campo às angústias; encarou a catástrofe e pensou nas conseqüências da morte e no incerto futuro que a aguardava dentro de poucos dias. O futuro trouxe-a ao presente, o presente levou-a ao passado. A vida só lhe dera alegrias médias e dores máximas. Não foi a paixão que a levou ao casamento, mas somente a conveniência e o raciocínio. No casamento achara os sentimentos de apreço, a mútua consideração, a brandura das relações domésticas; esse fogo, porém, cuja intensidade não dura, mas que é o férvido sol dos primeiros dias, precursor necessário da tarde repousada e da noite tranqüila, esse fogo, essa fusão de duas existências, esse ardor expansivo, condição de sua natureza moral, não os conheceu Estela. Ou o destino ou o orgulho privou-a de achar no casamento a paixão santificada (ASSIS, 2004a, p. 489).

Estela dizia que a morte do marido iria deixá-la sem família. Essa idéia levou-a a pensar em apressar o casamento de Iaiá e Jorge. Não queria nenhum outro vínculo moral com eles no futuro. Poucos dias mais tarde, Estela, a sós com Jorge e Iaiá, tomou-lhes as mãos, reuniu-as e propôs que eles se casassem em breve devido ao estado de saúde grave do pai dela. Iaiá espantou-se, mas Jorge concordou que a união entre eles poderia acontecer dentro de duas ou três semanas. Ele, entretanto, não conseguiu evitar um pensamento sobre Estela: “Aquele orgulho é ainda maior do que eu pensava” (*Ibid.*, p. 490).

O despeito de Procópio Dias levou-o a, maleficamente, planejar e executar um pérfido plano. Insinuou a Iaiá que ela era vítima de um sórdido complô da madrasta e do noivo. A moça ficou horrorizada. Enquanto isso, a agonia de Luís Garcia evoluiu

para a morte. O luto foi extremamente doloroso para a jovem. Após o enterro, instigada pela presença de Procópio Dias, mandou um bilhete para Jorge, rompendo o casamento. Este o encaminhou para Estela, juntamente com uma carta sua, pedindo explicações. Assim, mais uma vez, o passado retornava para afrontar-lhe o presente:

[...] O noivo desenganado recorria à intervenção de Estela. A primeira amada desse homem era agora a sua confidente, a quem ele escrevia sem saudade, sem remorso, talvez sem hesitação.

– Sogra! Concluiu Estela com amargura; e erguendo os olhos do papel para o espelho, que pendia da parede fronteira, contemplou caladamente as suas graças ainda em flor (ASSIS, 2004a, p. 500).

Ressalta-se que um agudo impasse se deu entre Estela e Iaiá. A jovem estava convencida do amor da madrastra pelo noivo e deixara o caminho livre à felicidade de ambos. Estela reagia com indignação. Por fim, entregou a carta que Jorge escrevera a Luís Garcia anos antes e que este lhe dera para ler naquele dia de Ano Bom. A enteada, após ler a carta, perguntou à madrastra se esta o amara muito. Aquele foi o momento da confissão de Estela, que deu o seguinte depoimento:

– Havia entre nós um fosso largo, muito largo, disse Estela. Eu era humilde e obscura, ele distinto e considerado; diferença que podia desaparecer, se a natureza me houvesse dado outro coração. Medi toda a distância que nos separava e tratei simplesmente de evitá-lo. Foi então que ele embarcou; interiormente aprovei-o. Talvez lhe não neguei um pouco de compaixão silenciosa, mas nada mais. Casamento, entre nós, era impossível, ainda que todos trabalhassem para ele; era impossível, sim, porque o consideraria uma espécie de favor, e eu tenho um grande respeito a minha própria condição. Meu pai já me achava, em pequena, uns arremessos de orgulho. Como querias tu que, com tal sentimento, pudesse desposar um homem, socialmente superior a mim? Era preciso dar-me outra índole. Todas as felicidades do casamento achei-as ao pé de teu pai. Não nos casamos por amor; foi escolha da razão, e por isso acertada. Não tínhamos ilusões; pudemos ser felizes sem desencanto. Teu pai não tinha os mesmos sentimentos que eu; era mais tímido que orgulhoso. Qualquer que fosse a razão do seu desapego ao mundo, bastava que o tivesse, para me fazer feliz; vivemos assim alguns anos de inteiro isolamento, sem conhecer o amargor, que é o que fica no fundo da vida, sem

necessidade da dissimulação... Minto; tive necessidade de fingir, desde que aquele homem aqui apareceu; era necessário. Um dia teu pai mostrou-me essa carta e referiu-me a paixão encoberta que aí se conta; podes imaginar se ouvi tranqüila. Mas fora desse acontecimento, que outro podia perturbar minha alma? Não vi nenhuma porta abrir-se-me por obséquio, nenhuma mão apertou a minha por simples condescendência. Não conheci a polidez humilhante, nem a afabilidade sem calor. Meu nome não serviu de pasto à natural curiosidade dos amigos do meu marido. Quem é ela? donde veio? Ninguém me perguntou donde vinha, não é verdade? Perguntaste-me quem era eu? Não; amaste-me como tinha amado tua mãe, e eu amei-te, como se foras minha filha. E para isto bastou-nos estender os braços; não foi preciso descer nem subir.

– Não foi, bradou laiá comovida, apertando-lhe as mãos.

– Já vês quem eu era e sou; uma espécie de animal feroz, que prefere a charneca ao jardim. Não me senti lisonjeada com a paixão que inspirei, rejeitei talvez um marido digno das ambições de qualquer mulher. Era isto o que querias saber? Pois aí tens a minha história, a história dessa carta, que já agora podemos rasgar... (ASSIS, 2004a, p. 504-505).

O diálogo entre elas aliviou as angústias que atormentavam o coração da jovem nos últimos tempos. Estela se incumbiu também de escrever a Jorge, convocando-o a comparecer ali para ultimarem os detalhes do casamento.

Iaiá temia que a antiga paixão ressurgisse novamente. Estela, então, deu-lhe para ler uma carta que acabara de receber. Era de uma antiga condiscípula que fundara um estabelecimento educacional no norte de São Paulo, aceitando o oferecimento de Estela para dirigir a instituição:

O dia do casamento foi definitivamente marcado naquela noite. Como Estela declarasse que ela própria serviria de madrinha, laiá procurou dissuadi-la cautelosamente; também ao noivo repugnou a intervenção espiritual da viúva. Mas Estela não se deu por entendida. O papel de acólita, que a si mesma distribuía, tinha-o desempenhado com lealdade e dignidade. Quis ir até o fim. Era o melhor modo de se mostrar isenta e superior. Jorge sentiu-se vexado e transportado ao mesmo tempo, ao observar a simplicidade e o desvelo que a viúva punha naquele ato. Iaiá sentia só admiração e gratidão. Tinha já certeza de que o passado era pouca cousa, e de que o futuro seria cousa nenhuma. O casamento ia separá-las, reconciliando-as (*Ibid.*, p. 507).

Estela partiu. Sobre Iaiá, o narrador afirma:

Essa achou no casamento a felicidade sem contraste. A sociedade não lhe negou carinhos e respeitos. Se antes de casar, Iaiá possuía o abecedário da elegância, depressa aprendeu a prosódia e a sintaxe; afez-se a todos os requintes da urbanidade, com a presteza de um espírito sagaz e penetrante. Nenhuma nuvem do passado veio sombrear a fronte de um ou de outro; ninguém se interpunha entre eles (*Ibid.*, p. 508).

O orgulho cultivado cobrou caro às duas mulheres que a ele se entregaram: Valéria morreu sem rever o filho; Estela jamais conheceu o amor e a paixão. Entregaram-se a um sofrimento, a uma renúncia cruel e desumana em nome de pequenas convenções. Não tiveram perdão. Embora virtuosas, dignas, generosas, esse traço de seus caracteres foi o portador de suas ruínas.

Enfim, pode-se afirmar que se trata de uma grande ironia. Todo o sacrifício de Valéria de afastar o filho de uma moça de condição social inferior foi em vão. Todo o sacrifício de Estela, que temia ser rejeitada pela sociedade, foi em vão. Ambas tomaram o destino em suas mãos conduzidas pelo orgulho, o traço mais marcante de seus caracteres. Este impôs-se, alterando a vida de muitos que viviam ao redor. Jorge, fraco e pusilânime, fraquejou e perdeu a luta contra as duas mulheres. Iaiá, forte, destemida e determinada, manipulou as circunstâncias em seu benefício, saindo.

6 A VOLÚPIA DA DOR: *HELENA*

O romance **Helena** apareceu, primeiramente, em forma de 35 folhetins no jornal **O Globo**, durante os meses de agosto e setembro de 1876. Segundo Machado (2003, p. 107): “No dia 29 de abril de 1876, o autor e o editor B.L. Garnier assinaram contrato para a publicação da obra em livro, constando o título de **Helena do Vale**. A primeira edição, impressa na tipografia de *O Globo*, chegou às livrarias em outubro de 1876.” Em alguma das edições posteriores, Machado de Assis acrescentou um comentário, no qual registrou o seu apreço pela obra: “Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado” (ASSIS, 2004a, p. 272).

A crítica recebeu o livro com ovações ao estilo, ao entrecho e à moralidade contida na trama. Helena era a encarnação da retidão, recato, encantamento e singeleza. Em texto sem assinatura, publicado em 19 de outubro de 1876, em **A Reforma**, do Rio de Janeiro, um comentarista exalta a importância de Machado de Assis para as letras brasileiras e para a afirmação da novela nacional.

A. C. Almeida (2003, p. 109), no jornal **Pindamonhangabense**, em 19 de novembro de 1876, teceu comentários mais extensos sobre o autor de **Helena** e de sua obra. Ao tratar do estilo de Machado de Assis, tece comentários sobre suas personagens:

Aqueles toques ligeiros, mas firmes, que Feuillet dá aos vultos femininos, não já abrindo-lhes a curva graciosa do seio, mas banhando-lhes o rosto em ondas de púrpura, dá-os também o romancista brasileiro com a mesma elegância e delicadeza de colorido. Se é melancólico o vulto, como o pincel, correndo à superfície, lhe projeta nos olhos as sombras da saudade, lhe inunda as faces de choro, lhe desfolha dos lábios um sorriso amargo, e no sorriso põe-lhe um poema de angústias!

Uma prova do que deixamos dito é o tipo de Helena. Helena não é um instrumento ou um autômato da imaginação de Machado: Helena é uma mulher. Representa a dedicação e o dever. É um vulto de todo o sempre.

Os traços melancólicos da heroína da trama não passaram despercebidos da crítica contemporânea ao lançamento do livro. Seus autores só não perceberam o

prazer que pode ser obtido pelo sofrimento e que, tudo indica, intrigava tanto Machado de Assis a ponto de fazê-lo empunhar a pena e estudar o tema em forma de ficção.

6.1 A VOLÚPIA DA DOR

No dia do casamento de Luís Alves e Guiomar, em **A mão e a luva**, enquanto a casa da baronesa cintilava de luzes e ecoavam as vozes dos convivas, do lado do mar, junto aos curiosos que acompanhavam, a distância, o luxo alegre dos privilegiados, o vulto de um homem sentado observava a cena: era Estêvão, sobre o qual o narrador afirma:

[...] A alma de Estêvão sentiu uma necessidade cruel e singular, o gosto de revolver o ferro na ferida, uma cousa a que chamaremos – voluptuosidade da dor, em falta de melhor denominação. E foi para ali, contemplar com os indiferentes e ociosos aquela casa onde reinava o gozo e a vida, e naquela hora que lhe afundava o passado e o futuro de que vivera. Não o retinha a constância do estóico; pela face emagrecida e pálida lhe corriam as lágrimas derradeiras, e o coração, colhendo as forças que lhe restavam, batia-lhe forte na arca do peito (ASSIS, 2004a, p. 269).

Como seu amor fora rejeitado por Guiomar, Estêvão havia planejado suicidar, a fim de encher os nubentes de remorso. Mas era, antes de tudo, um fraco, um homem vencido. Retornou, mais tarde, à sua casa e ninguém jamais soube qualquer notícia sobre ele.

Essa “voluptuosidade pela dor” que caracteriza a personalidade de Estêvão é retomada por Machado de Assis no presente romance. Quatro das personagens dessa história apresentam-se portadoras de um traço de caráter marcadamente melancólico, manifestando um apego à dor e ao padecimento. Todas trazem uma certa apatia, uma indisposição para a luta e uma passividade diante do sofrimento psicológico. Entretanto, o termo “voluptuosidade”, usado pelo autor, revela o grande prazer que essas personalidades retiram de seu sofrimento. Percebe-se, nessas figuras narrativas, um certo deleite, a entrega a uma amargura lenta e constante que irrompe em meio às alegrias que poderiam ser fruídas dos momentos amenos da vida.

O traço depressivo aparecerá em Estácio; em sua falecida mãe; em Salvador, o pai de Helena, e na heroína da história, cujo caráter é melhor desenvolvido sob esse aspecto.

6.2 A MELANCOLIA

Exuberantes, persistentes, intrigantes, as doenças mentais, por seu caráter evidente e sua exposição pública, jamais puderam ser ignoradas. Ao contrário, sempre impuseram sua indesejável presença, suscitando o medo e o deboche, o respeito ou a comiseração. Convocavam ora a fé ora a ciência a decifrarem a merencória charada que encarnavam. Assim, de Babilônia a Tebas, de Meca a Atenas, dos mosteiros da Europa aos hospícios da América, em todas as épocas, essas estranhas presenças promoveram o desconsolo e a curiosidade. Ritos estranhos foram-lhes oferecidos, ervas diversas maceradas em cadinhos de pedra ou cobre, encantamentos sussurrados nas florestas, tratados escritos em papiro e argila. Mas o mistério perseverava.

Na atualidade, ainda objeto de controvérsias e debates, as doenças mentais mantêm certa incógnita tão fresca quanto naquele primeiro instante em que adentraram no palco da vida e tomaram o papel de protagonistas. Dentre elas, uma sempre mereceu especial consideração pela ameaça que oferecia: a melancolia, com o seu manto negro e sorriso deletério. Quem a conhece sabe o perigo que representa. Nessa afecção, tão dolorosamente reconhecida, há um desinteresse apático pela vida, uma deserção passiva da paixão, um estranhamento maléfico do corpo, um namoro viciado com a morte, em que a melancolia toma acento, cessa a música, desbotam-se as cores, perdem-se os gostos e uma opaca sombra acinzentada a tudo envolve.

Contemporânea do alvorecer da civilização, foi batizada e descrita apenas quando o mármore reluziu no chão da Hélade, enquanto Fídias decorava o Partenon, o jovem Sócrates preparava-se para a sua missão imortal e Péricles conduzia a Liga das Cidades contra o inimigo persa, o que levou Atenas ao apogeu do mundo antigo. Corria o século V a.C., momento mágico e único na história do homem, quando tantas

genialidades se reuniram no solo grego. Inspiradas pelo mesmo mistério renovador, promoveram um milagre inaudito.

Em Cós – ilha onde nasceu – ou como itinerante pelas cidades da Grécia Continental, Hipócrates (2002) estabelecia, então, as bases de uma nova forma de se abordar os doentes e as doenças. Desconsiderando a milenar tradição das possessões demoníacas, pecados contra a divindade ou devaneios religiosos sobre o funcionamento do corpo, voltava-se para o homem com os olhos perscrutadores que viam, além da magia, a própria natureza. Aplicava a razão no conhecimento do paciente, ao qual velava à cabeceira, atento e determinado em sua tarefa. Ele e seus discípulos apoiavam-se apenas na observação dos fatos para interpretar e compreender. Descrevia, assim, doenças e terapêuticas. Vale lembrar que seu nome virou sinônimo da ação de curar. Foi tão ilustre que, séculos mais tarde, os sábios de Alexandria reuniram todo o saber médico do tempo sob o seu nome.

Por volta do século IV d.C., no *Museo*, ou Biblioteca, em Alexandria, os tratados teóricos de um outro grupo de médicos leigos, da cidade de Cnido, nas costas da Ásia Menor, foram reunidos àqueles já consagrados a Hipócrates e transformados numa só coleção de escritos sob a chancela do prático de Cós.

Seguindo as referências do grego Galeno (século II d.C.), que se tornou a maior autoridade médica do Império Romano, os estudiosos descobriram no *Corpus Hipocraticum* a presença de duas escolas de medicina antagônicas, a hipocrática propriamente dita e a cnidiana. A primeira enfatiza a observação, o conhecimento do paciente e uma terapêutica voltada para os hábitos pessoais do doente. A Escola de Cnidos desenvolvera a Teoria Humoral. Segundo esta, a saúde do corpo humano era o resultado do equilíbrio de quatro humores: sangue, fleuma, bÍlis e água. O sangue concentrava-se no coração; a fleuma, no cérebro; a bÍlis amarela, no fÍgado e a bÍlis negra, no baço. Se qualquer doença era resultante do desequilÍbrio desses quatro humores, a terapêutica era o restabelecimento do equilíbrio com o emprego de drogas ou procedimentos que provocassem reações opostas ao elemento desequilibrado, tais como banhos, higiene, dieta, sangria e purgativos.

Cumprе ressaltar que esses quatro humores seriam responsáveis também pelas emoções humanas. O *Corpus Hipocraticum* apresenta uma espécie de primeira Teoria

que, mais tarde, recebeu o nome de Personalidade. Cada pessoa teria o seu caráter definido a partir da presença excessiva, ou dominante, de algum desses humores. Os indivíduos seriam, então: coléricos, fleumáticos, sangüíneos e melancólicos. Sobre essa Teoria, Cordás (2002, p. 20) afirma:

As doenças mentais parecem ter sido um dos seus maiores interesses, ao formular a primeira classificação nomeando a melancolia, a mania e a paranóia. Sua descrição do quadro clínico da melancolia é clássica “aversão à comida, falta de ânimo, insônia, irritabilidade e inquietação...”, “se o medo ou a tristeza duram muito tempo, tal estado é próprio da melancolia.”

O termo melancolia (*melan*, negro, e *cholis*, bÍlis) citado anteriormente, baseia-se na teoria dos quatro humores propondo uma “intoxicação” do cérebro pela bile negra.

Nos séculos seguintes, esse precioso cabedal de práticas médicas passou a ser a principal referência para aqueles que praticavam essa arte. Sua influência durou muito mais que a existência da famosa Biblioteca de Alexandria. Até a metade do século XIX, mais de dois mil anos depois, o pensamento encontrado na *Coleção hipocrática* ainda conduzia os médicos no exercício de sua profissão.

É provável que esta tivesse sido uma companheira bissexta do autor de **Helena** e tenha feito alguma indagação que lhe impôs a reflexão que leva a cabo no romance em questão. Alguns de seus biógrafos, Viana Filho (1989) e Piza (2006), registram que uma tendência melancólica rondava-o insistente. Talvez ele quisesse, especialmente nessa história, compreender essa mão invisível que aperta o peito e a garganta, encobre o sol e derrama os olhos.

6.3 ESTUDO DA OBRA **HELENA**

No romance **Helena**, Machado de Assis parece disposto a discutir a temática do que ele chama de a “voluptuosidade da dor.” Ele já começara a descrever esse traço de caráter em **A mão e a luva**, por meio da personagem Estêvão. É importante lembrar que o autor, em suas obras, apresentava o tema que pretendia discutir, fragmentado-o em diversas personagens da história – esse era um traço comum em

seus romances. Na obra em questão, várias de suas figuras narrativas apresentam um caráter melancólico, de forma que ele pôde apresentar diferentes aspectos do argumento que desejava destacar. Com relação às figuras dramáticas, o autor parece querer dizer que, se os fatos da vida podem ser contornados ou superados, as personagens não conseguem jamais se livrar do próprio caráter, uma vez que, pelo contrário, são vítimas deste.

Nessa história, as personalidades são austeras e primam pela sobriedade. D. Úrsula, Padre Melchior, Estácio, Helena, Salvador, todas são personagens sombrias, sem maiores rasgos de alegria duradoura ou sem a exuberância dos caracteres felizes. A presença do padre, confessor das mulheres e orientador espiritual dos homens, íntimo e constante na casa a ponto de conduzir as questões mais importantes da família, marca uma aura de santidade, pecado e punição, criando um clima de comedimento e obediência aos princípios religiosos, numa atmosfera lúgubre e clerical. Preocupado com a perdição e a salvação da alma, o religioso assinala a presença permanente e inabalável da morte. Ele é o responsável pela observância da moralidade e o condutor da trama.

O romance se inicia em 1859, após a morte do Conselheiro Vale, de apoplexia fulminante, às 19 horas do dia 25 de abril. O defunto, além de bem colocado na vida, bem relacionado e bem nascido, fora um homem exemplar ao desempenhar suas funções públicas com habilidade e decoro. Após o enterro, seu filho, Estácio, e D. Úrsula, sua irmã, reuniram-se no gabinete do defunto. Nesse momento, o narrador comenta o fato de a família estar reunida no escritório do morto: “Também a dor tem suas volúpias: tia e sobrinho queriam nutri-la com a presença dos objetos pessoais do morto no lugar de suas predileções cotidianas” (ASSIS, 2004a, p. 273). Essa primeira

O testamento do finado trouxe notícia de Helena, filha do Conselheiro com uma amante. A jovem estava interna em um colégio em Botafogo. O morto reconhecia-a oficialmente, fazendo dela sua herdeira e impondo que a família a recebesse sob aquele teto.

Estácio, um rapaz de 27 anos, formado em matemáticas, era o depositário da esperança do pai que queria vê-lo político e diplomata, embora o moço não mostrasse nenhum ânimo para atuar em grandes empresas. O caráter de Estácio vinha mais da

mãe do que do pai, cuja única paixão genuína na vida fora as mulheres e as aventuras amorosas. A fidelidade que tinha aos amigos era fruto do costume, nada tinha a ver com afetos sinceros. A vida sem contratempos poupou-o de demonstrar a têmpera mediana que o caracterizava.

A mãe de Estácio, por seu lado, era o oposto do marido. Mulher apaixonada e terna, cultivava sentimentos elevados. Embora o autor não explicita, ela era possuidora de um caráter dado à contenção do sofrimento em seu próprio peito, nunca dando vazão às frustrações ou às penúrias que lhe atormentavam a alma:

[...] Vinculada a um homem que, sem embargo do afeto que lhe tinha, despendia o coração em amores adventícios e passageiros, teve a força de vontade necessária para dominar a paixão e encerrar em si mesma todo o ressentimento. As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. Ao mesmo tempo, como a ternura era elemento essencial da sua organização, concentrou-a toda naquele único filho, em quem parecia adivinhar o herdeiro de suas robustas qualidades (ASSIS, 2004a, p. 279-280).

Pode-se, pois, presumir que esta senhora de comportamento severo e retraído também era uma mulher dada a suportar, ou mesmo sustentar, os movimentos mais lancinantes do espírito. Ela padecia, contudo mantinha a altivez e o silêncio. Quem melhor a conheceu foi o padre Melchior, capelão que freqüentava a casa do Conselheiro e íntimo da família desde a época das bodas:

[...] Descobriu a causa da tristeza que minou os últimos anos da mãe de Estácio; respeitou a tristeza, mas atacou diretamente a origem. O conselheiro era homem geralmente razoável, salvo nas cousas do amor; ouviu o padre, prometeu o que este lhe exigia, mas foi promessa feita na areia; o primeiro vento do coração apagou a escritura (ASSIS, 2004a, p. 287).

O caráter melancólico dessa mulher é evidente e, como relata o narrador, viveu seus últimos anos imersa em profunda tristeza. Coexistiam nela uma dor muda, um travo amargo na garganta, uma impotência disfarçada de altivez. Instituiu à sua volta o ambiente austero de resguardo religioso e impôs na casa um clima de amena desolação.

Tempos mais tarde, após revelar a Estácio o amor supostamente incestuoso que este sentia por Helena, enquanto deixava a chácara, o padre Melchior refletia sobre a sina da casa do Conselheiro Vale:

[...] Melchior, em sua imaginação, refloria o passado, nem sempre feliz, mas geralmente quieto. Mais de uma vez buscara dissipar a sombra pesarosa que alguns erros do conselheiro acumularam na fronte da consorte. Haveria naquela casa uma geração de dores, destinadas a abater o orgulho da riqueza com o irremediável espetáculo da debilidade humana?

“Não, dizia ele consigo mesmo. A verdade é que tudo se encadeia e desenvolve logicamente. Jesus o disse: não se colhem figos dos abrolhos. A vida sensual do marido produziu o infortúnio calado e profundo daquela senhora, que se foi em pleno meio-dia; o fruto há de ser tão amargo como a árvore; tem o sabor travado de remorsos” (ASSIS, 2004a, p. 367).

Assim, qualquer que fosse a causa, aquela mulher sofria. O fruto amargo a que o sacerdote se refere é Helena. A jovem era a portadora de dores e desencanto para aquele lar. Era a lembrança da vida dupla que o conselheiro mantinha fora de seu lar.

Estácio, por sua vez, havia recebido grande influência da mãe. O traço depressivo de seu caráter é revelado por suas características pessoais. Não era muito talentoso, entretanto, mostrava-se um apaixonado e assim distinguiu-se entre os colegas de estudo. Preferia a ciência, já que a política o aborrecia. A educação que recebera era recatada e severa. Recluso à vida doméstica, não conheceu, durante a juventude, as seduções mundanas. Enfim, ele era a antítese do pai. Enquanto este se dedicava a uma vida de prazeres libidinosos, aquele era casto e pudico. Como tinha a marca melancólica da mãe, era dado ao recolhimento, enquanto o pai à expansão. Sobre o rapaz, o narrador afirma:

[...] Educado à maneira antiga e com severidade e recato, passou da adolescência à juventude sem conhecer as corrupções de espírito nem as influências deletérias da ociosidade; viveu a vida de família, na idade em que outros, seus companheiros, viviam a das ruas e perdiam em cousas ínfimas a virgindade das primeiras sensações. Daí veio que, aos dezoito anos, conservava ele tal ou qual timidez infantil, que só tarde perdeu de todo. Mas, se perdeu a timidez, ficara-lhe certa gravidade não incompatível com os verdes anos e muito própria de organizações como a dele. Na política seria talvez meio caminho andado para subir aos cargos públicos; na sociedade, fazia que lhe tivessem respeito, o que o levantava a seus próprios olhos. Convém dizer que não era essa gravidade aquela cousa enfadonha, pesada e chata, que os moralistas asseveram ser quase sempre um sintoma de espírito chocho; era uma gravidade jovial e familiar, igualmente distante da frivolidade e do tédio,

uma compostura do corpo e do espírito, temperada pelo viço dos sentimentos e pela graça das maneiras, como um tronco rijo e reto adornado de folhagens e flores. Juntava às outras qualidades morais uma sensibilidade, não feminil e doentia, mas sóbria e forte; áspero consigo, sabia ser terno e mavioso com os outros.

Tal era o filho do conselheiro; e se alguma cousa há ainda que acrescentar, é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que nascera. Elegante e polido, obedecia à lei do decoro pessoal, ainda nas menores partes dela. Ninguém entrava mais corretamente numa sala; ninguém saía mais oportunamente. Ignorava a ciência das nugas, mas conhecia o segredo de tecer um cumprimento (ASSIS, 2004a, p. 280).

Vale lembrar que, quando foi proposta a carreira política a Estácio, ele, de início, recusou. Classificava-se como um homem obscuro historicamente e sem grandes ambições. O narrador, poeticamente, faz referência aos anseios de Estácio:

Estácio riu também. Depois falou ao médico da sua índole e ambições. Não negava que tivesse ambições; mas nem só as havia políticas, nem todas eram da mesma estatura. Os espíritos, disse ele, nascem condores ou andorinhas, ou ainda outras espécies intermediárias. A uns é necessário o horizonte vasto, a elevada montanha, de cujo cimo batem as asas e sobem a encarar o sol; outros contemplam-se com algumas longas braças de espaço e um telhado em que vão esconder o ninho. Estes eram os obscuros, e, na opinião dele, os mais felizes. Não seduzem as vistas, não subjugam os homens, não os menciona a história em suas páginas luminosas ou sombrias; o vão do telhado em que abrigaram a prole, a árvore em que pousaram, são as testemunhas únicas e passageiras da felicidade de alguns dias. Quando a morte os colhe, vão eles pousar no regaço comum da eternidade, onde dormem o mesmo perpétuo sono, tanto o capitão que subiu ao sumo estado por uma escada de mortos, como o cabreiro que o viu passar uma vez e o esqueceu duas horas depois. Suas ambições não eram tão ínfimas como seriam as do cabreiro; eram as do proprietário do campo que o capitão atravessasse. Um bom pecúlio, a família, alguns livros e amigos, – não iam além seus mais arrojados sonhos (ASSIS, 2004a, p. 302).

Observa-se que a personalidade de Estácio tinha sempre uma tonalidade apática. Como sua mãe, exibia uma propensão aos sentimentos depressivos e uma falta de vitalidade para encarar os desafios da vida. Em tempo algum, seria um condor, ou voaria alto, nem teria nunca essa ambição, afinal, para ele, a morte, com sua presença etérea, iguala todos os homens.

O caráter fraco e o tônus depressivo de sua personalidade faziam de Estácio um jovem cordato e pacato. Por insistência da irmã, decidiu pedir a mão de Eugênia em

casamento, embora seus sentimentos mais genuínos pela moça hesitassem entre a tibieza e o fervor, ressaltando-se que nada tinham de paixão amorosa.

Evidencia-se, todas as vezes que Estácio se dispusera a pedi-la em casamento, algo no caráter volúvel da moça o impedira. Numa se suas tentativas para oficializar o noivado, seus planos malograram diante da banalidade da jovem. Os dois se desentenderam e, quando Estácio se dirigia para casa, o seu caráter dado ao sofrimento padecia de remorsos:

O efeito foi agro e doce para Estácio. Estimando ver dissipada a cólera, dói-lhe que a causa fosse, não a própria virtude do amor, mas um motivo comparativamente fútil. A resolução de a consultar sobre o pedido de casamento esvaiu-se-lhe como de outras vezes. Saiu dali à noite, antes do chá, aborrecido e azedo. Esse estado não durou muito; dez minutos depois de deixar a casa de Camargo, sentiu alguma coisa semelhante à dentada de um remorso. O amor de Estácio tinha a particularidade de crescer e afirmar-se na ausência e diminuir logo que estava ao pé da moça. De longe, via-a através da névoa luminosa da imaginação; ao pé era difícil que Eugênia conservasse os dotes que ele lhe emprestava. Daí, um dissentimento provável e um remorso certo. Agora que a deixava, ia ele irritado contra si mesmo; achava-se ridículo e cruel; chegava a adorar toda a graciosa futilidade de Eugênia; concedia alguma coisa à idade, à educação, aos costumes, à ignorância da vida (ASSIS, 2004a, p. 291-292).

A personagem Helena surge na novela, vivendo uma situação extremamente delicada. Foi atirada em um ambiente hostil, representado pela tia, de dureza e reserva inquebrantáveis, e sustentada ali por uma mentira conservada pelo silêncio. Sua firmeza e empenho em agradar e cativar são comoventes. Ela buscava forças para se manter alegre e jovial. No primeiro encontro com Estácio, este descreve a irmã do seguinte modo:

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, naturalmente efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa

reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno (ASSIS, 2004a, p. 283).

Helena tinha os predicados próprios para capturar a confiança e as afeições da família. Era dócil, afável e inteligente. Mas o que a tornava de fato superior e lhe dava a probabilidade de triunfo era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e às peculiaridades dos espíritos. Versátil em suas habilidades, tanto se desembaraçava na leitura dos livros quanto na arte dos alfinetes ou dos arranjos da casa: “frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade” (ASSIS, 2004a, p. 286). Mas suas qualidades não paravam por aí, pois

[...] Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados, e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, – não humilde, mas digna – conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis (Ibid).

Importa lembrar que o ingrediente de amor e morte é trazido à cena, inicialmente, pela citação de duas obras literárias de infeliz desfecho. Quando Helena contou ao irmão que vasculhara a sua estante em busca de um livro, este perguntou-lhe se seria **Paulo e Virgínia**. Ela respondeu que encontrara **Manon Lescault**. Estácio fez uma exclamação de reprovação e disse que aquele não era livro para moças solteiras. Helena retrucou e, quando percebeu do que se tratava, deixou-o de lado.

Nessa passagem, embora o narrador, possivelmente, pretendesse realçar a pudicícia da jovem, na verdade, o que surgem são duas trágicas histórias de amor. Paulo e Virgínia morrem apaixonados e **Manon Lescault** conta a saga da jovem sibirita que, após ser presa e confinada na Salpêtrière, em Paris, é deportada para a América e morre em campos estrangeiros para desespero de seu amado, o cavaleiro de Grioux. Seria já uma alusão ao desfecho da trama ou apenas uma reflexão moral do autor? A atmosfera das duas novelas citadas recriam um clima de amor e morte, tal qual a história de Helena e Estácio

Helena, embora se apresentasse alegre e cheia de vida, tinha um caráter predisposto à depressão. Durante um passeio a cavalo, confessou a Estácio que se calara sobre as suas habilidades de amazona para que, ao ensiná-la, ele o fizesse com dedicação. Estácio perguntou-lhe se já lhe haviam negado algo em sua casa. Helena ficou séria e, em seguida:

[...] As pálpebras caíram-lhe e um véu de tristeza lhe apagou o rosto. Estácio arrependeu-se do que dissera. Compreendeu a irmã: viu que, por mais inocentes que suas palavras fossem, podiam ser tomadas à má parte, em tal caso, o menos que se lhe podia argüir era a descortesia. Estácio timbrava em ser o mais polido dos homens. Inclinou-se para ela e rompeu o silêncio.

- Você ficou triste, disse Estácio, mas eu desculpo-a.
- Desculpa-me? Perguntou a moça erguendo para o irmão os belos olhos úmidos (ASSIS, 2004a, p. 296).

Nesse momento, o autor delinea rapidamente os caracteres de Estácio e Helena, ambos inclinados ao cultivo da dor e do sofrimento. Estácio era dado aos remorsos, emoção que o perseguiu ao deixar a casa da namorada. Novamente, em companhia da irmã, revive o mesmo sentimento. Helena, por seu lado, é dada à melancolia e não evita nenhuma oportunidade de padecimento. Pelo contrário, cultivava-a. Parecia dar asas também aos pensamentos mórbidos, como os de sua morte, por exemplo.

Nesse primeiro passeio a cavalo, no qual houve um momento de comoção entre eles, após alguns instantes, a conversa recobrou a alegria habitual. A crise de melancolia passara. Uma certa morbidez, entretanto, persistiu, quando o tema da morte, que já aparecera antes em relação aos romances de **Paulo e Virgínia** e **Manon Lescault**, veio à baila novamente no momento em que a jovem quis galopar seu cavalo. O irmão proibiu-a de fazê-lo e disse-lhe que eles eram os responsáveis não só por sua felicidade como também por sua vida. Após alguma reflexão, Helena disse:

- Quer dizer, perguntou ela, que se eu fosse vítima de um desastre, não faltaria quem o imputasse à minha família?

- Justo.

- Singular gente! Não há de ser tanto assim... Pois se eu me lembrasse – é uma suposição – se eu me lembrasse de deixar a vida, por aborrecimento ou capricho, seria você acusado de me haver propinado o veneno? Não há melhor modo de me fazer evitar a morte.

- Deixemos conversas lúgubres e voltemos para casa, interrompeu Estácio (ASSIS, 2004a, p. 297).

-

Ainda, durante esse passeio, Helena comentou com o irmão:

- Peço-lhe que me comunique todas as más impressões que tiver a meu respeito. Explicarei umas, procurarei desvanecer-lhe outras, emendando-me. Sobretudo, peço-lhe que escreva em seu espírito esta verdade: é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão (ASSIS, 2004a., p. 299).

Pode-se, pois, perceber, com bastante clareza, a auto-comiseração da jovem, na mesma linha de seus sentimentos melancólicos e pensamentos mórbidos de morte.

Certa manhã, Estácio descobriu que Helena havia saído para cavalgar em companhia do escravo Vicente. Aquela notícia não o agradou nada e o clima doméstico ficou pesado:

Aquele dia foi o de maior tristeza para a moça. Estácio passou quase todo o tempo no gabinete; nas poucas ocasiões em que se encontraram, ele só falou por monossílabos, às vezes, por gestos. De tarde, acabado o jantar, Estácio desceu à chácara. Já não era só o passeio de Helena que o mortificava; ao passeio, juntava-se a carta. Teria razão a tia em suas primeiras repugnâncias? (*Ibid.*, p. 311-312).

Estavam todos, naquela chácara do Andaraí, propensos à tristeza e ao recolhimento. Faltavam visitas de jovens, passeios à cidade, compras na Rua do Ouvidor, idas ao teatro. Não havia ali o burburinho da juventude, a agitação da mocidade, a algazarra de amigos. Era tudo sóbrio e comportado, indiferente, indolente.

Na festa de aniversário de Estácio, o Dr. Camargo achou Helena, forçando-a a influenciar o irmão a pedir Eugênia em casamento. Ameaçou contar a todos os seus encontros furtivos com um de homem “– Dizia que muito se devia esperar da dedicação de uma moça, que acha meio de visitar às seis horas da manhã uma casa velha e pobre, não tão pobre que não adorne garridamente uma flâmula azul” (ASSIS, 2004a, p. 322). Ele não sabia que aquele homem a quem visitava era Salvador, o pai dela.

Helena ficou transtornada, lívida, colérica, mas disfarçou. Mais tarde, recolhida em seu quarto, ela pôde dar vazão a seu desespero. Chorava e soluçava convulsivamente. Esse era o outro lado de sua personalidade que aflorava:

A beleza dolorida é dos mais patéticos espetáculos que a natureza e a fortuna podem oferecer à contemplação do homem. Helena torcia-se no leito como se todos os ventos do infortúnio se houvessem desencadeado sobre ela. Em vão tentava abafar os soluços, cravando os dentes no travesseiro. Gemia, intercortava o pranto com exclamações soltas, enrolava no pescoço os cabelos deslaçados pela violência da aflição, buscando na morte o mais pronto dos remédios. Colérica, rompeu com as mãos o corpinho do vestido; e o jovem seio, livre de sua casta prisão, pôde à larga desafogar-se dos suspiros que o enchiam. Chorou muito; chorou todas as lágrimas poupadas durante aqueles

meses plácidos e felizes, leite da alma com que fez calar a pouco e pouco os vagidos de sua dor.

Calar somente, não adormecê-la, porque ela aí lhe ficou, companheira daquela noite cruel, para velarem ambas. Quando os olhos cansaram, e foram mais intervalados os soluços, Helena jazeu imóvel no leito, com o rosto sobre o travesseiro, fugindo com a vista à realidade exterior. Uma hora esteve assim, muda, prostrada, quase morta, uma hora longa, longa, longa, como só as tem o relógio da aflição e da esperança (ASSIS, 2004a, p. 322-323).

Pode-se afirmar que não há, em nenhum dos romances de Machado de Assis, uma cena de desespero como essa. De fato, a dor parece ser a sina de Helena. Não apenas a dor causada pelas agruras da vida, mas também a dor cultivada interiormente.

Na seqüência da cena, Helena levantou-se e pôs-se a escrever uma carta:

A carta era longa, escrita a golfadas, sem nexos nem ordem; continha muitas queixas e imprecações, ternura expansiva de mistura com um desespero profundo; falava daqueles que, tendo nascido sob a influência de má estrela, só têm felicidades intermitentes e mutáveis; dizia que para ela própria felicidade era um gérmen de morte e dissolução, – idéia que repetia três vezes, como se tal observação fosse o transunto de suas experiências certas. A carta falava também de um homem, cujo egoísmo de pai não conhecia limites, e que a todo o transe queria que a filha desposasse uma grande riqueza e uma grande posição, – “homem, dizia ela, que me vem a princípio com olhos avessos, pela diminuição que eu trazia à herança.” No fim dizia que havia naquelas linhas muito de obscuro e incompleto, que oportunamente contaria tudo, mas que desde já podia dar a triste notícia que lhe era forçoso abster-se de sair (ASSIS, 2004a, p. 323).

A protagonista não pensou em vinganças, calúnias, intrigas, nada de ignominioso, baixo ou violento. Não planejou nenhuma ação contra o Dr. Camargo nem nutriu nenhuma ira por sua filha. Ela era toda sua dor. Entregava-se a esta, chafurdava no sofrimento e cultivava idéias doentias de morte como a única saída para o seu infinito sofrer. Como Estêvão, de **A mão e a luva**, Helena havia nascido sob a influência de “má estrela” que era a causa de sua ruína e indício de um caminho obscuro e árido.

Assim, a partir desse acontecimento, a moça mostrou-se abatida e tristonha. Pensou em aceitar a proposta de casamento que Mendonça lhe fazia. Em conversa com o padre, disse que não o amava, contudo acreditava que o amor viria com o tempo. Estava disposta a se entregar a uma união de conveniência para fugir ao amor que sentia pelo pretense irmão. Estácio tentou, em vão, dissuadi-la dessa idéia. Helena

declarou, firme, que viria a se apaixonar por Mendonça. Na seqüência desses acontecimentos, Estácio descobriu a ligação de Helena com Salvador. Ainda não sabia que ele era pai dela e ficou transtornado, pensando o pior da irmã. Entretanto, quando conheceu Salvador, durante uma visita, este se mostrou altivo e honrado, resignado de sua pobreza e um tanto melancólico com o passado que não revelou. Ao sair dali, Estácio meditava sobre aquele homem:

[...] O homem com quem acabava de conversar, parecia-lhe sincero; a pobreza era autêntica, sensível a nota de melancolia que, por vezes, lhe afrouxava a palavra. Mas, onde cessava ali a realidade e começava a aparência? Vinha de tratar com um infeliz ou um hipócrita? Estácio rememorou todos os incidentes da manhã, e todas as palavras do desconhecido; eram outros tantos pontos de interrogação suspeitos e irrespondíveis. Repelia com horror a idéia do mal: custava-lhe a aceitar a idéia do bem; e a pior das angústias, – a dúvida, – continha-o todo e agitava-o em suas mãos felinas (ASSIS, 2004a, p. 323).

Quando Estácio revelou à Helena que sabia que ela ia, furtivamente, ver um homem que lhe era estranho, a moça tornou-se lívida e abalada, deixando, bruscamente o gabinete onde se encontravam. Estácio teve uma crise de choro convulsivo e foi assim que D. Úrsula o encontrou. A senhora pediu-lhe esclarecimentos dos fatos recentes. O sobrinho, refazendo-se, disse-lhe que precisaria, antes, desvendar um enigma e que, no dia seguinte, contar-lhe-ia tudo.

D. Úrsula procurou Helena que, carinhosamente, disse à tia que ela saberia tudo mais tarde e fechou-se em silêncio. Ao anoitecer, Estácio e a tia dissimulavam que jantavam e, em seguida, mandaram chamar o padre Melchior. Na reunião, Estácio relatou o que se passara. D. Úrsula se recusava a acreditar que a sobrinha praticara algo sórdido. O rapaz, terrivelmente abalado, não sabia o que fazer. Ao final, Melchior aconselhou que todos tivessem muita cautela ao tratar o assunto, acrescentando que, se houvesse algo errado, restava o perdão e o esquecimento. Solicitou que D. Úrsula se retirasse e ficou a sós com Estácio. Ao ouvir dele que acreditava em Deus, o padre afirmou:

– Pois bem, tu transgrediste a lei divina, como a lei humana, sem o saber. Teu coração é um grande inconsciente; agita-se, murmura, rebela-se, vaga à feição de um instinto mal expresso e mal compreendido. O mal persegue-te, tenta-te, envolve-te em seus liames dourados e ocultos; tu não o sentes, não o vês; terás horror de ti mesmo, quando deres com ele de rosto. Deus que te lê,

sabe perfeitamente que entre teu coração e tua consciência há como um véu espesso que os separa, que impede esse acordo gerador do delito (ASSIS, 2004a, p. 363).

Estácio, meio surpreso, pediu esclarecimentos sobre as palavras proferidas pelo padre, que continuou sua exposição:

– Ouve, continuou o padre, sentando-se. A planta ruim bracejou um ramo para o coração virgem e casto de Helena, e o mesmo sentimento os ligou em seus fios invisíveis. Nem tu o vias, nem ela; mas eu vi, eu fui o triste espectador dessa violenta e miserável situação. São irmãos e amam-se. A poesia trágica pode fazer do assunto uma ação teatral; mas o que a moral e a religião reprovam, não deve achar guarida na alma de um homem honesto e cristão. [...] Helena não saberá que ama, mas ama. Ora, um amor clandestino, de parceria com esse outro amor incestuoso, embora inconsciente, provaria da parte de Helena uma perversão que ela não pode ter, e que, em tal idade, faria dela um monstro. Será Helena esse monstro? Se o fosse, eu desesperaria da natureza humana. Não! Essa casa, onde a vida entrar, é com certeza asilo de miséria: o que ela aí vai levar é a esmola e a compaixão (ASSIS, 2004a, p. 365).

Estácio reagiu com horror à revelação feita pelo padre, mas, ao mesmo tempo, foi invadido de esperança de que aquelas palavras preservassem a honra da família. Ao final, jurou ao padre que evitaria Helena.

Em conversa com Melchior, Helena lhe disse que aquele homem não era seu irmão. O padre insistiu com veemência para que ela relatasse tudo, afirmando que ela não tinha o direito de hesitar. A jovem lhe respondeu:

– Não hesito, replicou Helena; em tais situações, uma criatura, como eu, caminha direito a um rochedo ou a um abismo; despedaça-se ou some-se. Não há escolha. Este papel, – continuou, tirando da algibeira uma carta, – este papel lhe dirá tudo; leia e refira tudo a Estácio e a D. Úrsula. Não tenho ânimo de os encarar nesta ocasião.

Melchior, atordoado, fez um leve sinal de cabeça.

– Lido esse papel, estão rotos os vínculos que me prendem a esta casa. A culpa do que me acontece, não é minha, é de outros; aceitarei contudo as conseqüências. Poderei contar ao menos com a sua bênção? (*Ibid.*, p. 369).

Os relatos de Helena permitem o seguinte questionamento: se ela própria revela que caminhava para a ruína, por que não aceitou os fatos? Ela agora estava livre para viver o amor que sentia por Estácio, no entanto, venceu o espírito viciado na dor e no sofrimento.

Salvador contou, mais tarde, a triste história de sua vida a Estácio e a Melchior. Falou-lhes de amor, luta, coragem e desencontro. Eram sulistas, ele e Ângela, a mãe

de Helena. Resolveram viver juntos contra tudo e contra todos. Chegaram ao Rio de Janeiro onde levavam uma vida modesta mas alegre. Certa época, seu pai, moribundo, mandou chamá-lo em sua terra natal. Ele foi obrigado, então, a deixar a família e ir para o Rio Grande do Sul, onde ficou retido certo tempo. Quando retornou, não encontrou mais nem a mulher nem a filha. Tomado por aquela melancolia que lhe era comum, ele se desesperou. Um antigo vizinho informou-lhe o novo endereço da mulher. Descobriu que Ângela havia se apaixonado pelo Conselheiro Vale e estava bem instalada em São Cristóvão. Inicialmente, pensou em raptar Helena, mas o espírito melancólico tomou conta dele:

[...] A notícia que me deram do Conselheiro Vale era a mais honrosa do mundo. Assentei que me ouviria e cederia a meus justos rogos. O demônio do orgulho impediu a execução do plano. Quase a entrar em casa do conselheiro, recuei. Decorreram assim cerca de dois meses. Emagreci; as longas vigílias fizeram-me pálido; o trabalho não me atraía; cheguei a padecer fome. O poeta lhe disse que a saudade é um pungir delicioso, não consultou meu coração. Acerbo o achei eu; é certo que a ela misturava-se a cólera, a cólera da impotência e o desgosto mortal do abandono (ASSIS, 2004a, p. 375-376).

Dessa forma, quando terminou de relatar sua triste história de homem melancólico e vencido, dizendo-se sempre derrotado pela vida e pela fortuna, chorava abertamente. Os outros dois homens também se comoveram e retornaram à chácara de Estácio. Este queria que a verdade viesse à tona. O padre impediu-o, dizendo-lhe que ele queria alterar o título e a posição de Helena naquela casa. Ele deveria, entretanto, pensar no escândalo e nos dois casamentos já acertados. O que lhes restava a fazer era esquecer o passado. Estácio aceitou o sacrifício que o padre lhe impunha, abdicou da felicidade com a jovem e reafirmou sua decisão de que tudo ficaria como antes. Mais tarde, já sozinho, recebeu uma carta de Salvador, na qual relatou que estava desaparecendo para sempre em nome da felicidade da filha.

Nessa noite, o amor de Estácio por Helena revelou-se com toda a sua violência. Ele reconheceu, entretanto, que jamais poderia vivê-lo e que melhor seria manter os casamentos. Na manhã seguinte, escreveu uma carta a Mendonça, convidando-o para uma visita: “Não o fez sem custo, mas fê-lo sem arrependimento. Tinha por fim apressar o casamento de Helena e o seu condenando-se a sofrer calado os golpes do avesso destino” (ASSIS, 2004a, p. 383).

A jovem, por seu lado, não aceitava nada que a família lhe dissesse. Estava disposta a abandonar a casa e recusar a herança. D. Úrsula e Estácio não o permitiam e ela vivia em angústia mortal. Estava nervosa, debilitada, insone. Não queria ver ninguém, tomada de grande excitação moral. O afastamento do pai foi outro golpe duro para ela. A família reafirmava os laços instituídos pelo Conselheiro e o amor que lhe nutriam, o qual ela mesma cativara. Ela insistia em deixá-los, acenando à ruína e afogando-se na dor.

Nos dias seguintes, permaneceu em seu quarto. Comia apenas o suficiente para não sucumbir e evitava qualquer contato humano. Padre Melchior recomendou cuidados extremados: “ele receava que Helena ou fugisse de casa, ou recorresse a algum ato de desespero” (ASSIS, 2004a, p. 385).

Helena perdia a razão em decorrência de tamanho sofrimento, ficando sua alma à mercê das paixões desenfreadas. Ela trazia já os lábios descoloridos e os olhos “doridos e murchos” em resposta ao seu interior envenenado.

Quando conversava com Estácio no jardim e uma brisa forte anunciava forte tempestade, o rapaz insistiu que ela para entrasse para a casa, temendo por sua saúde. Ela, entretanto, se recusou. O tempo fechou subitamente e um vento forte os flagelava. Seguiu-se de uma terrível borrasca que os alagou. Helena havia desmaiado e Estácio a carregou nos braços. A febre, que já começara antes do passeio no jardim, aumentara e a moça entregou-se à doença.

Todos se reuniram à sua volta em cuidados extremos. No sétimo dia, como o Criador, ela descansou. A alma de Helena encontrou, finalmente, o conforto e a paz que ela tanto almejava.

A “volúpia da dor”, cultivada pelas personagens, fizera várias vítimas: Helena morreu, Estácio casou-se com uma mulher que não amava e Salvador abandonou a filha quando esta ainda estava viva. Todos se entregaram ao sofrimento passivamente, sem reações ou revoltas. Como era convicção de Machado de Assis, aqui também o caráter das personagens conduziu a trama e determinou-lhes o destino.

7 A AMBIÇÃO: A MÃO E A LUVA

Após aparecer em forma de folhetim, em 20 edições do jornal **O Globo**, entre 26 de setembro e 3 de novembro de 1874, o livro **A mão e a luva** foi publicado ainda em dezembro desse ano. Segundo Machado (2003), esse romance teve modesta repercussão. O tema da presente obra é a ambição que, como traço de um caráter, forja o destino e determina a ação. Esse sentimento será apresentado mediante o caráter de duas de suas personagens principais: Guiomar e Luís Alves.

Em sua nota à edição de 1874, Machado de Assis destacou que seu intuito, ao escrever essa novela, era traçar o esboço dos caracteres que, embora incompletos, esperava tivessem saído naturais e verdadeiros. Acrescenta, ainda, que, dentre os caracteres desenhados, o de Guiomar, sobretudo, foi o seu principal objetivo. Pode-se, pois, presumir ser esta a figura central da trama. Além disso, declara que a ação é apenas uma tela na qual desenhou os perfis, ainda que pouco elaborados, segundo seu entendimento.

Guiomar tem seu caráter melhor delineado. É ativa, fria e manipuladora. Motivava suas ações, mostrando forte ambição de subir na vida e brilhar na sociedade em que vivia. Para atingir seu objetivo, nada a deteve. Jorge, sobrinho da baronesa, é vaidoso, afetado e empenha-se em se casar com Guiomar, também motivado pela cobiça da parte da herança da tia que a moça viria a receber no futuro. Luís Alves, por seu lado, era determinado e calculista, todavia apresentava, também, como traço marcante de sua personalidade, a ambição. Não lhe bastava ser um advogado promissor, porquanto queria ser um político de prestígio. Por conseguinte, uma herdeira jovem e bela, tal como Guiomar, viria muito bem a calhar com seu projeto de vida. Há, pois, nesse romance, três caracteres principais portadores de um traço de personalidade em comum os quais encenam o mesmo enredo da forte ambição pessoal. Se os sentimentos que eles trazem consigo são relevantes, não são, entretanto, o mais importante para cada um deles. O amor que uniu Guiomar e Luís Alves, por exemplo, embora sincero, era calculado e conveniente.

7.1 ESTUDO DA OBRA **A MÃO E A LUVA**

Os primeiros traços do caráter de Guiomar já ilustram o perfil da jovem que estava sempre no controle da situação. Trata-se de uma personagem esculpida para dar as cartas e conduzir o jogo na direção de seus interesses.

A madrinha acolhera-a com carinho após a morte de sua filha única. Fizera de Guiomar sua herdeira material e afetiva, Sentia grande amor pela jovem que viera reencher o vazio de sua vida. Certa ocasião, quando conversava com Mrs. Oswald, a jovem entrou no recinto, bela e altiva. A governanta inglesa enalteceu-lhe a beleza e chamou-a de “minha rainha da Inglaterra.” Guiomar sorriu de satisfação, pois estava acostumada a ter a beleza e a altivez reconhecidas. Aceitava os cumprimentos mas jamais revelava seus pensamentos mais íntimos. Ela tivera uma vida difícil e, no recôndito de sua alma, onde ninguém poderia atingir, conservava o desejo de não abrir mão da condição que desfrutava naquele momento. Conhecera a pobreza, bem como a indigência e, ainda, tivera a vida ameaçada pela miséria.

O narrador assim apresenta a protagonista do romance:

GUIOMAR tivera humilde nascimento; era filha de um empregado subalterno não sei de que repartição do Estado, homem probo, que morreu quando ela contava apenas sete anos, legando à viúva o cuidado de a educar e manter. A viúva era mulher enérgica e resoluta, enxugou as lágrimas com a manga do modesto vestido, olhou de frente para a situação e determinou-se à luta e à vitória.

A madrinha de Guiomar não lhe faltou naquele duro transe, e olhou por elas, como entendia que era seu dever. A solicitude, porém, não foi tão constante a princípio como veio a ser depois; outros cuidados de família lhe chamavam a atenção (ASSIS, 2004a, p. 215).

A infância de Guiomar foi solitária, pois estava sempre em companhia da mãe. Viviam numa casa modesta e ela era a única alegria da viúva. Por volta dos 10 anos de idade, começou a ter “uns desmaios do espírito, uns dias de concentração e mudez, uma seriedade, a princípio, intermitente e rara, depois freqüente e prolongada” (ASSIS, 2004a, p. 216). A mãe temia que “os desmaios” pudessem ser indício de morte breve da menina, o que aumentou ainda mais sua tristeza. Como, para Machado de Assis, os traços do caráter já se definem na infância, essa reação de Guiomar nada mais era do que o efeito de sua vida solitária e austera, mas também do desejo de ser mais do que era. Assim, a partir da afeição que ela começava a desenvolver pela sobriedade e pela

solidão, foi possível perceber que, gradativamente, aumentavam suas forças para lutar por uma vida melhor.

A seriedade da alma de Guiomar, que seguia esses seus “desmaios do espírito” – os quais nada mais eram do que o alheamento e o recolhimento – começaram quando, certo dia, ela pôde constatar que desejava algo mais para si. Seu silêncio poderia ser entendido como a frieza necessária para tomar as rédeas de sua vida em suas mãos e conduzi-la para onde quisesse. Quando tinha 10 anos, uma vez, brincando no jardim de sua casa, presenciou uma cena que a marcaria mais profundamente:

A primeira vez que essa gravidade da menina se lhe tornou mais patente foi uma tarde em que ela estivera a brincar no quintal da casa. O muro do fundo tinha uma larga fenda, por onde se via parte da chácara pertencente a uma casa da vizinhança. A fenda era recente; e Guiomar acostumara-se a ir espia ali os olhos, já sérios e pensativos. Naquela tarde, como estivesse olhando para as mangueiras, a cobiçar talvez as doces frutas amarelas que lhe pendiam dos ramos, viu repentinamente aparecer-lhe diante, a cinco ou seis passos do lugar em que estava, um rancho de moças, todas bonitas, que arrastavam por entre as árvores os seus vestidos, e faziam luzir aos últimos raios do sol poente as jóias que as enfeitavam. Elas passaram alegres, descuidadas, felizes; uma ou outra lhe dispensou talvez algum afago; mas foram-se, e com elas os olhos da interessante pequena, que ali ficou largo tempo absorta, alheia de si, vendo ainda na memória o quadro que passara.

A noite veio, a menina recolheu-se pensativa e melancólica, sem nada explicar à solítica curiosidade da mãe. Que explicaria ela se mal podia compreender a impressão que as cousas lhe deixavam? (*Ibid.*, p. 216).

Aos 13 anos, Guiomar ficou órfã. Nessa época, a madrinha já a havia levado para um colégio, onde ela se aprimorava culturalmente. Seu afeto pela baronesa era sincero e, desde a morte de Henriqueta, ela cuidou daquela senhora com desvelo de filha e atenção de mãe. Quando, tempos depois, veio morar com a madrinha, trouxe de volta a alegria que havia abandonado a casa, ainda enlutada.

Sobre sua vida amorosa, pode-se afirmar que esta lhe trazia alguns sobressaltos de desgosto e aborrecimento. Quando ainda estudava e trabalhava no colégio interno, conheceu, Estêvão, um estudante que cursava Direito em São Paulo. Ele estava de férias no Rio, onde morava sua família. O rapaz apaixonou-se perdidamente por ela. Como era um homem fraco, recorria sempre a um amigo, Luís Alves, para desabafar

seus infortúnios romanescos. Entre os dois amigos, havia um forte contraste de caracteres, como se pode observar, a seguir, na apresentação dessas personagens:

Cursavam estes dous moços a academia de São Paulo, estando Luís Alves no quarto ano e Estêvão no terceiro. Conheceram-se na academia, e ficaram amigos íntimos, tanto quanto podiam sê-lo dous espíritos diferentes, ou talvez por isso mesmo que o eram. Estêvão, dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à mercê de todas as circunstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões. Luís Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoísmo, e se não era incapaz de afeições, sabia regê-las, moderá-las, e sobretudo guiá-las ao seu próprio interesse. Entre estes dous homens travara-se amizade íntima, nascida para um na simpatia, para outro no costume. Eram eles os naturais confidentes um do outro, com a diferença que Luís Alves dava menos do que recebia, e, ainda assim, nem tudo o que dava exprimia grande confiança (ASSIS, 2004a, p. 200).

Nessa época, Guiomar tratou logo de pôr fim às abordagens amorosas de Estêvão, que preferiria morrer a ser rechaçado em seu amor. Evidencia-se que, enquanto a jovem tentava escapar dos pretendentes inoportunos e inconvenientes, pois tinha planos para si, havia um, dentre eles, que contava com a simpatia das mulheres da casa. O sobrinho da baronesa era

[...] um rapaz de vinte e cinco a vinte e seis anos. Jorge chamava-se ele; não era feio mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. O muito mimo empece a planta, disse o poeta, e esta máxima não é só aplicável à poesia, mas também ao homem. Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmero. Os olhos, claros e vivos, seriam mais belos, se ele não os movesse com afetação, às vezes feminina. O mesmo direi dos modos, que seriam fáceis e naturais, se os não tornassem tão alinhados e medidos. As palavras saíam-lhe lentas e contadas como a fazer sentir toda a munificência do autor. Não as proferia como as demais pessoas; cada sílaba era por assim dizer espremida, sendo fácil ver ao cabo de alguns minutos, que ele fazia consistir toda a beleza da elocução nesse alongar do vocábulo. As idéias orçavam pelo modo de as exprimir; eram chochas por dentro, mas trazia uma côdea de gravidade pesadona, que dava vontade de ir espairecer o ouvido em cousas leves e folgazãs (ASSIS, 2004a, p. 223).

Além desses defeitos aparentes, Jorge era também preguiçoso e não gostava de trabalhar. Vivia do pecúlio que os pais lhe legaram por herança e contava ainda com a possibilidade de receber parte dos bens da tia baronesa quando chegasse a hora. Mas, ele sentia afeto sincero pela dama, sabia dedicar-se, era incapaz de malfazer.

Guiomar, que não era afeita a fraquezas, certa vez, instou o fraco Estêvão a ser e agir como homem e não capitular à sua própria alma de criança. Naquela mesma noite, recolhida em seu quarto, Guiomar não conseguia dormir. Vale lembrar que ela não pensava no rapaz e sim em seu futuro e em suas ambições, conforme afirma o narrador:

[...] ela era toda da vida e do mundo, desabrochava agora o coração, vivia em plena aurora. Que lhe importava, – ou quem lhe chegara a fazer compreender esta filosofia seca e árida? Ela vivia do presente e do futuro e, – tamanho era o seu futuro, quero dizer as ambições que lho enchiam, – tamanho, que bastava a ocupar-lhe o pensamento, ainda que o presente nada mais lhe dera. Do passado nada queria saber; provavelmente havia-o esquecido (ASSIS, 2004a., p. 229).

Quando encontrou uma carta de Jorge escondida em seu livro, declarando-lhe seu amor, já só, em seus aposentos, a moça teve a seguinte reação:

O primeiro gesto de Guiomar foi de cólera. Se ele pudesse espreitá-la pelo buraco da fechadura, e ver-lhe a expressão do rosto, é mui provável que se lhe convertesse em aborrecimentos todo o amor que até agora nutria. Mas ele não estava ali, a moça podia traduzir fielmente no rosto os movimentos do coração.

“Mais um, pensou ela; este porém...”

E desta vez o gesto não foi de cólera, foi de alguma cousa mais, metade fastio, metade lástima, mescla difícil e rara (*Ibid.*, p. 232).

Guiomar leu a carta duas vezes e, ao terminar de fazer a segunda leitura, estava tão fria quanto da primeira. Em seguida, voltou a ler o romance. Mas não conseguiu se desvincular totalmente do problema que se lhe apresentava, ou seja, a proposta de casamento feita pelo sobrinho de sua madrinha. Então,

[...] Guiomar varreu do espírito os receios que lhe nasciam de tais interrogações; mas sentiu-os primeiro, pesou-os antes de os arredar de si, o que revelará ao leitor em que proporção estavam nela combinados o sentimento e a razão, as tendências da alma e os cálculos da vida (ASSIS, 2004a, p. 233).

Ela pôs-se, assim, a refletir sobre aqueles dois homens que lhe faziam a corte e na sua própria situação ante cada um. Trata-se de uma análise fria e franca da qual tanto Estêvão quanto Jorge saíram perdendo. Nenhum dos dois estava à altura de suas aspirações. Mas ela, ainda, sentiu-se ameaçada, temendo ter que se entregar a Jorge. Lamentou, momentaneamente, pelos seus sonhos – os sonhos acalentados na solidão de sua alma. Não

chorou porque não era de choros e sim de lutas. Estava abalada, mas jamais desanimada ou desesperada.

Quando apareceu um convite para uma viagem a Cantagalo, Guiomar se empenhou de corpo e alma para sua realização. Preferia abandonar a corte e a vida em sociedade que ela tanto amava apenas para se livrar dos dois pretendentes inconvenientes.

Luís Alves já havia percebido o caráter de Guiomar. Em certo momento, ele exclama para si: “– Não há dúvida; é uma ambiciosa” (ASSIS, 2004a, p. 241). Percebia, na moça, aquela parte sua que mais o impulsionava em suas ações. A pedido de Jorge, ele prometeu ajudá-lo a impedir o projeto da viagem. Estêvão também, por seu lado, despertou o interesse dele pela moça, o que acabou levando-o a se sentir atraído por ela. Certa noite, em casa da baronesa, ocorreu ao narrador mostrar não só a maneira racional do amor do rapaz, como também o traço principal que os uniria, ou seja, a ambição:

[...] Os olhos com que a contemplou não eram de cobiça nem de vaidade; a leitora, que ainda lembrará da confissão por ele mesmo feita a Estêvão, suporá talvez que eram de amor. Talvez, – quem sabe? – amor um pouco sossegado, não louco e cego como o de Estêvão, não pueril e lascivo, como o de Jorge, um meio termo entre um e outro, – como podia havê-lo no coração de um ambicioso (ASSIS, 2004a, p. 244).

Uma conversa entre os rapazes trouxe uma certa inquietude ao coração de Guiomar. Luís Alves era o primeiro que lhe despertava a curiosidade. Ela sentia tanto desprezo por Estêvão que nem o considerava mais em sua vida. Jorge, uma séria ameaça, despertava-lhe repugnância. Estêvão era tíbio, sentimental e impotente diante da vida, embora este lhe inspirasse algum respeito e ela pudesse vir a amá-lo, caso fosse forjado em metal mais duro, mas jamais poderia levá-la aonde ela pretendia chegar. Jorge, por sua vez, possuidor de uma triste vulgaridade disfarçada sob a máscara da pretensa importância, causava-lhe tédio. Ela estava alienada das alegrias banais e dos gozos simples. Sua natureza e seu passado haviam conspirado para que não se contentasse com pouco. Almejava tanto e mais que era capaz de sacrificar-se, caso não obtivesse o que desejava tão ardentemente:

[...] Mas a natureza e a sociedade deram-se as mãos para a desviar dos gozos puramente íntimos. Pedia amor, mas não o quisera fruir na vida obscura; a maior das felicidades da Terra seria para ela o máximo dos infortúnios, se lha pusessem num ermo. Criança, iam-lhe os olhos com as sedas e as jóias das mulheres que via na chácara contígua ao pobre quintal de sua mãe; moça, iam-lhe do mesmo modo com o espetáculo brilhante das grandezas sociais. Ela queria um homem que, ao pé de um coração juvenil e capaz de amar, sentisse dentro em si a força bastante para subi-la aonde a vissem todos os olhos. Voluntariamente, só uma vez aceitara a obscuridade e a mediania; foi quando se propôs a seguir o ofício de ensinar; mas é preciso dizer que ela contava com a ternura da baronesa (ASSIS, 2004a, p. 248).

No dia em que ficou acertado o cancelamento da ida para a roça, à noite, a baronesa recebia convidados e, dentre esses, Luís Alves, que, na primeira oportunidade, declarou a Guiomar seu amor. A jovem sentiu-se profundamente perturbada, como nunca antes em sua vida. Com o passar dos dias, o pretendente foi eleito deputado. Era, então, o candidato ideal ao coração de Guiomar e esta já suspeita que o amava. Ao se encontrarem sozinhos algum tempo depois, revelaram o sentimento que os unia. Luís Alves pediu-lhe que refletisse sobre o futuro deles, uma vez que o seu destino se encontrava nas mãos dela. A moça, de fato, já o amava, como nunca antes em sua vida, como se pode verificar na afirmação do narrador:

Guiomar amava deveras. Mas até que ponto era involuntário aquele sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar à nossa heroína a castidade do coração, de lhe não diminuirmos a força de suas faculdades afetivas. Até aí só; daí por diante entrava a fria eleição do espírito. Eu não a quero dar como uma alma que a paixão desatina e cega, nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos dos arbustos modestos plantado em frente de janela rústica. Ela queria-as belas e viçosas, mas em vaso de Sèvres, posto sobre móvel raro, entre duas janelas urbanas, flanqueando o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de caxemira, que deviam arrastar as pontas da alcatifa do chão (ASSIS, 2004a, p. 253-254).

Assim, a partir das considerações apresentadas, pode-se afirmar que o amor de Guiomar por Luís Alves era uma conveniência de sentimento e ambição. O afeto só ganhava forma diante do respaldo das realizações materiais, uma vez que nada de pobre, de rústico, de simples a interessava. Ela queria brilhar, ser a companheira de um homem de grandes atitudes, desfrutar das benesses de uma vida abastada, coroada por uma condição social invejável. Desde menina, tinha os olhos hipnotizados pelo luxo

e pela ostentação. Disfarçava seus devaneios ambiciosos por trás da máscara de altivez e frieza – as principais armas usadas para atingir seus objetivos. Luís Alves, em razão do círculo social em que estava inserido, possuía as características de um marido ideal. Advogado bem sucedido, político promissor, ambicioso como a própria Guiomar, enfim, ele possui o perfil de seu semelhante espiritual mais nítido. Se o amor os ligava, ainda mais fortemente a ambição os unia e, ainda, encaminhava-lhes o destino:

Podia dar-lhe Luís Alves este gênero de amor? Podia; ela sentiu que podia. As duas ambições tinham-se adivinhado desde que a intimidade as reuniu. O proceder de Luís Alves, sóbrio, direto, resoluto, sem desfalecimentos, nem demasias ociosas, fazia perceber à moça que ele nascera para vencer e que a sua ambição tinha verdadeiramente asas, ao mesmo tempo, que as tinha ou parecia tê-las o coração. Demais, o primeiro passo do homem público estava dado; ele ia entrar em cheio na estrada que leva os fortes à glória. Em torno dele ia fazer-se aquela luz, que era a ambição da moça, a atmosfera, que ela almejava respirar. Estêvão dera-lhe a vida sentimental, – Jorge a vida vegetativa; em Luís Alves via ela combinadas as afeições domésticas com o ruído exterior (ASSIS, 2004a, p. 254).

O advogado, após receber o bilhete de Guiomar, instando-o a pedi-la em casamento, escreveu uma carta à baronesa, a fim de lhe pedir a mão da afilhada. A sós com Guiomar, a madrinha deu-lhe total liberdade de escolha entre ele e seu sobrinho Jorge. Na hora de anunciar o nome do candidato escolhido, ela hesitou e, em seguida, proferiu o nome de Jorge. A madrinha não aceitou a resposta, afirmando que ela, de fato, amava o outro e que, portanto, deveria casar-se com ele. Guiomar calculara, perfeitamente, aquela reação da madrinha, por isso, dissera o nome do rapaz que detestava. Contava que a baronesa perceberia seu esforço e sacrifício para agradá-la.

O desfecho da trama foi favorável aos dois apaixonados que souberam conduzir, com maestria, a delicada situação. Jorge conformou-se com o destino e a baronesa com a escolha da afilhada. O casamento foi marcado num prazo de dois meses, o que deu grande alegria aos enamorados. Certo dia, antes das bodas, Guiomar perguntou a Luís Alves qual era sua opinião sobre ela. O rapaz disse-lhe que, para ele, ela era um anjo. Guiomar retrucou discordando e, ao mesmo tempo, revelando o lado mais obscuro de sua personalidade, aquela que ela até então encobria de todos, ou seja, uma mulher exigente e cheia de vontades, como se pode perceber em seu depoimento:

Se não sabe o que sou, – continuou Guiomar, – eu mesma o direi, para que você não se case comigo assim de emboscada, e não lhe aconteça unir-se a um demônio, supondo que é um anjo... – Um demônio! Exclamou Luís Alves rindo.

– Nem mais nem menos, retrucou ela rindo também. Saiba pois que sou muito senhora da minha vontade, mas pouco amiga de a exprimir; quero que me adivinhem e obedeçam; sou também um pouco altiva, às vezes caprichosa, e por cima de tudo isto tenho um coração exigente. Veja só se é possível encontrar tanto defeito junto (ASSIS, 2004a, p. 267-268).

No dia do casamento, a baronesa abriu as portas da casa de Botafogo para uma grande festa. Estava exultante e verteu lágrimas comovidas pela afilhada que as recebeu no fundo de seu coração. Guiomar havia atingido seus objetivos e sua ambição conduziu-a por meio dos delicados e sensíveis meandros de sua condição social desprivilegiada. Ela soubera encontrar o companheiro ideal que não só comungava com suas aspirações, como também poderia realizar todos os seus sonhos e projetos. Trata-se de uma união para lhes dar força e levá-los a atingir os objetivos almejados:

O destino não devia mentir nem mentiu à ambição de Luís Alves. Guiomar acertara; era aquele o homem forte. Um mês depois de casados, como eles estivessem a conversar do que conversam os recém-casados, que é de si mesmos, e a relembrar a curta campanha do namoro, Guiomar confessou ao marido que naquela ocasião lhe conhecera todo o poder da sua vontade.

– Vi que você era homem resoluto, disse a moça Luís Alves, que, assentado, a escutava.

– Resoluto e ambicioso, ampliou Luís Alves sorrindo; você deve ter percebido que sou um e outra coisa.

– A ambição não é defeito.

– Pelo contrário, é virtude; eu sinto que a tenho, e que hei de fazê-la vingar. Não me fio só na mocidade e na força moral; fio-me também em você, que há de ser para mim uma força nova[...]. Guiomar, que estava de pé defronte dele, com as mãos presas nas suas, deixou-se cair lentamente sobre os joelhos do marido, e as duas ambições trocaram o ósculo fraternal. Ajustavam-se ambas, como se aquela luva tivesse sido feita para aquela mão (ASSIS, 2004a, p. 270).

O mesmo traço de caráter que aproximou Luís Alves e Guiomar possibilitou a comunhão dessas duas almas em torno de um projeto de vida orientado pela grande ambição que os caracterizava. Não titubearam diante de nada e o cultivo da frieza interior, associado a um modo calculista e racional de administrar as situações, levou-os ao sucesso. A maneira como Machado de Assis descreve essas personagens é quase a de uma denúncia, de um registro sobre tipos comuns de seu tempo que compunham a sua realidade social. Essas figuras narrativas, entretanto, ainda continuam vivas na

realidade brasileira. São parte da alma nacional e tão familiares a ponto de nem serem mais reparadas.

8 A FRIEZA: *RESSURREIÇÃO*

Machado de Assis, numa nota à primeira edição do livro *Ressurreição*, destaca que seu interesse, ao escrever a história, não era fazer um romance de costumes, mas contrastar dois caracteres. Como era um estudioso da sociedade e dos caracteres da época, pode-se presumir que, ao descrever as personagens da obra, o autor estivesse inspirado por tipos que observava em seu meio.

O caráter do homem frio, abonado pela sorte e desocupado por vocação também devia ser um elemento bastante comum, a ponto de merecer o lugar de protagonista. O embate entre uma mulher apaixonada e um homem volúvel também não devia ser fato raro nas relações do período.

As viúvas – que aguçavam o desejo e a fantasia erótica masculina – parecem ter um lugar de destaque na sociedade carioca do Segundo Império, pois, mesmo quando já se tornavam matronas, ainda ocupavam o centro da cena social.

Importa ressaltar que este particular de viúvas fortes pode ser entendido como uma característica própria do autor e está diretamente relacionado com sua história de vida, pois fora criado pela mãe e, talvez, tenha levado essa marca para a literatura. De fato, não existe uma figura central de pai como uma personagem forte e determinante em suas obras. Os protagonistas das obras machadianas ou são fracos, ausentes ou estão mortos.

8.1 ESTUDO DA OBRA *RESSURREIÇÃO*

A história do romance *Ressurreição* se passa 10 anos antes do narrador iniciar seu relato. A personagem principal, o Dr. Félix, morava numa chácara em Laranjeiras. Ele estava com 36 anos de idade, “em que muitos já são pais de família e alguns, homens de Estado.” Este, entretanto, não passava de um “rapaz vadio e desambicioso”, como afirma o narrador:

[...] A sua vida tinha sido uma singular mistura de elegia e melodrama; passara os primeiros anos da mocidade a suspirar por cousas fugitivas, e na ocasião que parecia

esquecido de Deus e dos homens, caiu-lhe nas mãos uma inesperada herança, que o levantou da pobreza (ASSIS, 2004a, p. 117).

Conforme seu nome esclarece, “Félix era tanto nome de homem como o sobrenome de Sila”. O adjetivo, entretanto, quer dizer “com sorte, favorecido pelos deuses. Feliz. Que dá felicidade, propício, favorável” (FERREIRA, ([197-?]), p. 468).

Sobre o famoso homônimo histórico da personagem machadiana – Sila – esclarece-se que se trata de um homem que viveu em um conturbado período político da Roma republicana. Entre 145 e 78 a. C., a Itália foi agitada por guerras devido a sérios problemas agrários. Nessa época, conduziam os destinos pátrios o Senado romano e seus membros desfrutavam de um poder que só seria abafado pelo dos césores, décadas mais tarde. Dentre esses senadores, destacava-se Sila – um homem complexo, dono de virtudes e defeitos exemplares, conforme afirma Durant (1971, p. 98).

Sila foi uma criatura única – nas origens, no caráter, no destino. De nascimento pobre, tornou-se o defensor da aristocracia, do mesmo modo que os Gracos, Druso e César, todos nobres, tornaram-se os líderes da pobreza. Sila vingou-se de a vida tê-lo feito ao mesmo tempo aristocrata e sem vintém; ao ver-se rico, entregou-se ao regabofe sem conta nem medida. [...] Forte no grego e na literatura latina, distinguia-se como colecionador de objetos de arte (em regra obtidos por meios militares), tinha as obras de Aristóteles como parte dos mais ricos despojos trazidos de Atenas e ainda achava tempo, entre guerra e revolução, para escrever suas *Memórias*, tão desnordeadoras para a posteridade. Companheiro alegre e amigo generoso, devoto do vinho, das mulheres, das batalhas e do canto [...]. Não acreditava nos deuses, embora fosse muito supersticioso. O mais realista e insensível dos romanos, com a imaginação e os sentimentos sempre controlados pelo cérebro.

O médico, Dr. Félix, de um lado, estava muito distante dos feitos de Sila e suas ações jamais o registrariam na História. De outro, era como o senador romano, ou seja, um homem dedicado a si e a seu bem-estar.

Félix trabalhara apenas para sobreviver quando precisava. Não tinha índole para os grandes gestos nem para os grandes feitos. Mandrião, era amante do luxo e das ocupações elegantes e intelectuais. Não era feio, tinha as feições corretas. Era uma presença simpática: “A fisionomia era plácida e indiferente, mal alumiada por um olhar de ordinário frio, e não poucas vezes morto” (ASSIS, 2004a, p. 117).

Sobre o caráter da personagem, o narrador salienta:

Do seu caráter e espírito melhor se conhecerá lendo estas páginas e acompanhando o herói por entre as peripécias da singelíssima ação que empreendo narrar. Não se trata aqui de um caráter inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em quem se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis.

Duas faces tinham o seu espírito, e conquanto formassem um só rosto, eram todavia diversas entre si, uma natural e espontânea, outra calculada e sistemática. Ambas porém se mesclavam de modo que era difícil discriminá-las e defini-las. Naquele homem feito de sinceridade e afetação tudo se confundia e baralhava. Um jornalista do tempo, seu amigo, costumava compará-lo ao escudo de Aquiles – mescla de estanho e ouro, – “muito menos sólido”, acrescentava ele (ASSIS, 2004a, p. 118).

Ao compor o caráter do médico a partir de elementos históricos, um hábito cultivado ao longo de sua obra, Machado de Assis recorre, primeiro, ao Senador romano para enfatizar o egoísmo do protagonista – Sila – e, em segundo, ao tema do escudo de Aquiles, para ressaltar o seu interior revoltado, a eterna luta entre a racionalidade e sua beligerância.

Ressalta-se que o escudo de Aquiles, a pedido da deusa sua mãe Tétis, de “pés de prata”, foi confeccionado por Hefesto. Era a arma mais resistente da Ilíada:

O megaescudo pôs-se a fabricar primeiro,
maciço lavor – todo ele – dedáleo; então,
apôs-lhe uma orla rútila, tríplice-fúlgida.
Forjou de prata pura um talim. Revestindo
de cinco lâminas o escudo, na exterior
gravou, dedáleo, imagens de engenhoso talhe (CAMPOS, 2002, p. 257).

Além de esculpir os céus e o mar, Hefesto talhou também cenas urbanas sofisticadas, reflexo de uma sociedade complexa. Em ouro, destacavam-se Ares e Atena, bem como cenas de comemoração e batalha. Enfim, extremos da vida pública. Ares é o sangüinário deus da guerra; Atena, possuidora de inúmeras significações, “ é antes do mais a deusa da inteligência, da razão, do equilíbrio apolíneo, do espírito criativo e, como tal, preside a atividade do espírito” (BRANDÃO, 1991, p. 138). Nada melhor, então, do que esse complemento militar para descrever um homem complexo,

de espírito belicoso e racional, conforme atesta a presença dos deuses mitológicos nele lavrados.

Percebe-se, pois, que o autor está desenhando os traços da personalidade do protagonista a partir de vários elementos: seu nome deriva de um senador romano e seu caráter encontra-se esboçado nas figuras centrais do escudo idealizado por Homero, representando a razão e a guerra, os dois habitantes do coração do insensível médico.

Mediante o nome dessa personagem e dos traços de seu caráter, o narrador compõe, de maneira explícita e implícita, a alma de um homem dividido entre a frieza comandada pela razão e a paixão pelos confrontos bélicos. Expressa, outrossim, o embate de um caráter bipartido, em luta, cuja vitória de uma das partes de sua personalidade só será conhecida no final. Vencerá a virtude ou o defeito? Terão êxito as suas paixões amorosas ou a frieza de seu caráter?

Caldwel (2002, p. 41-42) aponta algumas semelhanças entre **Ressurreição e Dom Casmurro**:

Para deitar mais luzes na natureza deste conflito, permitam-nos examinar brevemente o primeiro romance de Machado de Assis, *Ressurreição*, que parece conter o germe de *Dom Casmurro*. *Ressurreição* também é uma adaptação de *Otelo* para a cena brasileira contemporânea, mas representa ainda os esforços de um aprendiz. Foi escrita vinte e oito anos antes, quando a arte de Machado ainda não era capaz da prestidigitação que encontramos em *Dom Casmurro*, de modo que os personagens não são os sutis e complexos seres humanos do romance posterior. Os personagens são rígidos e consistentes; embora parcialmente acabados, cada um deles apresenta uma faceta dominante – o que os torna mais fáceis de compreender.

A autora aproxima os dois romances pelo pretense tema do ciúme, que ela desenvolve amplamente e ao qual recorre para justificar a sua tese de que haveria uma interlocução muito próxima entre Machado de Assis e Shakespeare. Caldwell parece ter razão no tocante à semelhança dos caracteres do médico Félix e de Bento Santiago. Ambos são homens em luta com o interior insurreto, entre os defeitos e as virtudes, entre a realidade social que condena os vícios da alma e o íntimo selvagem, conforme determina as suas naturezas.

A história começa no dia de Ano Novo e Félix recebe a visita de Viana – irmão da viúva Lívia – que viera lhe trazer um convite do Coronel Moraes para uma festa em

casa deste. Viana, um parasita consumado, pretendia casar Félix com a irmã. Após a visita de Viana, Félix procura Cecília, jovem com quem mantinha um relacionamento pouco casto, para pôr fim no caso amoroso entre eles. Assim se define a própria personagem:

[...] Sou um coração defeituoso, um espírito vesgo, uma alma insípida, capaz de fidelidade, incapaz de constância. O amor para mim é o idílio de um semestre, um curto episódio sem chama nem lágrimas. Há seis meses que nos amamos; por que perderás tu o dia em que começa o ano novo, se podes também começar uma vida nova? (ASSIS, 2004a, p. 122).

Bem acomodado em seu interior frívolo, quando Lívia se apaixonou por ele, Félix resistiu a se entregar a esse romance por algum tempo. Após vários encontros, eles, finalmente se declararam apaixonados. Quando deixou a casa dela, em Catumbi, meditava:

“Fui longe demais, ia ele dizendo consigo; não devia alimentar uma paixão que há de ser uma esperança, e uma esperança que não pode ser outra coisa mais que um infortúnio. Que lhe posso eu dar que corresponda ao seu amor? O meu espírito, se quiser, a minha dedicação, a minha ternura, só isso... porque o amor... Eu amar? Pôr a existência toda nas mãos de uma criatura estranha... e mais do que a existência, o destino, sei eu o que é isso?” (*Ibid.*, p. 141).

Homem frio, impossibilitado de amar, não só se reprovava como também não compreendia os sentimentos de Lívia. Preferia que ela apenas tivesse por ele um interesse passageiro. Pretendeu ver, nas palavras da viúva, uma atração sensual disfarçada por um colorido apaixonado, afinal, ela o seduzia já há algum tempo, olhava para ele com olhos promissores: “Quando Félix chegou a casa, estava plenamente convencido de que a afeição da viúva era uma mistura de vaidade, capricho e pendor sensual” (*Ibid.*, 141). Isso lhe parecia melhor que uma paixão sincera e desinteressada. Nessa mulher, ele via a si próprio.

Enquanto Félix mantinha-se contido e discreto no novo namoro, Lívia era toda transparente. Não escondia dele a afeição que lhe tinha e seus olhos condenavam-na em sua presença. Com o tempo, acabou seduzido pela nova paixão: “O desenlace dessa situação desigual entre um homem frio e uma mulher apaixonada parece que deveria ser a queda da mulher: foi a queda do homem” (*Ibid.*, p. 143).

O amor de Livia fizera suscitar o outro lado do caráter de Félix. Seu coração acabou fraquejando e se entregando à viúva, entretanto, a entrega jamais seria total. Sua já alma estava corrompida pelos seus defeitos, de acordo com a seguinte afirmação do narrador:

O AMOR de Félix era um gosto amargo, travado de dúvidas e suspeitas. Melindroso lhe chamara ela, e com razão; a mais leve folha de rosa o magoava. Um sorriso, um olhar, um gesto, qualquer coisa bastava para lhe turbar o espírito. O próprio pensamento da moça não escapava às suas suspeitas: se alguma vez lhe descobria no olhar a atonia da reflexão, entrava a conjeturar as causas dela, recordava um gesto da véspera, um olhar mal explicado, uma frase obscura e ambígua, e tudo isso se amalgamava no ânimo do pobre namorado, e de tudo isso brotava, autêntica e luminosa, a perfídia da moça (ASSIS, 2004a, p. 146).

Livia aceitava, com alegria, as desconfianças de Félix e, em decorrência disso, ela se recolheu da vida social. Assim, quando Luís Batista lhe insemou o veneno do ciúme contra Livia, ele se entregou ao furor sem consideração. Escreveu uma carta violenta à namorada, na qual a acusava de perfídia e dissimulação. Rompeu com ela por correspondência. Em seguida, passou a ter dúvidas sobre a própria desconfiança e aguardou ansioso uma resposta à carta que enviara à moça. Livia preferiu ir vê-lo pessoalmente e colocar um ponto final naquele mal entendido. Finalmente se reconciliaram e a harmonia voltou a imperar entre eles.

Era, então, início de outubro, e os dois namorados se entendiam às mil maravilhas. Faziam planos para o casamento e marcaram a data para meados de janeiro seguinte. Félix impôs a condição de que ninguém soubesse do noivado até a proximidade das núpcias, fato que atenuava a vacilação de seu espírito.

Livia, por seu lado, também temia se ferir novamente. Seu primeiro marido esteve longe de corresponder às suas aspirações românticas. Certo dia, ela confidenciou detalhes de seu casamento anterior, quando Félix perguntou-lhe se o marido a amava, e ela lhe respondeu:

– Amava-me, creio, mas não entendíamos o amor do mesmo modo; tal foi o meu doloroso e tardio desencanto. Para mim era um êxtase divino, uma espécie de sonho em ação, uma transfusão absoluta de alma para alma; para ele o amor era um sentimento moderado, regado, um pretexto conjugal, sem

ardores, sem asas, sem ilusões... Erraríamos ambos, quem sabe? (ASSIS, 2004a, p. 154).

Naquele clima de sinceridade por parte da viúva, Félix também abriu seu coração. Contou a ela suas amargas experiências do passado que lhe haviam deixado marcas indeléveis e responsáveis pela sua frieza atual:

– Sim, perdi muito mais. Abraçar um cadáver, que é isso para quem já abraçou uma serpente? Tu perdeste apenas alguns anos de amor mal compreendido; não perdeste um bem precioso, que o tempo me levou: a confiança. Podes hoje ser feliz do mesmo modo que o querias ser então; basta que te ame alguém. Eu não, minha querida Lívia, falta-me a primeira condição da paz interior: eu não creio na sinceridade dos outros (ASSIS, 2004a, p. 155-156).

Assim, Félix continuou a sua história de afeições malogradas e traídas:

– Ninguém esperdiçou mais generosamente os afetos do que eu, continuou o médico, ninguém mais do que eu soube ser amigo e amante. Era crédulo como tu; a hipocrisia, a perfídia, o egoísmo nunca me pareceram mais que lastimáveis aberrações. Meu espírito criara um mundo seu, uma sociedade platônica, em que a fraternidade era a língua universal, e o amor a lei comum. Deixei-me ir assim, rio abaixo dos anos, gastando a seiva toda da juventude, sem cálculo nem arrependimento, até que me bateu a hora das decepções funestas. [...] Meu espírito ficou árido e seco. Invadiu-me então uma cruel misantropia, a princípio irritada e violenta, depois melancólica e resignada. Calejou-se-me a alma a pouco e pouco, e o meu coração literalmente morreu (*Ibid.*, p. 156).

Mas, conforme esclarece o narrador, Félix não estava sendo totalmente sincero com Lívia. A responsabilidade que ele imputava às suas experiências amorosas não era tão grande assim. Havia, ainda, o seu caráter que multiplicava o efeito da experiência para justificar suas atitudes:

Félix continuou a narração por este mesmo tom elegíaco e triste. Foi longa e fiel. Se a viúva não o escutasse só com o coração, poderia perceber alguma coisa mais do que ressentimento e amargura. Félix não era virtualmente mau; tinha, porém, um cepticismo desdenhoso ou hipócrita, segundo a ocasião. Não perceberia só isso; veria também que a natureza fora um tanto cúmplice na transformação moral do médico. A desconfiância dos sentimentos e das pessoas não provinha só das decepções que encontrara; tinha também raízes na mobilidade do espírito e na debilidade do coração. A energia dele era ato de vontade, não qualidade nativa: ele era mais que tudo fraco e volúvel (ASSIS, 2004a, p. 156).

Félix sempre reagia violentamente quando desconfiava de uma possível traição de Lívia, fato que trouxe muitos transtornos à viúva. Após inúmeros conflitos, marcaram o casamento. Na véspera, ainda de manhã, Félix recebeu uma carta anônima que atacava a moral de Lívia. Ao lê-la, ficou terrivelmente abalado. Furioso, escreveu nova carta a ela, pondo fim ao casamento.

Félix retirou-se para a Tijuca. Dias depois, Meneses foi procurá-lo. Encontrou um homem sereno, prova de um espírito frio e inconstante:

Com o tempo a consciência foi calando as vozes, e com o tempo, e a distância, e a sua índole variável, se lhe foi aquietando o coração. Aquele homem, que alguns dias antes chorava de desespero, nenhum vestígio guardara de suas lágrimas. Não se lhe apagara o amor da viúva, mas no lugar da paixão veemente, como que ficara apenas uma recordação remota e suave. Esta mudança era em parte obra do seu esforço, que buscava no esquecimento um refúgio; mas em grande parte era um efeito natural dele (ASSIS, 2004a, p. 189).

Félix mostrou a carta a Meneses. Esta era injuriosa e caluniava a inocente viúva. Insinuava que ela tivera um amante, pelo menos, enquanto o marido ainda estava vivo. Mesmo anônima, Félix não a colocara em dúvida. Meneses não acreditou nela. Com a ajuda do amigo, Félix reconstituiu o dia fatídico. Todos os índicos apontavam para a pessoa do advogado Dr. Batista. Não poderia haver mais dúvidas e, mais uma vez, Lívia era inocente. No dia seguinte, os dois homens retornaram à cidade. Félix foi direto à casa de Lívia se explicar e se desculpar. Ela não o recebeu naquele dia. Tempos depois, aceitou a visita do ex-noivo. Ouviu seu pedido de desculpas, contudo se recusou a recebê-lo novamente.

Após 10 anos, o narrador descreve o que se passou naquele espaço de tempo. Raquel e Meneses se casaram e eram felizes. Quanto ao destino de Lívia, o narrador afirma:

Lívia entra serenamente no outono da vida. Não esqueceu até hoje o escolhido do seu coração [...] Lívia soube isolar-se na sociedade. Ninguém mais a viu no teatro, na rua ou em reuniões. Suas visitas são poucas e íntimas. Dos que a conheceram outrora, muitos a esqueceram mais tarde; alguns a desconheceriam agora (ASSIS, 2004a, p. 194-195).

Félix entregou-se a seu caráter. Não havia mais lutas dentro dele. Sua frieza atingira o apogeu e direcionava a sua vida. Forjara o seu destino com as próprias mãos. Fora o artífice de sua sorte e regalava-se em si mesmo. O mundo e as pessoas eram coincidências passageiras, desconfortos e situações necessárias:

Félix é que não iria parar no claustro. A dolorosa impressão dos acontecimentos a que o leitor assistiu, se profundamente o abateu, rapidamente se lhe apagou. O amor extinguiu-se como lâmpada a que faltou óleo. Era a convivência da moça que lhe nutria a chama. Quando ela desapareceu, a chama exausta expirou (ASSIS, 2004a, p. 195).

Dessa forma, pode-se afirmar que nem o tempo foi capaz de alterar o caráter de Félix e, mesmo quando tudo ficou esclarecido, sua desconfiança não amainou:

[...] O amor do médico teve dúvidas póstumas. A veracidade da carta que impedira o casamento, com o andar dos anos, não só lhe pareceu possível, mas até provável. Meneses disse-lhe um dia ter a prova cabal de que Luís Batista fora o autor da carta; Félix não recusou o testemunho nem lhe pediu a prova. O que ele interiormente pensava era que, suprimida a vilania de Luís Batista, não estava excluída a verossimilhança do fato, e bastava ela para lhe dar razão.

A vida solitária e austera da viúva não pôde evitar o espírito suspeitoso de Félix. Creu nela a princípio. Algum tempo depois duvidou de que fosse puramente um refúgio; acreditou que seria antes uma dissimulação.

Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade. Félix é essencialmente infeliz. A natureza o pôs nessa classe de homens pusilânimes e visionários, a quem cabe a reflexão do poeta: “perdem o bem pelo receio de o buscar”. Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, quer haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento de confiança e a memória das ilusões (ASSIS, 2004a, p. 195).

Ao abordar um traço de caráter que conduzirá a ação, a frieza, no caso da narrativa em questão, Machado de Assis começa a perscrutar, já nesse seu primeiro romance, as características dos tipos mais comuns em seu meio. Percebe-se, pela leitura da obra, que o homem frio, egoísta, temperamental e voluntarioso, mesmo se bastando a si mesmo, tende a construir uma existência de carência afetiva e solidão. Essa personalidade fria se torna uma condenação, forçando o indivíduo a uma vida reclusa na própria alma. Uma perspectiva bastante pessimista.

CONCLUSÃO

Machado de Assis fez de seu trabalho literário objeto de profundo estudo a respeito da sociedade de seu tempo e dos diferentes caracteres que a compunham. Foi contemporâneo de uma literatura que, para se firmar brasileira, imortalizou tipos como o índio e o escravo e, ainda, deu vida a personagens cujo mundo era a selva ou a senzala. Como a poesia e a prosa da época ignorassem os demais elementos componentes da identidade nacional, ele reconheceu que urgia fazer uma reforma literária que desse voz a outros elementos sociais presentes nos centros urbanos brasileiros.

Em seu mister de crítica literária, admitia que tanto o índio como o escravo eram elementos componentes da cultura mas não fonte exclusiva para a inspiração artística. A ficção precisava avançar, explorar novas possibilidades, visando ao reconhecimento público e à consagração de uma arte verdadeiramente nacional.

Assim sendo, o autor concentrou suas pesquisas na realidade urbana, na vida em sociedade, especialmente no Rio de Janeiro, cidade imperial do Segundo Reinado. Nesta, destacou e imortalizou os tipos mais característicos.

Em decorrência de seu aguçado senso de observação e de sua elevada capacidade de inventar histórias, criar figuras com diferentes caracteres, Machado de Assis elaborou uma galeria populosa de personagens tipicamente brasileiras. Esses, contudo, extrapolaram a época e transitam até hoje pelas ruas do país, uma vez que o olhar perscrutador machadiano descreveu, com precisão cirúrgica, a alma nacional. Recorrendo à indução, partiu de particulares de seu meio e tempo, atingindo universais atemporais. Pintou, com cores nítidas, uma sociedade complexa, composta de vívidos caracteres.

No grupo de seus protagonistas, encontram-se os arrivistas, os ociosos, os insanos e os conformados, mas nenhum revolucionário ou sequer algum líder de causas altruístas, sendo essa uma ausência marcante na vida política brasileira que até hoje lamenta a falta de lideranças.

Luís Alves, Guiomar, Cristiano Palha e Sofia são todos arrivistas. Os ociosos, por seu lado, compõem-se de Félix; Jorge, sobrinho da baronesa; Jorge Gomes, Estácio Vale e o ocioso emérito, Brás Cubas. Entre os insanos, pontificam Quincas Borba, Simão Bacamarte, Pedro Rubião de Alvarenga e, como muitos consideram, Bento Santiago. Dentre os conformados, destacam-se três protagonistas: Helena Vale, Estela Antunes e a mãe de Estácio Vale.

O universo dos coadjuvantes é mais amplo: matriarcas, religiosos, parasitas, agregados, funcionários públicos, solteironas, prostitutas, trabalhadores braçais, profissionais liberais, devassos, políticos e capitalistas.

Nada, então, nessa sociedade ou nesses tipos, causa estranheza. Ao contrário do elemento índio ou do escravo, os tipos machadianos estão presentes até hoje na história social do Brasil. São seres que ainda vivem em qualquer cidade brasileira, sendo que qualquer cidadão pode se identificar com alguma de suas personagens. Assim, pode-se afirmar que, se um século após o esboço dessas figuras, os hábitos e os costumes sociais mudaram, a essência do homem nativo mantém-se a mesma. Alguns desses caracteres ganharam cores mais fortes, outros empalideceram, mas continuam todos aí, no meio da multidão.

Não satisfeito em delinear a essência de um povo, Machado de Assis deu um passo adiante em busca de traços particulares que compunham os caracteres desses tipos já clássicos: a frieza, a ambição, a “volúpia da dor”, o orgulho, a luxúria, a vaidade e a impiedade. Estes são os traços de caráter que se destacam em suas figuras narrativas, são aspectos psicológicos importantes que compõem a essência do ser humano em sua vida em sociedade, sendo também os elementos mais evidentes das personalidades e os responsáveis pela condução dos destinos, tanto em suas histórias como na vida real.

Embora a obra de Sigmund Freud, desconhecida do autor, aponte para as determinantes inconscientes que conduzem as vidas humanas, em nível consciente, ao qual Machado de Assis se voltava, essas características sobressaíam-se e faziam as vezes dos grandes oráculos na determinação dos fatos da vida.

Ao retratar a sociedade de seu tempo, ele a pintou permissiva e aberta e, nessa, os padrões morais e os hábitos sociais existiam como códigos a serem ultrapassados pelas paixões humanas. Na verdade, é como se o que estivesse em questão para Machado de Assis fosse esse “quê” de subjetividade que subverte a ordem, rompe os padrões morais, coloca em cheque a vida social, desvendando as suas verdades mais profundas e encobertas. Não há, pois, uma crítica aos comportamentos, às reflexões morais ou às sanções sociais. Publicamente, as regras eram atendidas e cultivadas. No espaço íntimo, entretanto, a subversão dessas regras engendrava a sua obra e conduzia os destinos de algumas das personagens.

Embora Machado de Assis destacasse, em seus romances, a situação social, política e econômica de determinada classe social no século XIX, o olhar que ele lança a esse segmento social é um olhar desprendido de todas essas amarras, podendo-se afirmar que ele não se aproxima das mulheres e dos homens como seres sociais, nem está interessado em mudanças ou conservadorismos públicos. Seu objetivo, enquanto estudioso do caráter humano, é pesquisar e registrar o que haveria de individual e subjetivo, não no seio de uma sociedade sólida, com princípios morais aparentemente bem definidos, mas sim, no espaço individual, naquilo que se poderia encontrar de mais próprio em cada tipo. Para ele, tanto as figuras masculinas quanto as femininas estão além dos padrões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano. Memórias póstumas de Brás Cubas: Livros e letras. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 129-133.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões; De magistro – Do Mestre**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

ALMEIDA, A. C. Bibliografia. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 108-110.

ARARIPE JÚNIOR. Idéias e sandices do ignaro Rubião. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 176-179.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [199-?].

_____. **De anima**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

ASSIS, Machado de. **Correspondência**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1955.

_____. Ressurreição. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 115-195.

_____. A mão e a luva. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 197-270.

_____. Helena. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 271-389.

_____. Iaiá Garcia. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 391-509.

ASSIS, Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 511-639.

_____. Quincas Borba. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 641-806.

_____. Dom Casmurro. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 807-944.

_____. Esaú e Jacó. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 945-1093.

_____. Memorial de Aires. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 1095-1200.

_____. O alienista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 2. p. 253-288.

_____. O passado, o presente e o futuro da literatura . In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004c. v. 3. p. 785-789.

_____. Idéias sobre o teatro. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004c. v. 3. p. 789-798.

_____. Notícia da atual literatura brasileira Instinto de nacionalidade. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004c. v. 3. p. 801-809.

_____. A nova geração. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 3. p. 809-836.

AZEREDO, Magalhães de. Quincas Borba. In: MACHADO, Ubiratan (Org). **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 167-175.

BARRETO FILHO. O romancista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 97-114.

BOCAIÚVA, Quintino. Resposta de Quintino Bocaiúva. In: ASSIS, Machado de. **Correspondência**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1955. p. 9-11.

BONNARD, André. **A civilização grega**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BORING, Edwin G. **História de la psicologia experimental**. Trad. Rúben Ardila. México: Editorial Trillas, 1979.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego**: origem e evolução. Rio de Janeiro: Tarifa Aduaneira do Brasil, 1980.

_____. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991. 2 v.

BÍBLIA sagrada. **Ezequiel**. Rio de Janeiro: Livros do Brasil S. A., 1962. cap. 2, p. 11. v. 3.

_____. **Gênesis**. Rio de Janeiro: Livros do Brasil S. A., 1962. cap. 2, p. 4. v. 1.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**. Trad. Haroldo de Campos. 3. ed. São Paulo: Arx, 2002. v. 2.

CONY, Carlos Heitor. Entrevista feita por Josélia Aguiar. **Entre Livros**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 21-25, jun. 2005.

CORDÁS, Táki Athanássios. **Depressão**: da bile aos neurotransmissores – uma introdução histórica. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.

COUTINHO, Afrânio. Estudo crítico – Machado de Assis na literatura brasileira. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004a. v. 1. p. 23-65.

DUARTE, Urbano. Crônica. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 117-118.

_____. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 133-134.

DURANT, Will. **César e Cristo**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

ERASMO. **Elogio da loucura**. Trad. Álvaro Ribeiro. 6. ed. Lisboa: Guimarães & C.^a Editores, 1982.

FERNANDES, Millôr. O outro lado de Dom Casmurro. **Veja**, São Paulo, n. 1889, p. 35, 26 jan. 2005.

FERREIRA, A. Gomes. **Dicionário de latim-português**. Porto: Tipografia Bloco Gráfico, [197-?].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. 28. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GALIMBERTI, Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios**. São Paulo: Paulus, 2004.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOMERO. **A Ilíada**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: ARX, 2002. v. 2.

_____. **Odisséia**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar**: o Juramento e outros textos. Trad. Dunia Marino Silva. São Paulo: Landy, 2002.

LACAN, Jacques. **Hamlet por Lacan**. Trad. Cláudia Berliner. Campinas: Escuta, 1986.

LESKY, Erna. **The Viena medical school of the 19th century**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1976.

LEWIN, Kenneth. **Freud**: a primeira psicologia das neuroses. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LISSNER, Ivar. **Os césares**: apogeu e loucura. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaelis).

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. (Documentos Brasileiros).

PEREIRA, Isidro S. J. **Dicionário grego-português e português-grego**. 6. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis**: um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

PLAUTO, Titus Maccius. **A comédia da marmita**. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

RIGOLETTO. A propósito de Iaiá Garcia. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 115-117.

RODRIGUES, Antenor Salzer. O delírio obsessivo de Com Casmurro. Trabalho acadêmico apresentado no Simpósio do CES/JF em 2006. 2005. mimeo.

SANTOS, J. dos. Crônica literária. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 229-232.

SENNA, Marta de. **O olhar oblíquo do bruxo**: ensaios em torno de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. Estratégias de embuste: relações intertextuais em Dom Casmurro. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/estrategiasdeembuste.html>. Acesso em: nov. 2006.

SÓFOCLES. Édipo em Colono. Trad. Aníbal Santos. In: _____. **Édipo antigo**. Porto: Rés, [198-?]. p. 165-236. (Biblioteca Mitológica).

VERGEZ, André, HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.

VERÍSSIMO, José. Um irmão de Brás Cubas. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 223-229.

_____. Carta de José Veríssimo a Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. **Correspondência**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1955. p. 161-163.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)